2º GRANDE BAILE MÍSTICO

da Ilha de Santa Catarina - 2021

O UNIVERSO FANTÁSTICO DE MEYER FILHO

EDITORA UDESC

2º GRANDE BAILE MÍSTICO

da Ilha de Santa Catarina - 2021

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

Reitor
Dilmar Baretta

Vice-Reitor
Luiz Antonio Ferreira Coelho

Pró-Reitora de Administração
Marilha dos Santos

Pró-Reitor de Planejamento
Alex Onacli Moreira Fabrin

Pró-Reitora de Ensino
Gabriela Botelho Mager

Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Comunidade (Proex)
Mayco Morais Nunes

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Letícia Sequinatto

Coordenadora do Museu da Escola Catarinense (MESC)
Sandra Makowiecky

Editora UDESC
Marcia Silveira Kroeff - Coordenadora
Fone: (48) 3664-8100
E-mail: editora@udesc.br
thhp://www.udesc.br/editorauniversitaria

Conselho Editorial
Marcia Silveira Kroeff– Presidente
Samira Kauchakje (CESFI)
Gilmar Moraes Santos (CEFID)
Giovanni Lemos de Mello (CERES)
Avanilde Kemczinski (CCT)
Sandra Regina Rech (CEART)
Delcio Pereira (CEPLAN)
Fabiano Maury Raupp (ESAG)
Marilei Kroetz (CEAVI)
William Campo Meschial (CEO)
Jordan Paulesky Juliani (CEAD)
Fernando Coelho (FAED)
Roseli Lopes da Costa Bortoluzzi (CAV)

S456 2º Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina 2021: o universo fantástico de Meyer Filho / Vera Regina Martins Collaço, Maria Isabel Orofino, Sandra Makowiecky (orgs.). – Florianópolis: UDESC, 2022.
154 p. ; il. color

Inclui Referências
ISBN-e: 978-65-88565-59-9

1. Folclore - Florianópolis. 2. Lendas. 3. Misticismo. 4. Meyer Filho, Ernesto. I. Collaço, Vera Regina Martins. II. Orofino, Maria Isabel. III. Makowiecky, Sandra.

DOI: 10.5965/9786588565599 CDD: 398.0981641 - 20.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Mariana O. S. Pfleger CRB 14/1243
Biblioteca da UDESC

VERA COLLAÇO, MARIA ISABEL OROFINO E SANDRA MAKOWIECKY

Organização

2º GRANDE BAILE MÍSTICO da Ilha de Santa Catarina - 2021

O universo fantástico de Meyer Filho

Florianópolis
Ilha de Santa Catarina
2022

EDITORA UDESC

© 2º Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina – 2021

Conselho Curador
Sandra Makowiecky
Gelci José Coelho (Peninha)
Sílvia Lenzi
Vera Collaço
Sandra Ramalho e Oliveira
Sandra Meyer Nunes
Zena Becker
Maria Isabel Orofino (Bebel)
Roseli Pereira
Laudelino José Sardá
Roberto Costa

Colaboradores: Adriana Aparecida de Brito, Alan Cardoso, Alessandra Gutierrez, Alexandre Corrêa, Andrea Rihl, Cassiano Reinaldin, Clarissa Flôr, Denise de Castro, Fernando Guedert, Fernando Pereira Oliveira, Flora Bazzo, Irga Shas, Jackson Cardoso, Jone César de Araújo, José Rodolfo Kowalski, Kalina Marinho da Costa, Juciléia Borges, Leonardo Garofallis, Lúcia Prazeres, Luiza Filippo, Márcia Regina Teschner, Nilva Damian, Rodrigo Rosa, Sandra Puente, Valdemir Klamt e Valdir Agostinho

Coordenação de produção: Bebel Orofino e Sandra Meyer Nunes
Registro em vídeo: Samuel Santos – Dual Filmes
Registro em fotos: Nilva Damian e Sandra Puente (Dois Clicks Fotografia); Luiza Filippo, Marco Cezar, Pedro Alípio Nunes e Guilherme Schaefer
Diagramação: Marli Henicka
Revisão: Cláudia Bechler
Assessoria de imprensa: Laudelino José Sardá, Rogerio Mosimann e Luciana de Moraes
Gestão financeira: Márcia Regina Teschner

Realização
Museu da Escola de Santa Catarina – MESC/UDESC
Associação FloripAmanhã
Instituto Meyer Filho

Patrocínio
Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – Edição 2020
Fundação Catarinense de Cultura – FCC
Governo do Estado de Santa Catarina

Doação
ENGIE

Sede
Museu da Escola Catarinense – MESC/UDESC
Rua Saldanha Marinho, 196, Centro – Florianópolis, SC - 88010-450
Telefone (48) 3664-8110

Apoio cidadão
Sr. Sérgio dos Reis (síndico Ed. Florêncio Costa – Galeria Comasa)
Sr. Irineu Berardi Meireles
Sr. Édio Nunes
Dr. Luiz Alberto Silveira

Apoio institucional
Centro de Artes – CEART/UDESC
Comissão de Arte Pública de Florianópolis – COMAP
Colormar Tintas
Tintas Coral – Tudo de Cor
Street Art Tour
Ondina Editora
30 por Segundo
Lojas Koerich – Gente Boa. Gente Nossa.

O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO
PATROCÍNIO
Fundação Catarinense de Cultura
SANTA CATARINA
DOAÇÃO
ENGIE
REALIZAÇÃO
UDESC
CEART
MEYER FILHO
APOIO
Coral
IPUF
COLORMAR
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont

SUMÁRIO

10 **APRESENTAÇÃO** NOS JARDINS SIDERAIS DE MEYER FILHO, Bebel Orofino

16 **PREFÁCIO** UM SALVADOR DALÍ TÃO AQUI… Gelci José Coelho (Peninha)

PARTE 1 – MURAL *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*

18 CIDADE COMO OBRA DE ARTE EM MUSEU A CÉU ABERTO: O MURAL DE MEYER FILHO E O MOVIMENTO BAILE MÍSTICO 2021, Sandra Makowiecky

42 O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO, Sandra Ramalho e Oliveira

45 A ILHA, MEYER E A CONSCIÊNCIA, Laudelino José Sardá

46 A TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE ERNESTO MEYER FILHO

52 GALERIA: MURAL *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*, fotos de Nilva Damian e Sandra Puente

68 FICHA TÉCNICA DO MURAL *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*

PARTE 2 – A EXPOSIÇÃO *BORDADOS PARA MEYER FILHO*

72 BORDAR E TECER EM TEMPOS MODERNOS, Sandra Meyer Nunes

78 PRESENÇAS DE MEYER FILHO EM CRIAÇÕES DE BORDADEIRAS, Sandra Ramalho e Oliveira

102 NÓS, BORDADEIRAS, Susan Aparecida Mariot e Priscila Mendes Gobbi

106 GALERIA: *BORDADOS PARA MEYER FILHO*, fotos de Luiza Filippo

- 110 Andrea V. Zanella, *Peixe-galo em noite de sol ...*
- 111 Carin Iara Loeffler, *Bernunça visita o cosmo*
- 112 Carol Grilo, *Sete*
- 113 Eliâne Carin Hadlich, *Do vermelho sangue que tinge Anhatomirim*
- 114 Eliziana Vieira e Araújo, *Relicário*
- 115 Eneida Soares de Macedo, *A Ilha*
- 116 Flávia Vieira Guimarães Orofino, *Meyer tá certo!*
- 117 Gabriela Cavalheiro, *Resgate do amor à Ilha*
- 118 Jany Vilas Bôas, *Mundos de Meyer Filho*
- 119 Márcia Mendonça, *Cabelos de ninho...*
- 120 Maria Cristina F. Faria (Tina), *Galo 1958/2021*

121 Maria Dolores Ripoll Tavares Leite, *Jardim em Marte*
122 Maria Jaqueline Maffazioli, *Imponência*
123 Marilde Juçara da Fonseca, *Galinossauro*
124 Myriam Liége Guaraldi Bohrer, *Pot-pourri Meyer Filho*
125 Myrian Maciel de Carvalho, *Garnizen*
126 Norma Bruno, *Galo de briga*
127 Olga Celestina da Silva Durand, *A fauna mística*
128 Olinda Evangelista, *Miudezas de Meyer Filho*
129 Paula Marimon, *Ondinas: sob o sol de Meyer Filho*
130 Paula Schlindwein, *Ondina, da metamorfose ...*
131 Priscila Mendes Gobbi, *Eu cósmico*
132 Roberta de Oliveira Pereira, *A paixão da planta peixe pela planta galo ...*
133 Rozi Couto, *Cores e encantos*
134 Silvana Maria Scheuer Becker, *Bruxa mística*
135 Silvia Zanatta Da Ros, *Femininos*
136 Sofia Blauth, *Fundo do mar*
137 Susan Mariot, *Delírio*
138 Vera Faria, *Esperança*

139 FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO *BORDADOS PARA MEYER FILHO*

PARTE 3 – LENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

140 O LIVRO DA NOSSA CULTURA, Laudelino José Sardá
A luz do bota, Bebel Orofino
Nossa senhora, o linguado, o siri e as tainhas prateadas, Gelci José Coelho (Peninha)
Florêncio, o curioso, Gelci José Coelho (Peninha)

148 FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO *ÍNSULA: TRILHAS E TRAÇOS DA MAGIA*

149 HOMENAGEADO DO ANO
150 AGRADECIMENTOS
154 HINO DO BAILE MÍSTICO

APRESENTAÇÃO

BEBEL OROFINO[1]

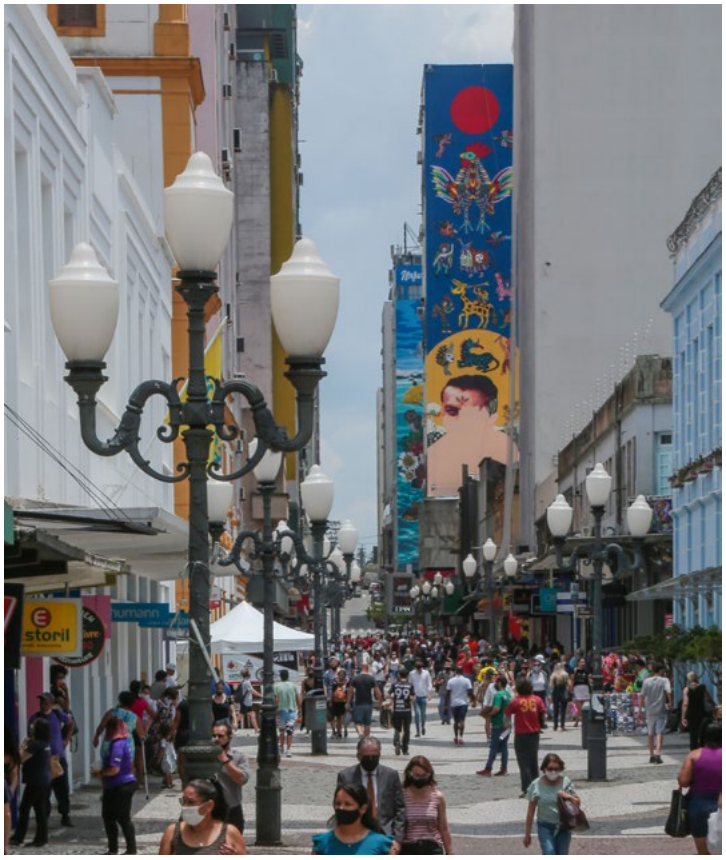
NOS JARDINS SIDERAIS DE MEYER FILHO

O Grande Baile Místico é um projeto colaborativo. Ele nasceu em 2019, com a notícia de que no dia 1º de outubro daquele ano se completavam 125 anos da mudança do nome da nossa cidade, que de Nossa Senhora do Desterro, passou a se chamar Florianópolis, quando aconteceu a Revolução Federalista e o chamado massacre de Anhatomirim, quando foram sumariamante fuzilados mais de 185 homens revoltosos, deixando um trauma na população local.

Atentos à importância da data, um grupo de apaixonados pela Ilha de Santa Catarina criou um movimento que surgiu do desejo de se pensar e debater a cidade, sua história e ambiente pelas vias artísticas e culturais. Como a data do evento histórico em questão é 1º de outubro de 1894, pareceu evidente que, nesse mês, o baile teria que ser das bruxas. No primeiro ano, o homenageado foi o Gelci José Coelho (Peninha), discípulo de Franklin Cascaes. E o conto de sua autoria, *Baile de Bruxas em Itaguaçu* é a história-base que inspira o projeto.

No ano de 2019 aconteceu então a primeira edição do Outubro Místico – o mês da magia na Ilha –, que alcançou uma adesão popular surpreendente. A programação iniciou com o 1º Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina, no dia 4 de outubro, no centro da cidade com (i)Aula-Performance sobre os 125 anos da mudança do nome da capital; (ii) Palestras; (iii) Feiras de artesanato e gastronômica e o (iv) Cortejo Grande Baile Místico que contou com a participação de mais de 500 pessoas em desfile pelo centro histórico da cidade, com incrível aceitação popular, agregando os mais diferentes artistas e atraindo a atenção da comunidade, imprensa, empresários e gestores públicos. O evento foi um grande sucesso. Do Grande Baile Místico surgiu a programação Outubro Místico, agregando outras iniciativas vinculadas ao tema da magia da Ilha de Santa Catarina, como o espetáculo de dança *O aviador no planeta de Cascaes*, com direção de Alessandra Gutierrez, apresentada no Teatro Álvaro de Carvalho no dia 17/10 e o grande show musical *A vida é uma festa*, do menestrel Valdir Agostinho, realizado no Teatro Ademir Rosa no CIC em 1/11, encerrando a programação do mês. Este foi outro grande sucesso, lotando o teatro com uma plateia composta por moradores das mais variadas freguesias e comunidades da Ilha de Santa Catarina.

1 Coordenadora de produção do projeto Grande Baile Místico.



O MURAL O *BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*, NO CALÇADÃO DA RUA FELIPE SCHMIDT, NO CORAÇÃO DA CIDADE.

Em 2020, a pandemia de covid-19 paralisou o planeta, e com cenário social absolutamente sinistro e triste, não houve baile nem nada mais. O Conselho Místico, porém, já havia escolhido o artista a ser homenageado. Por unanimidade, o literalmente maravilhoso **Ernesto Meyer Filho (1919-1991)**, em seu centenário de nascimento, foi o escolhido. Assim, os convidados para o Cortejo Grande Baile Místico seriam os galos suntuosos e deslumbrantes, acompanhados do elenco de seres siderais, em especial os de Marte, como convidados de honra!

No ano de 2021 a Câmara Municipal aprovou por unanimidade o Projeto de Lei 10.790 em 05 de julho de 2021. Em que, no Art. 1º fica incluído item no anexo IV da Lei n. 10.482 de 2019, com a seguinte redação:

> Anexo 4/Meses Alusivos: MÊS OUTUBRO MÍSTICO. Art. 2º São objetivos do mês Outubro Místico: 1. Valorizar o patrimônio histórico artístico e cultural do município de Florianópolis; 2. Difundir a cultura mitológica local e 3. Promover palestras, debates, encontros, feiras, eventos e seminários com foco na temática para o público em geral. Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. Florianópolis aos 5 de julho de 2021. Gean Marques Loureiro – Prefeito Municipal. Everson Mendes – Secretário Municipal da Casa Civil.

Fotos de Luiza Philippo e Guilherme Schaefer

1

2

CENAS DO 1° GRANDE BAILE MÍSTICO REALIZADO NO CENTRO HISTÓRICO EM 4 DE OUTUBRO DE 2019. NAS FOTOS 1 E 2 A AULA-PERFORMANCE *BERRO PELO DESTERRO – FANTASMAS DE ANHATOMIRIM* E NAS DEMAIS O *CORTEJO ALEGÓRICO GRANDE BAILE MÍSTICO*.

Mas com a pandemia veio a impossibilidade de realizar o Cortejo Alegórico, e o Conselho Místico escolheu outra forma de homenagem: a realização de um painel de arte de rua. E foi o que aconteceu. A cidade ganhou um mural mágico, criado e pintado pelo artista local Rodrigo Rizo com assistência de Tuane Fernandes, localizado no coração do centro: na Galeria Comasa, como é popularmente chamado o Edifício Florêncio Costa na Rua Felipe Schmidt, nº 58. O título do mural é *O Baile Místico de Meyer Filho*, em alusão ao que desejávamos realizar pelas ruas do Centro Histórico da cidade. Estão lá os personagens, em desfile: o galo sideral, próximo ao planeta Marte, e vários outros seres mitológicos dançando livremente no espaço cósmico da Ilha. E já reza uma lenda de que em dias de céu de anil, o painel funde-se no azul profundo e os seres saem todos livres e soltos pelos ares. E vão até Marte e voltam. Um fenômeno. Um espanto! — como dizem aí pelos cantos da Ilha.

Ernesto Meyer Filho: esse grande artista que registou tão bem aquilo que hoje chamamos, na linguagem popular, de magia da Ilha, com a beleza de sua paisagem exuberante e inigualável e sua divertida mitologia. Ao artista Meyer Filho, o nosso eterno muito obrigado!

Sua obra nos lança aos caminhos do fantástico, do maravilhoso, numa viagem sideral para o além; até o planeta Marte, onde podemos passear por encantados jardins cósmicos. E, num átimo de segundo, nos traz de volta aos quintais da Ilha, com seus galos e muitos outros seres encantados. É um dos maiores expoentes na temática do mito e magia na arte catarinense. Esse traço genuíno, singular, tão nosso e da nossa cultura: o universo fantástico! A cultura da Ilha é farta em narrativas mito-mágicas. É farta em lendas! Meyer Filho nos oferece um elenco de mitos, personagens fantásticos e paisagens telúricas em fantasia multicolorida. E, ao Instituto Meyer Filho, agradecemos pela generosa parceria ao ceder gratuitamente o uso das imagens de seu acervo.

Como destacou Adalice de Araújo (1977, p. 161):

> O cimento, a técnica, o consumo, a razão, a massificação, fazem com que esqueçamos o mundo mítico da infância, a magia que vive subterraneamente em nós. Meyer filho, servindo-se de retalhos de paisagens e raízes culturais da Ilha, nos propõe poesia, amor e sonho. Em fantasia e primavera, ele descobre uma face oculta do mundo, de dias sem fim em carnavais cósmicos. Ele, que é o nosso Embaixador Plenipotenciário do Planeta Marte em todo o território brasileiro, do Rio Oiapoque ao Arroio Chuí, nos contou: "Em minhas numerosas viagens de ida e volta ao nosso querido planeta vermelho, muitas coisas me entusiasmaram e me intrigaram. Mas o maior mistério para mim, durante

> muito tempo, foram os jardins de Marte. Sim, os seus maravilhosos e misteriosamente sempre verdes e sempre floridos jardins: Como você sabe, as plantas são como gente: nascem, crescem, murcham e morrem. Como então explicar o perene verdor dos extraordinários jardins marcianos?"

Em suas inúmeras viagens siderais, nosso amado artista Meyer Filho legou um vasto elenco de seres sobrenaturais. São os seus galos e rituais cósmicos, seres alados, marcianos, em incríveis jardins siderais a partir da nossa Ilha Encantada.

É por tudo isso e muito mais que oferecemos ao nosso amado artista a entrega de um mural de 33 metros de altura, com uma área de 264 m², realizado pelo muralista Rodrigo Rizo, junto com Tuane Ferreira, com a produção de Victor Moraes, artistas que vêm ajudando a transformar a nossa cidade em uma galeria de arte a céu aberto!

Assim, a Parte 1 deste livro traz um debate sobre a cidade como obra de arte, e o painel *O Baile Místico de Meyer Filho* como símbolo; pela voz de duas bruxas-chefes da caterva: Sandra Makowiecky e Sandra Ramalho e Oliveira. Traz também um lírico registro de memórias do convívio com o artista pela voz do jornalista e escritor Laudelino José Sardá. Além de um poema de Gelci José Coelho (Peninha), e um ensaio fotográfico sobre o processo de realização do mural pelas lentes de Nilva Damian e Sandra Puente, que assistiram e registraram o trabalho de Rodrigo Rizo e Tuane Fernandes desde os primeiros traços na parede em novembro até a entrega em dezembro, em um trabalho de velocidade assombrosa.

Além do grande mural no centro da cidade, o movimento Baile Místico organizou outras ações culturais para render a sua homenagem ao grande artista: a exposição *Bordados para Meyer Filho*, realizada pelo grupo *Linhas do Corpo – Projetos Bordados*, e o lançamento do livro *Lendas da Ilha de Santa Catarina*, de autoria de Gelci José Coelho (Peninha) em uma parceria comigo. Ambos aconteceram no *hall* do Museu da Escola Catarinense (MESC/UDESC) na noite de 22/03/2022. A exposição ficou em cartaz até 12/04/2022.

A Parte 2 deste livro comenta a exposição *Bordados para Meyer Filho* que foi organizada pelas bruxas-conselheiras Sílvia Lenzi e Vera Collaço, em parceria com as representantes de um incrível círculo de mulheres que se reúnem para criar, bordar e falar de bordados. Susan Aparecida Mariot e Priscila Mendes Gobbi representam o *Linhas do Corpo – Projetos Bordados* em coautoria com 29 bordadeiras: Andrea V. Zanella, Carin Iara Loeffler, Carol Grilo, Eliâne Carin Hadlich, Eliziana Vieira e Araújo, Eneida Soares de Macedo,

Flávia Vieira Guimarães Orofino, Gabriela Cavalheiro, Jany Vilas Bôas, Márcia Mendonça, Maria Cristina Fernandes Faria (Tina), Maria Dolores Ripoll Tavares Leite, Maria Jaqueline Maffazioli, Marilde Juçara da Fonseca, Myriam Liége Guaraldi Bohrer, Myrian Maciel de Carvalho, Norma Bruno, Olga Celestina da Silva Durand, Olinda Evangelista, Paula Marimon, Paula Schlindwein, Priscila Mendes Gobbi, Roberta de Oliveira Pereira, Rozi Couto, Silvana Maria Scheuer Becker, Silvia Zanatta Da Ros, Sofia Blauth, Susan Mariot, Vera Faria. Eita, caterva! Salve! Quanta honra, queridas!

Este livro traz o catálogo desta exposição em que as bordadeiras relatam a sua experiência de laçar a linha evocando Meyer Filho e também dois artigos com reflexões de autoria das bruxólicas Sandra Meyer Nunes e Sandra Ramalho e Oliveira, quando tecem tranças e passamanarias em palavras sobre a presença de Meyer Filho e de sua esposa Ruth Silveira de Souza Meyer (que era também uma artista das linhas), naqueles bordados e em suas urdidas tramas pelo espaço sideral a partir da Ilha.

Já na Parte 3 há uma menção ao livro *Lendas da Ilha de Santa Catarina*, de Gelci José Coelho (Peninha), com minha participação, ilustrações de Letícia Martins, e publicado pela Ondina Editora. O livro traz um panorama sobre a história da Ilha, destacando as suas culturas de base, com ênfase para o papel da cultura açoriana na formação do imaginário fantástico local. Reúne também uma coletânea de contos e casos raros famosos na Ilha, em literatura popular de realismo mágico. E traz também resenha crítica de Laudelino José Sardá sobre o livro e uma separata com três contos fantásticos que compõem a coletânea: *A luz do Bota* (em homenagem a Meyer Filho, pois traz uma narrativa em que a tal da luz mais parece uma nave espacial pilotada por marcianos). *Florêncio, o curioso*, que conta da presença de ondinas em nosso deslumbrante cenário local. E também a clássica *Nossa Senhora, o linguado, o siri e as tainhas prateadas* que foi registrada por Franklin Cascaes e aqui está narrada por Gelci José Coelho (Peninha).

No mais, só nos resta agradecer muito pela colaboração de todos os artistas envolvidos neste projeto que cresce a cada ano! Que sejam muitos, pois a lista de artistas fantásticos em nossa Ilha é realmente surpreendente. A próxima edição, em 2022, será em homenagem à encantada Vera Sabino. Que seja lindo, porque divina é a sua obra! E assim, invocamos:

“Santa Catarina de Alexandria,
protegei o Baile Místico, a linda festa da Ilha da Magia!”

PREFÁCIO

GELCI JOSÉ COELHO (PENINHA)[2]

UM SALVADOR DALÍ TÃO AQUI...

Eu era jovem e certo dia fui ao Museu de Arte de Santa Catarina e conheci o Rodrigo de Haro. Naquela ocasião, ele estava lá... E eu o conheci. E outro dia, eu acabei indo lá na casa família de Haro: do Martinho e da Dona Maria Palma, da Sílvia, enfim. E ele tinha um irmão mais moço, com quem eu fiz amizade, que era o André. Eu andava com as minhas pranchetas, com os meus desenhos, para mostrar para as pessoas, pedir opinião, orientação.

E nessa de estar lá com o André, na Altamiro Guimarães, tinha um rapazinho chamado Paulinho; filho do Ernesto. Ele que me viu e me convidou para ir lá na casa dele, ali em frente à do Martinho, para ver o trabalho do pai dele, os desenhos.

E eu fui... Parece que estou vendo ele assim... Havia uma mesa redonda, cheia de papeizinhos, de cartões, tudo desenhado, colorido, mas ele mostrou — não sei por que —, ele fez questão de mostrar aquele galo: um galo branco, bonito, que era bem diferente, normal, comportadíssimo. Eu acho que aquele galo é a Monalisa da obra do Ernesto. Porque era uma coisa linda. Parecia que ele tinha desenhado cada pluma, recortado e colado na figura, de tal sorte que qualquer brisa ia estremecer aquelas plumas todas! Ora... Que interessante!

Mas embora eles tenham falado muito de galo, e de galo, e que galo é uma marca; dizer que ele só desenha galo, é reduzido. Ele sabe é desenhar de tudo! Visto pelo que mostrou nos poemas pintados, que eram as casas luso-açorianas. É uma lindeza! A lindeza na obra do Ernesto que são os quintais da Ilha. São uma coisa linda! Aquilo é um verdadeiro poema.

E a gente era muito ativo. Participava de tudo o que tinha na cidade. E havia um programa na TV Barriga Verde, parece que era o programa do César Souza, um programa de auditório que tinha uma comissão julgadora. E eu, o Ernesto, parece que até o Peixoto[3], estávamos nesse elenco. E era muito engraçado: "aí óh, aí óh, aí óh, aí óh!"; ele dizia... Era um mantra que ele fazia. Ele era o próprio folclore. E esses programas de auditório eram muito divertidos...

2 Museólogo, artista e pesquisador da cultura local.

3 Luís Paulo Peixoto (1948-1991), grande produtor cultural da Ilha e parceiro de Beto Stodieck na galeria de arte Studio A/2.

MEYER FILHO, SEM TÍTULO, CRAYON SOBRE PAPEL, 38 X 52 CM., 1957, QUE, SEGUNDO PENINHA: "É A MONALISA DA OBRA DO ERNESTO".

Um dia eu estava passeando ali pela rodoviária antiga e tinha um boteco com um balcão de fórmica vermelha e ele estava lá no fundo com uma garrafa e um copo. E aí, quando ele me viu ele: "aí óh, aí óh, aí óh, aí óh!".

Ele era muito divertido... E aí, nessa ocasião, ele me contou tudo sobre o cosmos. Que o cosmos era imenso... "Eu estava em Marte", disse ele. "Eu vim de Marte!". E contou histórias de jardins e de galos siderais, e de outros seres que ele tinha visto. E foi daí então que acabaram surgindo os passaralhos. É... Uma coleção incrível, surreal! E os passaralhos eram para agitar mesmo! Pois era um dos motivos da arte: agitar, animar, provocar! E provocou tanto que escandalizou.

Outro aspecto incrível é que, das centenas de desenhos que ele faz em cima do galo, não tem um igual ao outro. Cada um tem a sua personalidade, o seu jeito, algum acessório, alguma coisa nele... Parece que eu estou vendo agora a profusão de cores. Um colorista. E a forma de desenhar sintética, simples, e que sempre ganha muito quando é quintal.

Bom, enfim! O Ernesto tem personalidade. O Ernesto tem tudo! Caráter. É maravilhoso! A gente é que não entende a grandiosidade de um trabalho, de um artista assim. Eu vejo o Ernesto: ele era uma alegria pura! Alegria pura! Ainda a voz dele era muito engraçada. Tinha uma voz incrível: "aí óh, aí óh, aí óh, aí óh!"; ele fazia um malabarismo vocal que era *sui generis*. Ele era único, em tudo, em tudo: na arte, no viver, no ser, ele era único em tudo!

E aí a gente fica assim — eu fico, né? —, muito contente de que a gente tenha conhecido esses fenômenos, que de alguma maneira tenha convivido, ficado perto. A gente ficou perto dele, assim: um Salvador Dalí tão aqui... É um grande privilégio.

Marli Henicka

PARTE 1
MURAL *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*

"A ARTE É DE ORIGEM 'EXTRA-TERRENA'. POR ISSO NENHUMA FORÇA HUMANA PODERÁ IMPEDIR A REALIZAÇÃO DE UMA VERDADEIRA VOCAÇÃO. PODERÁ NO MÁXIMO, DIFICULTÁ-LA OU ADIÁ-LA."

MEYER FILHO

LOCALIZAÇÃO: RUA FELIPE SCHMIDT, Nº 58
ALTURA: 33 M.
TAMANHO: 264 M^2
ARTISTA: RODRIGO RIZO
DATA DO LANÇAMENTO: 7 DE DEZEMBRO DE 2021
PRODUÇÃO: MOVIMENTO GRANDE BAILE MÍSTICO

CIDADE COMO OBRA DE ARTE EM MUSEU A CÉU ABERTO: O MURAL DE MEYER FILHO E O MOVIMENTO BAILE MÍSTICO 2021

SANDRA MAKOWIECKY [4]

Janeiro do ano de 2022, ao iniciar a trilogia nefasta da epidemia de covid-19, a cidade ferve. Protegida no ar-condicionado do meu escritório, em plenas férias e trabalhando, olho pela janela, protegida do calor infernal, o verde e o céu azul lá fora. Olho com olhar de esguelha e de desejo de sair para a rua. Penso: "há tanta vida lá fora". Mas não só o calor me impede, alguns compromissos também, sobretudo os compromissos de paixão. Esse é um deles. Escrever sobre a relação entre arte e cidade, cidade como obra de arte, cidade como museu aberto, a cidade e o Baile Místico.

A cidade, desde que o homem começou a viver em sociedade, tem imposto modelos de vida e servido de abrigo às civilizações. É na cidade que a história se constrói, por meio de um espaço público que alarga as possibilidades de trocas, de ação e de convívio. É ao mesmo tempo o *locus* da comunicação e das multidões. Tem sido também campo privilegiado para investigações estéticas. Nas artes plásticas e, antes mesmo, na literatura, a cidade foi e continua sendo fonte de inspiração para os artistas e fonte de paixão para muitos de seus habitantes.

A cidade é um terreno de fantasias, projetos inconscientes e lembranças que abriga monumentos, visíveis ou invisíveis, que se situam além do dado empírico. Podem articular o mundo exterior ao interior, o sonho à vigília, as memórias individuais às coletivas. Terreno movediço e incerto que precisa de uma arqueologia poética.

Desde meu doutorado (2003), com a tese publicada em livro, chamada *A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos* (2012), escrevo sobre relações entre arte e cidade. Na realidade, a tese fundamentou todo esse meu percurso. Muitos dos argumentos aqui expostos encontram-se lá, ao longo de suas quase 500 páginas. Neles eu acredito e pautei todas as ideias decorrentes desde então.

PRESSUPOSTO FUNDANTE: A CIDADE COMO OBRA DE ARTE

Além dos autores que constam na tese, três ensaios de Georg Simmel que li posteriormente, dedicados a três cidades históricas italianas, são preciosas reflexões filosóficas e sociológicas sobre a arte, a estética e a sua relação com a cidade, organizados por Carlos Fortuna (2003) e que causaram em mim

4 Professora do Programa de Pós-Graduação do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Coordenadora do Museu da Escola Catarinense - MESC/UDESC, de abril de 2012 a janeiro de 2022.

forte impressão — quero dizer que grudaram em mim. São textos curtos, mas daqueles que se tornam clássicos, sempre tendo algo a dizer. Entre os numerosos aspectos que Simmel traz à nossa compreensão com estes três ensaios, "Roma. Uma análise estética" (de 1898); "Florença" (de 1906) e "Veneza" (de 1907), ressalta a escolha da cidade como objeto estético em vez de qualquer outro objeto artístico clássico, como um monumento, uma escultura, uma pintura ou uma música. Pode-se dizer que essa escolha está de acordo com a própria filosofia do autor, que atribui ao espírito da cidade e à dimensão urbana um estatuto singular, arquetípico da excepcional riqueza e complexidade da vida humana. A cidade, como objeto artístico, em Simmel, só pode ser compreendida enquanto totalidade.

Mas, sempre que aspira a enunciar a natureza estética da cidade enquanto totalidade, o modelo de Simmel engloba, além da obra de arte, também a própria sociedade enquanto experiência estética. Desse ponto de vista, a cidade de Simmel, tanto a cidade histórica como a metrópole moderna, na sua plenitude, constitui-se em categoria alegórica da sociedade mais ampla. Compreende-se, desse modo, a validade da opção de Simmel pela cidade como obra de arte — e que é a minha também. Ao contrário de outros seus contemporâneos que, otimistas, rendem-se perante a chocante beleza da fealdade das metrópoles, ele mostra-se cauteloso e ambíguo. A estética da metrópole moderna resultará da capacidade de os sujeitos resistirem à lógica individualista, calculista, anônima e mesmo psicologicamente perturbadora que domina as interações na grande cidade, o que é o mesmo que sustentar que, para Simmel, a beleza da metrópole moderna será aquilo que for a qualidade estética das formas de interação que nela os sujeitos sejam capazes de forjar.

Uma dessas cidades, Roma, foi administrada por um historiador da arte. Carlo Giulio Argan (1998, p. 6) foi prefeito de Roma de 1976 a 1979 e escreveu: "Para ser o historiador da cidade, o que para mim é o mesmo que ser o historiador da arte, a experiência foi fundamental, ainda que angustiante". É difícil falar de história, história da arte, memória, imagem e cidade sem se referir a estes aspectos mencionando-os entre si.

> É necessário que os historiadores da arte considerem o estudo científico de todos os fenômenos da cidade como inerente à sua disciplina; a conservação do patrimônio artístico como metodologia operativa inseparável da pesquisa científica; a sua intervenção no devir da cidade como o tema fundamental da sua ética disciplina. (ARGAN, 1998, p. 6)

Com relação à citação acima, enquadro-me totalmente como historiadora da arte. Mas enquanto não temos um(a) historiador(a) da arte se habilitando a administrar uma cidade (com todo o pacote desagradável que vem junto), espero que a difusão dessas ideias ganhe corpo. Tal ambição me faz defender uma cidade como obra de arte em sua totalidade, concordando com Simmel e inserindo os painéis de grafite nesse conjunto. Aqui, no caso, o painel em homenagem à Meyer Filho, na parede do Edifício Comasa, no centro da cidade de Florianópolis, com arte assinada pelo artista Rodrigo Rizo, com assistência de Tuane Ferreira.

CIDADES MÚLTIPLAS E MÚLTIPLAS CARTOGRAFIAS

Em diversas pesquisas artísticas da atualidade, a cidade apresenta-se múltipla e se desvenda em outras cartografias. Do mesmo modo que as normas, as relações sociais também podem ser espacializadas: nos tempos atuais, o espaço passou a ser fundamental para a compreensão da sociedade. Num interessante exercício de aproximação da cartografia e do direito, Boaventura Sousa Santos, em 1988, afirmou que o espaço parecia se transformar no modo privilegiado de pensar e agir do fim do século XX e alertava que é fundamental entender que as representações sociais do espaço adquirem cada vez mais importância e realidade analíticas.

> Uma das características da cultura pós-moderna é a atenção dada ao espaço e à particularização dos espaços. A análise dos fenômenos e das representações sociais pode, pois, beneficiar-se da ciência (ou da arte?) que nos tem ensinado a ver o espaço: a cartografia. (SANTOS, 1988, p. 139)

Uma cartografia da experiência urbana estaria comprometida a entender como cada cidadão estabelece distintas relações com os seus lugares, construindo imagens e percepções próprias da morfologia e da paisagem da cidade.

O PENSAMENTO SOBRE A CIDADE E SUA ALMA DEVERIA ESTAR NO CENTRO DE NOSSAS PREOCUPAÇÕES COTIDIANAS – O MOVIMENTO *STREET ART TOUR*

A cidade que se percebe criticamente é a cidade que se opõe ao olhar totalitário e disciplinador a partir de um único ponto (panóptico) e assume-se no desconhecido, na falta e na permanente e necessária construção de novos sentidos. Assim, seja pela preocupação com a crise do espaço público na nova malha de

circulação simbólica, nos processos que anunciam um colapso da urbe moderna e nas discussões contemporâneas da arte, podemos investir em cartografias na forma simbólica. Os imensos painéis como obras de arte nas paredes da cidade são cartografias na forma simbólica.

Esse trabalho tem se expandido significativamente em Florianópolis, com a atuação do *Street Art Tour*, um movimento de valorização, produção e difusão da arte urbana de Florianópolis. O objetivo é reforçar a importância e a relevância dessa linguagem artística como expressão cultural e identitária por meio de um trabalho conjunto entre artistas, poder público e iniciativa privada. Em plataforma virtual do movimento, disponível pelo endereço virtual https://www.streetarttour.com.br, encontramos uma fonte de referências para essas novas cartografias. O site menciona que a relevância da arte urbana no aspecto contemporâneo das artes e a ampliação do cenário artístico na cidade de Florianópolis fez surgir, em 2018, o *Street Art Tour*, que desde seu início tem suas ações viabilizadas pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Florianópolis. Durante esse período, o projeto tem realizado diversas ações, como o mapeamento de vários murais de arte urbana no município de Florianópolis. Nesse processo, todas as informações levantadas foram catalogadas para serem disponibilizadas em formato de aplicativo digital para as plataformas IOS e Android. O aplicativo do *Street Art Tour* é um verdadeiro museu digital que oferece ao usuário a experiência de fazer um *tour* guiado pelos trabalhos existentes na cidade. Além de estimular que moradores e visitantes interajam com a cidade e reconheçam suas manifestações artísticas, também funciona como um importante registro histórico dessa forma de arte essencialmente efêmera, que está em constante modificação.

O projeto também tem contribuído para o aumento do acervo de artes urbanas na cidade, possibilitando que artistas criem e realizem novos murais para acesso do público. São murais de pequeno, médio e grande formato que têm ressignificado diversos lugares e regiões da cidade. O *Street Art Tour* criou alguns roteiros em regiões da cidade para que os amantes da arte urbana possam visitar os diversos murais de Florianópolis. Eles são totalmente gratuitos e sempre mediados por uma pessoa preparada e capacitada para contar as histórias e os motivos de realização de cada mural. No ano de 2021, o *Street Art Tour* fez homenagem a personalidades negras de Florianópolis. Contudo, neste texto, vou me reportar apenas aos maiores painéis que retratam personalidades artísticas e culturais de Florianópolis. A sequência de elaboração dos painéis segue abaixo, fornecida por Victor Moraes. Como bem expressado em matéria jornalística de 2021, "Florianópolis é uma galeria de arte a céu aberto", onde nomes importantes da história

cultural do estado se unem a traços de rostos comuns em obras que trazem mais cor e beleza às ruas da capital (ESTÚDIO NSC, 2021).

1. *Franklin Cascaes,* por iniciativa do artista Thiago Valdi, com produção de Victor Moraes (fig. 1), em 2017.

2. *Cruz e Sousa*, produzido pelo *Street Art Tour* e assinado por Rodrigo Rizo (fig. 2), em 2019.

3. *Antonieta de Barros*, dos artistas Thiago Valdi, Gugie Cavalcanti e Tuane Ferreira e produção da Floripa Conecta (fig. 3), em 2019.

4. *Natureza do Desterro*, produzido pelo *Street Art Tour* e assinado por Rodrigo Rizo (fig. 4), em 2020.

5. *Seu Mário*, produção do Instagrafite, assinado pela artista Gugie Cavalcanti (fig. 5), em 2021.

6. Segunda etapa do mural de Franklin Cascaes, chamado *O Conto Bruxólico de Franklin Cascaes*, com produção do *Street Art Tour* e Victor Moraes, assinado por Thiago Valdi (fig. 6), em 2021.

7. *O Baile Místico de Meyer Filho*, promovido pelo Movimento Baile Místico, com produção de Victor Moraes e assinado por Rodrigo Rizo (fig. 7), em 2021.

A essa relação, vou inserir uma obra que está no interior do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina e que retrata, igualmente, um nome importante da história cultural do estado. Falamos de uma obra sobre *Anita Garibaldi (1821-1849) – Homenagem aos 200 anos de nascimento* (fig. 8), realizada em 2021.

O mural de Franklin Cascaes (1908-1983), realizado no ano de 2017, retrata o artista, escritor e professor, célebre por sua dedicação à pesquisa da cultura popular. No centenário do seu nascimento, o painel representou o mestre da cultura de base açoriana na Ilha.

O mural de Cruz e Sousa (1861-1898), realizado em 2019, homenageia o poeta desterrense. O desenho na lateral do edifício João Moritz é dividido em três, seguindo a arquitetura do prédio. A primeira imagem é a do poeta. Ao lado, um cisne negro estilizado, que lembra a alcunha recebida pelo maior poeta simbolista brasileiro. Por fim, um poema do poeta foi transcrito de modo idêntico ao manuscrito original, completando o mural.

FIG. 1. *FRANKLIN CASCAES*, GRAFITE, THIAGO VALDI COM PRODUÇÃO DE VICTOR MORAES, EM 2017. DIMENSÕES: 34 X 12 M. LOCAL: PAREDE TRASEIRA DE UM EDIFÍCIO DA RUA TENENTE SILVEIRA. PODE SER VISTO A PARTIR DAS RUAS DEODORO E VIDAL RAMOS.

Antonieta de Barros (1901- 1952), defensora das mulheres, de uma educação de qualidade para todos e do reconhecimento da cultura negra, em especial no Sul do país, foi a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular, sendo deputada estadual entre 1935 e 1937. Antonieta de Barros, a parlamentar negra pioneira, criou o Dia do Professor. No retrato, destaca-se a frase: *Antonieta de Barros – Jornalista, professora, e primeira mulher, e negra, eleita do Brasil.* Mandalas de renda de bilro sobre os tons magenta representam as rendeiras, *Marias da Ilha* — em alusão ao pseudônimo usado por Antonieta em alguns de seus escritos.

O painel *Natureza do Desterro* tem em seu centro uma figura feminina, personificação do espírito ancestral responsável pela manutenção do equilíbrio da natureza por meio da criação/destruição. É uma homenagem à fauna e à flora de Florianópolis. A fauna, a flora, os povos primitivos e as pessoas "comuns" da cidade também foram imortalizados nos murais de arte urbana. A figura feminina que emerge da água, como uma ilha, trata-se de um espírito que representa a mãe natureza.

O grafite de Gugie Cavalcanti representa a família do casal Mário e Elza Assis. A obra, localizada na rua Tenente Silveira, apresenta um retrato de pessoas comuns: um abraço de Mário Mariano de Assis, motorista de aplicativo, em sua esposa, Elza. O painel foi uma iniciativa da empresa para a qual o motorista trabalha e tem como ideal humanizar seus colaboradores. Seu Mário aparece abraçado com a mulher, levando ao peito uma janela aberta, na qual carrega os netos. Inaugurado em 5 de janeiro de 2021, o projeto Histórias no Peito retrata o amor do profissional pela família.

O primeiro painel de 2017, também assinado por Thiago Valdi, recebeu continuação no ano de 2021, com o nome *O Conto Bruxólico de Franklin Cascaes*, e passou a ter elementos bruxólicos da obra de Cascaes, que ganham vida com o uso de realidade aumentada. O conto *Balanço bruxólico* tem retratos da esposa de Franklin, a professora Elizabeth Pavan Cascaes; imagens do amigo Peninha, que se tornou responsável pela difusão das obras; e a lendária Kombi, que transportava o pesquisador pela Ilha para o registro da cultura local. O trabalho, assinado por Valdi, contou com apoio do artista Bruno Brasil (Tudix) para a execução.

Para as comemorações do centenário de vida de Ernesto Meyer Filho (1919-1991), o Movimento Grande Baile Místico, fundado para resgatar e valorizar a cultura do Desterro e disseminar o folclore e mitologia da "Ilha da Magia" — como é conhecida Florianópolis, escolheu o artista catarinense para ocupar a empena do edifício Comasa. Meyer, o autoproclamado embaixador de Marte e autor dos conhecidos galos

FIG. 2. *CRUZ E SOUSA*, PRODUZIDO PELO *STREET ART TOUR* E ASSINADO POR RODRIGO RIZO, 2019. DIMENSÕES: A PRIMEIRA IMAGEM NO PAREDÃO TEM 30 X 10 M. A OBRA, NO TOTAL, TEM 650 M², INCLUINDO AS TRÊS PAREDES. LOCAL: EDIFÍCIO JOÃO MORITZ, LOCALIZADO NA PRAÇA XV DE NOVEMBRO, PRÓXIMO AO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA, PALÁCIO CRUZ E SOUSA.

cósmicos, nasceu em Itajaí, mas foi em Florianópolis que, no século XX, produziu seu amplo acervo de obras, na vanguarda do movimento modernista no Brasil. A entrega do mural, em dezembro de 2021, foi um ato simbólico para reverenciar a obra, a contribuição do artista e o seu centenário.

"A cidade também ganha esse presente, e Florianópolis se consolida como uma galeria a céu aberto", disse Sandra Meyer, filha do artista e presidente do Instituto Meyer Filho (A ARTE DE MEYER FILHO […], 2021). Ernesto Meyer Filho foi desenhista, pintor e tapeceiro. Estudou, de forma autodidata, pintura, desenho, história da arte e história natural. Atuante dinamizador cultural de sua época e da arte moderna do Estado, Meyer Filho foi o primeiro artista catarinense a realizar uma exposição individual, em 1958, no Museu de Arte de Santa Catarina (primeiro museu de arte moderna do país, criado em 1949 por decreto-lei do governo estadual).

Para completar essa relação, inserimos uma obra que não está nas ruas, mas que retrata uma personagem que merece todas as nossas honrarias: Anita Garibaldi.

O Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina realizou, em 2021, sessão especial em homenagem aos 200 anos de nascimento de Anita Garibaldi, no mês de agosto. Na oportunidade, foram inaugurados o jardim, a galeria e a estante de Anita. Também ocorreu a entrega de honrarias a personalidades e a apresentação de clipes musicais do coral Hélio Teixeira da Rosa. A iniciativa integrou o calendário dos eventos comemorativos aos 65 anos do órgão de controle externo. O jardim, a galeria e a estante de Anita fazem parte da exposição permanente que o TCE/SC está organizando na sede da instituição, em Florianópolis, em função dos 65 anos da Corte catarinense. Sob a coordenação da Comissão Organizadora das Atividades Comemorativas, estabelecida por portarias, a exposição tem a curadoria das professoras Sandra Makowiecky e Juliana Crispe Pereira. A pesquisa histórica foi feita pela Dra. Nelma Baldin, e o projeto cenográfico pelo arquiteto Marcos Carioni de Castro.

O destaque dado também a essa obra serve para demostrar a abertura para obras de arte em ambientes antes mais reservados em acolher trabalhos dessa natureza, o que mostra um pensamento avançado do TCE em se integrar a outras modalidades de expressão também no campo artístico.

FIG. 3. *ANTONIETA DE BARROS*, DOS ARTISTAS THIAGO VALDI, GUGIE CAVALCANTI E TUANE FERREIRA E PRODUÇÃO DA *FLORIPA CONECTA*, 2019. DIMENSÕES: 32 X 9 M. LOCAL: PAREDE LATERAL DO EDIFÍCIO ATLAS, NA RUA TENENTE SILVEIRA, Nº 200.

COMO INVESTIGAR UMA CIDADE? A ESTÉTICA COMO FUNDAMENTO PARA EVITAR QUE A CIDADE SE TORNE MERA CARCAÇA

Em outro texto que escrevi em 2021, chamado "Beleza e estética das cidades como elementos civilizatórios" (MAKOWIECKY, 2021), cito Lefebvre (1991), que afirma que a cidade pode ser investigada por diferentes perspectivas, resumidas, grosso modo, assim: como campo de forças, a cidade torna-se palco e protagonista das forças de interação social; como artefato, a investigação se detém sob seu aspecto físico, envolvendo elementos de sua topografia e geografia; e como imagem remete ao conjunto de ideias, expectativas e valores que constituem o imaginário urbano. A cidade é artefato, é campo de força e é imagem. Se nos estudos tradicionais da cidade impera a dimensão do artefato e, sob o influxo das ciências sociais, vem tomando corpo a dimensão de campo de forças, é preciso reconhecer a de imagem, representação, que tem ainda pouquíssimo peso ou então aparece desvinculada das demais. Nesse caso, a imagem visual (que não coincide com a representação, mas é um de seus suportes importantes) certamente é tomada como mera carcaça. A morfologia urbana deixa de ser um componente da cidade como ser social e passa a se comportar como uma espécie de cenário, embalagem. E a imagem visual, no caso, nem teria como pressupor um referente que não fosse derivado de uma pura e abstrata visualidade, afirma Menezes (1996).

Salienta Menezes (1996), ainda, que se introduz a questão do imaginário urbano e, sobretudo, a de seu suporte visual, para não deixar que a cidade se torne mera carcaça. Representações visuais de cidades, qualquer que seja a historicidade dessa expressão, são fenômenos de remota presença desde que se começou a distinguir um certo tipo de assentamento humano em contraponto a formas dispersas e fluidas de ocupação de espaço.

O importante é compreendermos que, mesmo não tendo consequências práticas evidentes, a arte é processo real e participa do processo de constituição do sentido da realidade. Estamos falando do imaginário da cidade.

Segundo Hillman (1993), uma das ideias de alma que estão refletidas na cidade é a noção de relações humanas. A relação entre os seres humanos ao nível do olhar é uma parte fundamental da alma na cidade.

FIG. 4. *NATUREZA DO DESTERRO*, PRODUZIDO PELO *STREET ART TOUR* E ASSINADO POR RODRIGO RIZO, EM 2020. DIMENSÕES: 33,5 X 10 M. LOCAL: RUA FELIPE SCHMIDT, Nº 554, NO PAREDÃO LATERAL DO HOTEL ZIP.

As faces das coisas, suas superfícies, suas aparências, seus rostos, como lemos aquilo que vem ao nosso encontro, ao nível do olhar, como nos olhamos. Assim é que se dá o contato da alma. A cidade precisa de lugares de encontro. Em outras palavras, enfatiza-se o lugar da intimidade dentro da cidade, pois intimidade é crucial para a alma.

FALANDO DE CIDADES – DUAS GRANDES TENDÊNCIAS

Grosso modo, pode-se falar de duas grandes tendências quando estamos tratando de cidades: as que partem de um ponto de vista racional e universalista para ver e analisar a cidade, propondo soluções técnicas para resolver os problemas equacionados, e as que, em oposição a essa vertente, defendem um ponto de vista que leva em consideração a dimensão cultural e histórica das cidades, sua singularidade e marca diferenciadora enquanto comunidade específica (BRESCIANI apud PESAVENTO; SOUZA, 1997, p. 14).

A segunda tendência rastreia os elementos ditos específicos, únicos, que comprovam a alegada singularidade das cidades. Propõe caminhos para o reconhecimento do caráter do lugar — o *genius loci* — na definição de Christian Norberg-Schulz: o lugar é um espaço que tem um caráter inconfundível. Em igual linha segue Kevin Lynch (1997). Nas duas vertentes, todos propõem formas de criar significados para a cidade, que tende a se tornar homogênea e a neutralizar as suas diferenças.

Dessa feita, cabe expor uma entrevista imaginária com o educador, escritor e artista José Monir Nasser, falecido em 2013, que foi também grande crítico do sistema educacional brasileiro. Nessa entrevista imaginária, tendo por base as aulas do professor Monir, publicada em 2018, ele responde à pergunta formulada por Paulo Briguet: "Por que a beleza é importante para a nossa existência"? Ao que ele responde:

> Os gregos identificaram uma doença chamada *apeirokalia*. Significa "abstenção de coisas belas". Quando você não convive com a beleza, você pega *apeirokalia*. Se você deseja produzir a compreensão da verdadeira cultura, rodeie-se do que é belo. No Brasil, nós temos a falsa ideia de que o bonito é o caro, é o chique. Não é verdade. Com pouco dinheiro, você pode fazer uma casinha maravilhosa [...] Por isso, vale a pena ensinar as pessoas a fazerem coisas bonitas: uma bela horta, um belo jardim, uma bela casa... O brasileiro precisa se acostumar a conviver com os padrões elevados. Uma das causas da nossa inviabilidade civilizatória é que nós desistimos de nos rodear de estímulos belos. E isso é *apeirokalia*. A recuperação do senso de estética deve ser uma das nossas prioridades (MONIR, apud BRIGUET, 2018, p. 63).

FIG. 5. *SEU MÁRIO*, PRODUÇÃO DO INSTAGRAFITE, ASSINADO PELA ARTISTA GUGIE CAVALCANTI, INAUGURADA EM 5 DE JANEIRO DE 2021. DIMENSÕES: 700 M². LOCAL: PAREDE LATERAL DE PRÉDIO NA RUA TENENTE SILVEIRA, PERTO DO PALÁCIO CRUZ E SOUSA.

Concordando plenamente com esse ponto de vista, percebo muitos arquitetos e urbanistas que defendem a beleza e a estética das cidades como elementos civilizatórios. O urbanista Clóvis Ultramari (apud MOSER, 2012) afirma que o morador urbano não quer apenas viver; quer viver bem. Isso demanda não apenas uma moradia, emprego e transporte público. Viver bem exige uma boa paisagem urbana, uma boa arquitetura e grandes espaços de convivência. No entanto, para ele quase não há debate público a respeito da estética na cidade. Há um receio em se discutir o assunto, uma sensação de culpa.

Ultramari afirma que aqueles que defendem a redução de gastos na qualidade de projetos arquitetônicos em favor de investimentos sociais não percebem que, no longo prazo, os cuidados estéticos trazem retorno social, cultural e financeiro. "Esse tipo de comparação entre o social e a beleza é infeliz; não pode ser a única diretriz de um gestor" (ULTRAMARI, apud MOSER, 2012, p. 134) — e reconheço que esse debate é ainda um tabu.

Sabemos também que a beleza pode estar em pequenos detalhes que demandam mais capricho do que recursos financeiros. Ultramari defende que cabe ao poder público zelar pela história arquitetônica das cidades e que é desejável que a prefeitura oriente a iniciativa privada na elaboração de projetos que tenham mais relação com a identidade histórica da cidade ou de determinados bairros.

Na linha das sugestões, apelo também para uma coisa bastante simples: a limpeza. Essa limpeza deve se estender para mais paredes pintadas e preservadas limpas, para mais paredes verdes, menos desenhos, pichações, mas defendo os murais feitos com arte, como os grafites.

Assim, defender a recuperação do senso de estética e compreender beleza e estética das cidades como elementos civilizatórios é tratar da cidade como obra de arte, que é para todos. É um conceito inclusivo. Jorge Coli (2018) diz que pela história da arte, pela cultura, pelas humanidades, damos sentido às coisas. É graças a elas que o conhecimento e a ciência deixam de ser meros instrumentos para integrarem um processo humanístico.

Como os gregos, defendo que para não sofrer *apeirokalia* — abstenção de coisas belas —, para vivermos em cidades civilizadas, precisamos da qualidade estética das formas de interação, que nela os sujeitos sejam capazes de forjar, como diz Simmel, e assim, quem sabe, tenhamos a compreensão da verdadeira cultura.

FIG. 6. *O CONTO BRUXÓLICO DE FRANKLIN CASCAES*, À DIREITA, SEGUNDA ETAPA DO MURAL DE FRANKLIN CASCAES, COM PRODUÇÃO DO *STREET ART TOUR* E VICTOR MORAES, ASSINADO POR THIAGO VALDI, EM 2021. DIMENSÕES: 34 X 6 M, TOTALIZANDO 34 X 18 M. LOCAL: PAREDE TRASEIRA DE UM EDIFÍCIO DA RUA TENENTE SILVEIRA. PODE SER VISTO A PARTIR DAS RUAS DEODORO E VIDAL RAMOS.

FINALIZANDO – POR QUE FALAR DE CIDADE É DIFÍCIL?

A cidade abriga dentro de sua estrutura uma complexa rede de articulações culturais que transformam a mente do ser humano, reorganizam as noções de espaço e tempo, configuram a imagem de uma entidade viva, sujeita ao desgaste, à transformação, à destruição. É na cidade que a produção artístico-cultural encontra estímulo e canais de divulgação, que se gera uma grande mobilidade de signos e símbolos, que é a verdadeira essência da vida urbana e de seus produtos simbólicos. Hoje, mais do que nunca, cresce o entendimento de que a grande cidade tem sido e continua a ser, cada vez mais, uma síntese excepcional da sociedade. São muitas as diversidades e desigualdades, assim como os impasses e os horizontes da sociedade que se expressam na cidade.

Esse tema leva consigo uma ressonância de outras questões centrais na vida cotidiana, como a violência e sua banalização, o anonimato gerado pelas grandes massas de pessoas, os excessos de informação que assolam a mídia e que provocam um estado de perda de memória, de semiamnésia na população, a globalização em seus efeitos de perda de referência de si e das outras culturas locais ou, ao contrário, um acirramento da noção de local, de diferente, que tem causado um oceano cada vez mais espantoso e assustador de guerras e conflitos étnicos.

Contudo, como agasalhar sob uma designação unitária e apenas formalmente denotativa — cidade — um complexo de fenômenos tão diversificados e de articulações tão multiformes?

A produção de identidade como processo consciente surge como valor coletivo a partir dos últimos anos do século XX. Talvez seja uma defesa diante da padronização mundial. O território físico, que por muitos anos se manteve como paradigma para identificar uma nação ou uma região, entra em decadência e dá lugar à produção de outros "territórios", que se relacionam de modo mais abstrato com a produção simbólica do poder, como estratégias de autoafirmação na mídia, no esporte, na literatura e, ultimamente, na internet. Compreender os desejos e representações, afetos, lembranças dos cidadãos pode, certamente, nos auxiliar em um estudo sobre cidades. Acredita-se que as percepções subjetivas dos cidadãos têm igual relevância no estudo do fenômeno urbano a aspectos econômicos, políticos e sociais, já que eles são a outra metade da cidade.

É a sociabilidade, o prazer de estar com o outro, que estabelece em definitivo a diferença urbana, a urbanidade. Os termos relacionados à cidade denotam a educação, a cultura, os bons costumes, a elegância: urbanidade vem do latim *urbs*; polidez da *polis* grega. Se pensarmos na longa duração, as funções essenciais de uma cidade são a troca, a informação, a vida cultural e o poder. As funções de produção podem desfazer-se; a função da cidade permanece.

FIG. 7. *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*, PROMOVIDO PELO MOVIMENTO BAILE MÍSTICO, COM PRODUÇÃO DE VICTOR MORAES E ASSINADO POR RODRIGO RIZO, EM DEZEMBRO DE 2021. DIMENSÕES: 264 M², SENDO 33 X 8 M. LOCAL: RUA FELIPE SCHMIDT, NO EDIFÍCIO FLORÊNCIO COSTA, Nº 58, CONHECIDO COMO GALERIA COMASA. É UMA REALIZAÇÃO DO MOVIMENTO BAILE MÍSTICO, EM PARCERIA COM O MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE, ASSOCIAÇÃO FLORIPAMANHÃ E INSTITUTO MEYER FILHO.

FIG. 8. *ANITA GARIBALDI (1821-1849) – HOMENAGEM AOS 200 ANOS DE NASCIMENTO*, 2021. TÉCNICA: MURALISMO (SPRAY E ACRÍLICA). AUTORAS: GUGIE CAVALCANTI E TUANE FERREIRA. DIMENSÕES: 2,80 X 5,50 M. LOCAL: TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA.

Quem lê esse livro aberto? Quem percorre essa escrita? Fornecer indícios para um discurso revelador da visibilidade do lugar é o que se objetiva fazer, percorrendo essa escrita aberta. Na pressa da praticidade do mundo moderno, perdemos cada vez mais a trama do nosso enraizamento, e é dessa forma que acaba se determinando o que se quer preservar ou não. Já perdemos vários exemplares e é preciso evitar que se percam mais. As coisas são mais importantes do que parecem à primeira vista. Alguns monumentos constituem a consciência das marcas da nossa identidade cultural. Podemos citar aqui a enorme polêmica envolvendo a retirada de paralelepípedos no centro histórico da cidade de Florianópolis.

Os monumentos, de igual maneira, em sua materialidade e conteúdo simbólico, envolvem temas referentes à arte, à arquitetura e à história. Articulam, no plano visível, elaborações coletivas de espaço e tempo. "Em outras palavras, trata-se de observar, cuidadosamente, que em nossos próprios territórios culturais — comecemos pela cidade que habitamos — sofremos com a perda dos referenciais culturais e os conteúdos de nossa memória coletiva se empobrecem" (FREIRE, 1997, p. 165).

As zonas de passagem sem identificação, sem passado ou futuro, onde as relações são absolutamente impessoais, ganham cada vez mais significância nesse contexto, no qual a história se acelera a cada dia.

Afirma Canevacci (1993, p. 39) que: "A cidade é o lugar do olhar. Por este motivo a comunicação visual se torna o seu traço característico".

Devemos restituir à cidade as funções maternais, nutridoras da vida, as atividades autônomas, as associações simbióticas que por muito tempo têm estado omitidas ou esquecidas. Com efeito, deve a cidade ser um órgão de amor; e a melhor economia das cidades é o cuidado e a cultura dos homens (MUNFORD, 1991, p. 620-621).

Voltamos às nossas imprecisões necessárias. A obra de arte, hoje, é produzida em muitas encruzilhadas, e a paisagem da cidade contemporânea é um vasto lugar de trânsito, mas as cidades são também lugares de memória. Como representações em obras de arte, as próprias cidades podem ser um enigma. E estão aí a nos dizer: "Decifra-me ou devoro-te" — e desse ponto retorna-se ao enigma de Édipo, que se preocupava em salvar a cidade de Tebas. Como decifrar Florianópolis?

Ao escrever este texto, me reavivou o título do texto de Moser (2012): *"As cidades feias que me desculpem, mas estética é fundamental"*. Ponto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁREA. *A arte de Meyer Filho entra para a galeria a céu aberto de Florianópolis.* 4 dez. 2021. Disponível em: https://revistaarea.com.br/ernesto-meyer-filho-entra-para-a-galeria-de-arte-a-ceu-aberto-de-floripa/. Acesso em: 22 jan.2022

ARGAN, Carlo Giulio. *A história da arte como história da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: PESAVENTO, Sandra J.; SOUZA, Célia (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 1997. p. 13-20.

BRIGUET, Paulo. *Conversa com mestre Monir. Uma entrevista imaginária com o professor e escritor José Monir Nasser (1957-2013)*. 2018. Disponível em: https://www.folhadelondrina.com.br/blogs/paulo-briguet/conversa-com-mestre-monir-1000762.html. Acesso em: 23 out. 2020.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.* São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CATRACA LIVRE. *História de amor é retratada em grafite gigante em Florianópolis.* Projeto homenageia histórias de amor entre anônimos nas grandes capitais do país. 8 fev. 2021. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/historia-de-amor-e-retratada-em-grafite-gigante-em-florianopolis/. Acesso em: 22 jan. 2022.

COLI, Jorge. História da arte ensina a lidar com o não dito e a incerteza constante. *Folha de S. Paulo*, 2018, on-line. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jorge-coli/2018/05/historia-da-arte-ensina-a--lidar-com-o-nao-dito-e-a-incerteza-constante.shtml. Acesso em: 27 mai. 2018.

ESTÚDIO NSC. Florianópolis é uma galeria de arte a céu aberto. *NSC Total,* 22 mar. 2021. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/florianopolis-e-uma-galeria-de-arte-a-ceu-aberto. Acesso em: 23 jan. 2022

FORTUNA, Carlos. Dossier Simmel: a estética e a cidade. Simmel e as cidades históricas italianas – Uma introdução. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 67, dez. 2003, p. 101-127

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Sesc/Annablume, 1997.

G1 SANTA CATARINA. *Mural em homenagem a Antonieta de Barros é inaugurado no Centro de Florianópolis*. 18 ago. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/08/18/mural-em-homenagem-a-antonieta-de-barros-e-inaugurado-no-centro-de-florianopolis.ghtml. Acesso em: 23 jan. 2022.

GADOTTI, Fábio. Vídeo mostra etapas de obra de Thiago Valdi em prédio de Florianópolis. *NDmais*,2018. Grafite de Franklin Cascaes. Disponível em: https://ndmais.com.br/noticias/video-mostra-etapas-de-obra--de-thiago-valdi-em-predio-de-florianopolis/. Acesso em: 23 jan.2022

HORÁCIO, Nícolas. Florianópolis ganha mural gigante de Meyer Filho no Centro da cidade. *ND+*, 18 dez. 2021. Disponível em: https://ndmais.com.br/cultura/florianopolis-ganha-o-setimo-grande-mural-no-centro--da-cidade/. Acesso em: 22 jan. 2022.

HILLMAN, James. *Cidade e alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993

LEFFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAKOWIECKY, Sandra. *A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos*. 1 v.

Florianópolis: DIOESC- Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina, 2012.

MAKOWIECKY, Sandra. Beleza e estética das cidades como elementos civilizatórios. In: TEIXEIRA, Clarissa Stefani; DEPINÉ, Ágatha (org.). *As cidades e a covid-19: necessidades, expectativas e tendências trazidas pela pandemia*. São Paulo: Perse, 2021, v. 1, p. 142-149.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. *Revista USP, Dossiê – O Brasil dos viajantes*. São Paulo, n. 30, jun./ago. 1996.

MOSER, Sandro. As cidades feias que me desculpem, mas estética é fundamental. J*ornal Gazeta do Povo,* Curitiba, Paraná, edição de 22.09.2012. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/as--cidades-feias-que-nos-desculpem-mas-beleza-e-fundamental-. Acesso em: 23 out. 2020.

MUNFORD, LEWIS. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

REDAÇÃO TSF. Mural Franklin Cascaes terá novos elementos e realidade aumentada. *Tudo sobre Floripa*, 5 nov. 2020. Disponível em: http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/floripa_mural_franklin_cascaes_tera_novos_elementos_e_realidade_aumentada. Acesso em: 23 jan. 2022.

SANTA CATARINA. Tribunal de contas. *TCE/SC realiza sessão especial em homenagem aos 200 anos de nascimento de Anita Garibaldi*. 2 ago. 2021. Disponível em: http://www.tcesc.tc.br/tcesc-realiza-sessao-especial-em-homenagem-aos-200-anos-de-nascimento-de-anita-garibaldi. Acesso em: 22 jan. 2022.

SANTOS, Boaventura Sousa. Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegómenos a uma concepção pós-moderna do direito. *Revista crítica de ciências sociais*, n. 24, p. 139-172, março de 1988. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Cartografia_simbolica_RCCS24.PDF. Acesso em: 23 out. 2020.

SKYSCRAPER CITY. *Revitalização Centro Florianópolis*. 2019. Disponível em: https://www.skyscrapercity.com/threads/revitalização-centro florianópolis.2051995/page-10>. Acesso em: 23 jan. 2022.

STREET ART TOUR. *Plataforma virtual do movimento*. [20--]. Disponível em: https://www.streetarttour.com.br. Acesso em: 22 jan. 2022

FONTE DAS IMAGENS

Fig.1 https://ndmais.com.br/noticias/video-mostra-etapas-de-obra-de-thiago-valdi-em-predio-de-florianopolis/. acesso em: 23 jan. 2022
Fig 2. https://www.skyscrapercity.com/threads/revitalização-centro-florianópolis.2051995/page-10.
Acesso em: 23 jan. 2022.
Fig. 3. Gabriel Vanini. https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/08/18/mural-em-homenagem-a-antonieta--de-barros-e-inaugurado-no-centro-de-florianopolis.ghtml. Acesso em: 23 jan. 2022.
Fig. 4. https://ndmais.com.br/cultura/florianopolis-ganha-o-setimo-grande-mural-no-centro-da-cidade. Acesso em: 23 jan.2022.
Fig 5. https://www.nsctotal.com.br/noticias/florianopolis-e-uma-galeria-de-arte-a-ceu-aberto. Acesso em: 23 jan.2022.
Fig. 6. http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/floripa_mural_franklin_cascaes_tera_novos_elementos_e_realidade_aumentada. Acesso em: 23 jan.2022.
Fig. 7. Crédito da imagem: Nilva Damian e Sandra Puente/Dois Clicks Fotografias (divulgação).
Fig. 8. http://www.tcesc.tc.br/tcesc-realiza-sessao-especial-em-homenagem-aos-200-anos-de-nascimento-de-anita-garibaldi. Acesso em: 22 jan.2022. Foto: Sandra Makowiecky.

O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO

SANDRA RAMALHO E OLIVEIRA[5]

Surge um mural gigante na empena do Edifício Florêncio Costa (Galeria Comasa), no centro de Florianópolis. Não é apenas um painel que celebra algum personagem relevante para a história e a cultura da cidade, porque não se restringe a um retrato. Trata-se de uma homenagem, sim, mas a homenagem chega na própria linguagem usada pelo homenageado, a linguagem visual. Assim, o retrato de Meyer Filho, personagem artística homenageada, misturou-se e confundiu-se com o tributo que lhe faz o Baile Místico, sob a concepção de Rodrigo Rizo e sua equipe, a presença da própria obra daquele artista. Um digno exemplar da arte intertextual, Rizo dialogando e atualizando Meyer, vida e obra.

Mas o quê, realmente, estamos a ver? E por que sentimos o que sentimos, ao vê-lo? Admiração? Alegria? Espanto? Por quê?

Existe, entre as obras visuais, as quadradas, as verticais e as horizontais, grosso modo. O que é vertical, remete a um estado de prontidão, de positividade, de atuação: por exemplo, caminhamos verticalmente, "subimos" na vida, em oposição semântica a o que é horizontal, que é a posição de descanso, em diversos sentidos.

No *Baile Místico de Meyer Filho* a verticalidade não foi uma opção, nem de Rizo nem de Meyer Filho. Ao contrário, Rizo teve que se ajustar ao suporte disponível, que lhe foi dado. Assim, à revelia da intencionalidade de ambos os artistas, do muralista e do pintor, a verticalidade da imagem, somada às suas dimensões, ou seja, à sua monumentalidade, nos proporcionam, aos espectadores, sensações de empatia positiva, sentimentos eufóricos.

Embora a composição seja constituída por diversos personagens quase que independentes, há uma linha central imaginária, um eixo que atravessa as principais figuras: parte da bola vermelha, o planeta Marte, e chega até o retrato de Meyer Filho, atravessando o galo e as demais figuras que se destacam em dimensões. Esta linha imaginária reitera a verticalidade da composição.

Esta linha também nos possibilita como que transitar visualmente pela imagem, de cima para baixo e vice-versa, até porque sua leitura pode partir de qualquer lugar, mas preferencialmente da parte superior ou da inferior da empena da edificação. A leitura do visual não é como a do texto verbal, que se lê de cima

5 Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/CEART/UDESC).

para baixo e da esquerda para a direita. A visualidade permite muito mais licenças poéticas do que a linguagem verbal.

As cores puras, primárias, reiteram alguns toques primitivistas das criações de Meyer Filho, embora ele não possa ser catalogado como um primitivista. O vermelho intenso do planeta Marte, figura tão importante no imaginário de Meyer Filho, conversa alegremente com a crista do galo rei que impera e domina o mural, bem como o galinheiro e a obra de Meyer Filho. O azul vigoroso que predomina como fundo remete ao infinito, à ideia de que o que vemos não acaba na parede que sustenta a imagem. Por seu lado, o amarelo, como uma aura, destaca e protege o retrato de Meyer Filho, cuja pele tatuada dá continuidade às ilustrações de seu mundo fantástico, onde personagens da cultura local se fundem com extraterrestres imaginários, animais ou monstros parcialmente humanos muito alegres que não metem medo em ninguém. Mas são seres que, ao se observar com atenção, parecem sair das janelas do edifício para passarem voando ou apenas posando diante do azul profundo.

A força da virilidade da obra de Meyer Filho aqui se funde com a de Rizo onde, além da verticalidade da imagem, que também transmite este sentido, está na figura do galo, o majestoso rei do terreiro, e em outros detalhes quase que imperceptíveis, como em inúmeros elementos longitudinais, rabos, asas, armas, e deixo para os apreciadores, os leitores deste meta-texto (porque um artista criou a partir de outro, em um processo intertextual) acharem muitos outros elementos e lhe atribuírem sentidos e significados.

É necessário fazer ainda uma referência às pequenas figuras que podem passar despercebidas, mas são tão ou mais importantes em termos de oferta de sentidos da obra, pois embora de pequenas dimensões, são reiteradas à exaustão. São os muitos pontos presentes não apenas no mural ora objeto de análise, mas em toda a obra de Meyer Filho, que podem parecer, diante de um primeiro olhar, como uma estamparia. São minúsculos círculos, flores, corações, caveiras.

Eles abundam e se proliferam e, se nos pautarmos por valores estritamente simbólicos, podemos pensar e receber os círculos como representação do divino, do infinito, de tudo o que é superior, pois é a figura geométrica perfeita.

E as flores? A mais óbvia representação da feminilidade, da sensibilidade, do sensível, do efêmero, do eterno recomeço, como as estações do ano; as flores fenecem e depois vêm outras, na estação ou na primavera seguinte. E o coração? Amor, apenas? Não apenas. Amor, antes de tudo, vida. Quando alguém se desliga da vida, o bater do coração é o último vínculo.

E a caveira de Meyer Filho, o oposto do coração? Para o júbilo de todos, ela é menos presente. Mas ao longo dos tempos, a caveira foi usada na arte, principalmente nos séculos XVI e XVII para criticar a vaidade (*vanitas*, em latim), lembrando a todos a insignificância e efemeridade da vida terrena. Se Meyer Filho não teve esta intenção, seu trabalho é prenhe de tais significados; e como considera a semiótica para iniciantes, o importante não é o que o artista quis dizer, o importante é o que ele deixou dito, na sua obra.

A ILHA, MEYER E A CONSCIÊNCIA

LAUDELINO JOSÉ SARDÁ[6]

As fábulas produzem sensação de verdade, ensejando estórias e prosas que enriquecem o passado e que poderiam estar estimulando bem mais o presente se não fosse o bafio que adormece a cultura no manto de governantes entorpecidos, incapazes de acreditar que no Desterro as bruxas fazem a diferença.

No encanto de fantasias e vibrações, a magia apenas virou uma identidade da Ilha, longe ainda, infelizmente, de uma comoção cultural, capaz de levar os habitantes a sentirem a natureza de uma história e estória recheadas de riqueza.

Entre os personagens de explosiva magnificência, destaca-se Meyer Filho, um característico habitante da Ilha e que assumiu de vez a manezisse. Do alto da rua Felipe Schmidt, ele anunciava ao jornal *O Estado*, estabelecido um pouco adiante: "Camaradas, estou chegado!". E os que o ouviam gargalhavam pela expressividade de um ser feliz, que sabia cultivar os sabores de Floripa.

A sua voz era normal, mas quando extrapolava os decibéis se tornava expressiva, fina e apimentada, já com uma identidade agradável. Meyer parecia viver a realidade em suas telas, em que o galo não deixava fácil a vida no terreiro. Ao contrário, os galos de Meyer apoquentavam os que escondiam a violência e os que escamoteavam o cenário cotidiano.

Meyer precisaria (re)aparecer para lançar o galo alvejante, aquele capaz de delatar os que malquistam a nossa cultura e que sobrepõem interesses pessoais e políticos para afogar nossa história e desprezar as heranças de uma população vigente.

Esta obra tem um valor incomensurável. Meyer poderia estar escrevendo aqui, sem precisar mostrar o galo aventurado. Suas palavras sempre foram fortes e verdadeiras. Meyer não é lembrado apenas pelo que fez, mas, sobretudo, pelo que pensou e reiterou sobre a nossa Floripa.

6 Jornalista, professor e escritor do Desterro.

A TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE ERNESTO MEYER FILHO

O artista plástico Meyer Filho nasceu em Itajaí, estado de Santa Catarina, Brasil, em 4 de dezembro de 1919, vindo a residir em Florianópolis, capital de Santa Catarina, quatro anos depois. Obteve formação em Ciências Contábeis. Autodidata sobre arte, estudou desenho, pintura, ilustração, história da arte e história natural através de manuais e livros sobre o assunto, uma vez que não existiam escolas de arte em sua época em Florianópolis. Em 1946, época em que residia na cidade de Curitiba (Brasil) como funcionário do Banco do Brasil, assumiu sua verve artística, após ver uma exposição de trabalhos modernistas feitos por artistas franceses.

No final da década de 1940, o movimento cultural na Ilha de Santa Catarina ganhava contornos modernistas, através de manifestações artísticas conduzidas pelo grupo Sul, do qual faziam parte escritores, poetas, pintores e cineastas. O Grupo Sul propagava suas ideias através da revista *Sul*, da qual Meyer Filho era um dos ilustradores. Também nesse período de efervescência cultural, foi criado o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em 1949.

Posteriormente, Meyer Filho realizou, em 1957, juntamente com o artista plástico Hassis (1926-2001), a primeira exposição de Pintura e Desenhos de Motivos Catarinenses. Foi um dos fundadores do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF), tendo também organizado em 1958 e 1959, os dois primeiros Salões de Arte Moderna de Santa Catarina, fora do Estado. Em 1958, realizou a primeira individual de um artista catarinense no Museu de Arte Moderna de Florianópolis, atual Museu de Arte de Santa Catarina.

Durante toda sua trajetória artística, Meyer Filho manteve seu ativismo cultural, participando de exposições individuais e coletivas em Santa Catarina, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, além da Argentina e França. Possui obras em Museus de Arte de Florianópolis, Belo Horizonte, Joinville, Porto Alegre, São Paulo e coleções particulares no Brasil e no exterior.

Meyer Filho elaborou charges e escreveu crônicas que foram publicadas em jornais catarinenses entre os anos 1950 e 1980, em especial no jornal *O Estado*, ocasião em que o artista refletia sobre arte, cultura e cidadania, tendo sido um observador crítico, mas não menos humorado de acontecimentos sociais locais e mundiais.

MEYER FILHO, SEM TÍTULO, 1977, ACRÍLICA S/ EUCATEX, 43 X 50 CM.

MEYER FILHO. BERNUNÇA SURREALISTA, 1985,
ACRÍLICA SOBRE EUCATEX, 40,5 X 46 CM.

MEYER FILHO, *LIBERDADE PARA OS PÁSSAROS CÓSMICOS*, 1972, ACRÍLICA S/ EUCATEX, 60 X 68 CM.

MEYER FILHO, *PERSONAGENS CÓSMICOS*, 1982,
ACRÍLICA S/ EUCATEX, 40 X 45 CM.

MEYER FILHO, *AVE CÓSMICA VLSTEMF N. 1*, 1969/1989,
ACRÍLICA S/ EUCATEX, 50 X 60 CM.

MEYER FILHO, SEM TÍTULO, SEM DATA, ACRÍLICA S/ EUCATEX, 60 X 50 CM.

O acervo de Meyer Filho é composto de obras em pintura, desenho, serigrafia e tapeçaria, imagens fotográficas e fílmicas, catálogos de exposições, livros, impressos e documentos. Este vasto acervo foi formado pelo artista desde a década de 40 até o início dos anos 90 do século XX, e revela fatos marcantes de sua trajetória e do ambiente cultural e artístico do Estado de Santa Catarina. Meyer Filho costumava arquivar o acervo registrando comentários e testemunhos pessoais através de desenhos e escritos em forma de crônicas e diário aberto, cujo conteúdo revela o olhar singular do artista sobre fatos relacionados à arte e cultura catarinense e nacional, bem como ao cotidiano da cidade de Florianópolis. Este rico acervo foi nomeado pelo artista como "Arquivos Implacáveis de Meyer Filho", aliado a seus desenhos e pinturas.

O artista faleceu em 22 de junho de 1991, em Florianópolis. Em 2004 foi criado o Instituto Meyer Filho, associação cultural sem fins econômicos, com a finalidade de organizar e divulgar a obra do artista, bem como inaugurado o espaço Memorial Meyer Filho, concebido em homenagem ao artista, localizado no centro histórico da capital catarinense.

Sua trajetória está registrada nos seguintes livros:

1. *Caticipa, o galo viajante. Contos e recontos para Meyer Filho*. Organizado por Silvana Maria da Rocha. Itajaí: Edição da autora, 2019.

2. *ABACV, SJEAG, SIZEZ, SOCYO, SNEPA, MABUI E MACAC – Arquivos Implacáveis de Meyer Filho*. Organização de Kamilla Nunes e Pedro Franz. Florianópolis: Instituto Meyer Filho, 2017.

3. *Catálogo Memorial Meyer Filho*. Organizado por Kamilla Nunes. Florianópolis: Instituto Meyer, 2012

4. *Exercício de Imaginação: Meyer Filho.* Organizado por Sandra Meyer, Kamilla Nunes e Teresa Siewerdt. Florianópolis: Instituto Meyer Filho, 2011.

5. *Meyer Filho*. Texto de Daise Vogel. Florianópolis: Tempo Editorial, 2010.

6. *Meyer Filho – Um Modernista Saído da Lira*. Organizado por Rosângela Cherem e Sandra Meyer. Blumenau: Nauemblu Ciência & Arte, 2007.

7. *Meyer Filho, Vida & Arte*. Organizado por Carlos Damião. Florianópolis: Edições Fundação Catarinense de Cultura, 1996.

GALERIA

MURAL *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*
FOTOS DE NILVA DAMIAN E SANDRA PUENTE

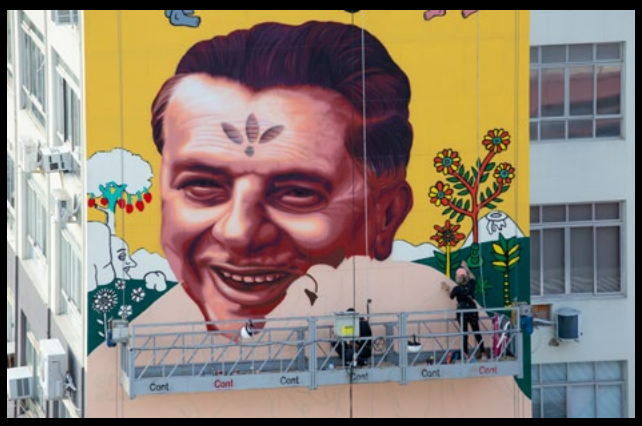
A arte é de origem terra-terrena.
A arte é de origem terra-terrena.

EDIFÍCIO CRUZEIRO
MAK
CONSERTEDO

O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO
PATROCÍNIO
Fundação Catarinense de cultura
SANTA CATARINA
DOAÇÃO
engie
REALIZAÇÃO
UDESC
CEART
INSTITUTO MEYER FILHO
APOIO
COLORMAR
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont

Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont

Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont


Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont

Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont

@rizoci
@tuaneferreirart
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont

Pompéia

Cont
Cont
Cont
Cont
Cont
Cont

EVENTO DE ENTREGA DO MURAL, EM 7 DE DEZEMBRO DE 2021

MEYER FILHO, PRESENTE! NO BONECO DE HONRA DO LENDÁRIO BLOCO DE CARNAVAL *BERBIGÃO DO BOCA* E, AO FUNDO, NO MURAL *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*.

1

2

3

(1) EQUIPE DE PRODUÇÃO: VICTOR MORAIS, BEBEL OROFINO, TUANE FERREIRA, O ARTISTA RODRIGO RIZO E SANDRA MEYER NUNES. (2) EXÍMIA RENDEIRA DA ILHA DE SANTA CATARINA, TAMBÉM PRESENTE. (3) A FAMÍLIA DO GRANDE ARTISTA HOMENAGEADO ERNESTO MEYER FILHO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): O NETO IAELL MEYER NUNES, A BISNETA IANNA AVILA MEYER NUNES, O BISNETO IAGO AVILA MEYER NUNES E A FILHA SANDRA MEYER NUNES.

1

2

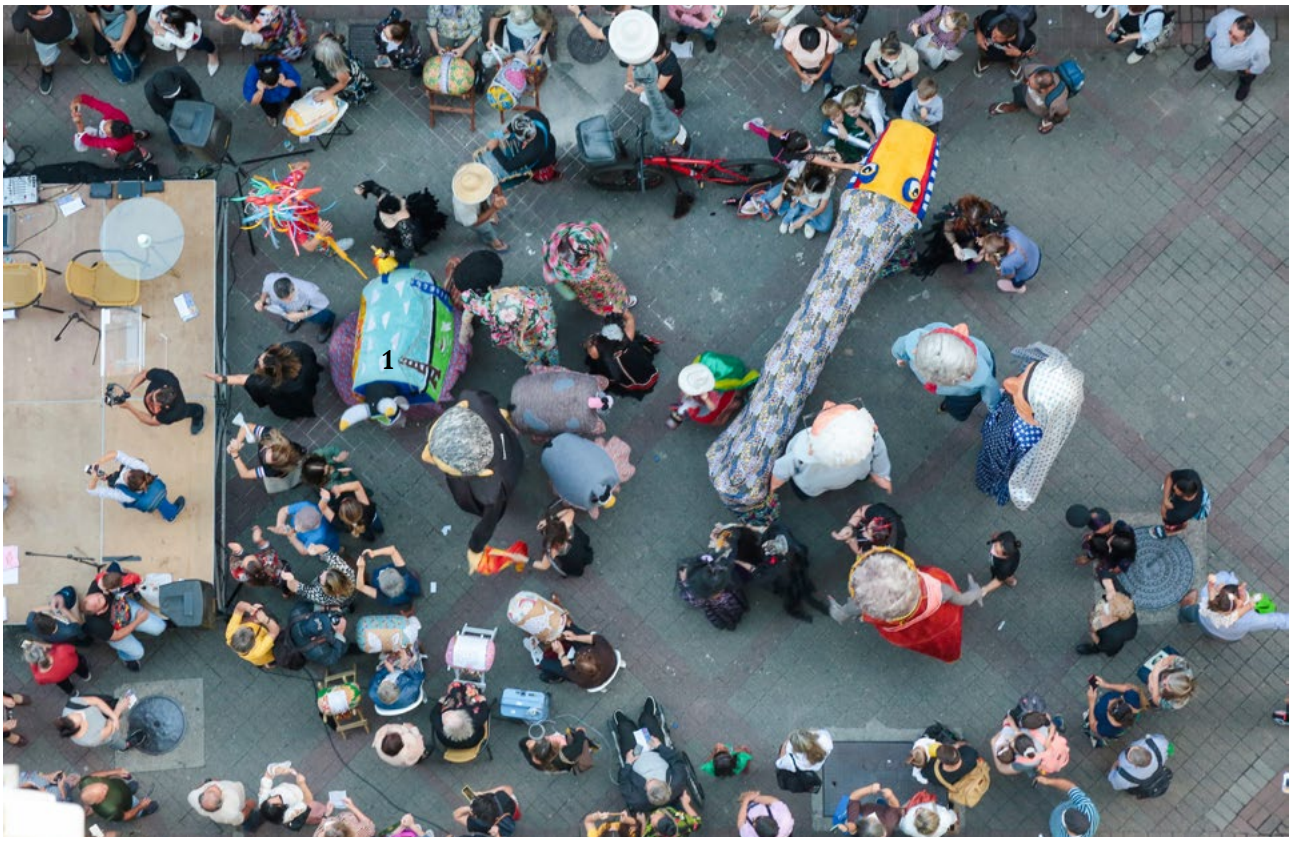
(1) AS BRUXAS DA ILHA ROUBARAM A CENA. LINDÍSSIMAS E CHIQUÉRRIMAS E SOB O TOQUE MÁGICO DA COREÓGRAFA ALESSANDRA GUTIERREZ, ELAS DANÇARAM E ENCANTARAM O PÚBLICO LOCAL. (2) A GALERA DA EQUIPE DE PRODUÇÃO DO GRANDE BAILE MÍSTICO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): COM O MICROFONE SANDRO DE SOUZA PENTEADO, PUXADOR DO GRUPO *ALIVANTA MEU BOI DOS INGLESES*, O MAESTRO JACKSON CARDOSO, SÍLVIA LENZI, FERNANDO GUEDERT, ROSELI PEREIRA, ROSANGELA WITTI, ALESSANDRA GUTIERREZ, SANDRA MEYER NUNES, BEBEL OROFINO, MÁRCIA REGINA TESCHNER, DENISE DE CASTRO, ZENA BECKER, SANDRA MAKOWIECKY, CLARISSA FLOR E VALDIR AGOSTINHO, NA FRENTE.

1

2

3

(1) GRUPO DE RENDEIRAS E CANTIGAS DE RATOEIRA DA ILHA DE SANTA CATARINA. (2) BOI-DE-MAMÃO *ALIVANTA MEU BOI DOS INGLESES* É TODO COMPOSTO E INTERPRETADO POR CRIANÇAS. UMA LINDEZA. FOI A SENSAÇÃO DA FESTA. (3) A PRODUTORA EXECUTIVA DO PROJETO GRANDE BAILE MÍSTICO, NOSSA QUERIDA ZENA BECKER COM VALDIR AGOSTINHO



1

2

(1) AH QUE LINDA QUE É A BERNUNÇA DO GRUPO *ALIVANTA BOI DOS INGLESES*! BENZA DEUS! (2) DIVINA CATERVA! COM VOCÊS AS MAIS LINDAS BRUXAS DA ILHA: ELORA FONTANIVE, ALE GUTIERREZ, VALÉRIA FLORES, DANI KNIHS, KIKA LIMA, TATIANE FONTANIVE.

1

2

3

4

5

6

(1) SERÃO AS BRUXAS DE ITAGUAÇU? EQUIPE EXECUTIVA DO GRANDE BAILE MÍSTICO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): SANDRA MEYER NUNES, SÍLVIA LENZI, SANDRA MAKOWIECKY, SANDRA RAMALHO, VERA COLLAÇO, ROSELI PEREIRA, ZENA BECKER E BEBEL OROFINO. (2) O ARTISTA JONE CESAR DE ARAÚJO, CRIADOR DE INCRÍVEIS ALEGORIAS. (3) ZENA BECKER, PRODUTORA EXECUTIVA DO PROJETO COM O PREFEITO DE FLORIANÓPOLIS, SR. TOPÁZIO NETO. (4) EQUIPE DO GRANDE BAILE MÍSTICO: ROSELI PEREIRA, BEBEL OROFINO, SANDRA MAKOWIECKY, SANDRA RAMALHO E CASSIANO REINALDIN. (5) UMA TREMPE ENCANTADA: O FOTÓGRAFO MILTON OSTETO, O ATOR JB COSTA E O JORNALISTA PAULO CLÓVIS SCHMIDT. (6) OS QUERIDOS RODOLFO KOWALSKY E NADO GAROFALLIS – COORDENADORES DO BLOCO *BERBIGÃO DO BOCA* – COM A SUPER ROSELI PEREIRA.

1

2

3

4

5

6

(1) PAULO BASTOS ABRAHAM – O BOCA, CRIADOR DO BLOCO CARNAVALESCO *BERBIGÃO DO BOCA* COM O EX-PREFEITO DE FLORIPA EDSON ANDRINO E O ARTISTA PLÁSTICO ALAN CARDOSO. (2) OUTRA TREMPE MARAVILHOSA: ROSELI PEREIRA, SANDRA MAKOWIECKY E SANDRA RAMALHO. (3) O ILUSTRE CACO BASTOS (4) BRUXINHAS AMADAS, LINDAS E TOTALMENTE DO BEM: ANA LÚCIA COUTINHO E LENA PEIXER. (5) PERSONAGENS DA EQUIPE: O SÍNDICO DO EDIFÍCIO FLORÊNCIO COSTA (GALERIA COMASA) SR. SÉRGIO DOS REIS COM A PRODUTORA EXECUTIVA ZENA BECKER, SANDRA MEYER NUNES E BEBEL OROFINO. (6) O ENCANTO DA CANTORA E COMPOSITORA DENISE DE CASTRO.

1

2

3

4

(1 e 2) SENSACIONAL. INESQUECÍVEL. O MULTIARTISTA VALDIR AGOSTINHO FAZ A SUA HOMENAGEM AO GALO CÓSMICO E SIDERAL DE ERNESTO MEYER FILHO EM TRUPE MUSICAL MÍSTICA COM BRUXO, GALO E LOBISOMEM: COM ELE, NO TAMBOR E VOCAL ESTÁ ELOI EGÍDIO PEREIRA, UM BRUXO DA BARRA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO E À DIREITA O MAESTRO DO BAILE MÍSTICO, O ESTIMADO JACKSON CARDOSO. (3) É ELE. GELCI JOSÉ COELHO – O MAGO PENINHA – PROTEGIDO POR UMA AURÉOLA DE MULHERES BRUXAS LINDAS E CHIQUES E MUITO FORMOSAS E OUTROS CONVIDADOS. (4) A ATRIZ E CONTADORA DE HISTÓRIAS ANDRÉA RIHL COM O BONECO FRANKOLINO AO LADO DO NOSSO PENINHA.

FICHA TÉCNICA

Título: *O Baile Místico de Meyer Filho*
Artista: Rodrigo Rizo
Assistente: Tuane Ferreira
Produtor: Victor Moraes
Metragem: 264 m^2
Altura: 33 m
Localização: Rua Felipe Schmidt, nº 58
Data do lançamento: 7/12/2021

Iniciativa
2º Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina
Conselho curador: Sandra Makowiecky, Gelci José Coelho (Peninha), Sílvia Lenzi, Vera Collaço, Sandra Ramalho e Oliveira, Sandra Meyer Nunes, Zena Becker, Maria Isabel Orofino (Bebel), Roseli Pereira, Laudelino José Sardá, Roberto Costa.

Equipe executiva
Artista mural: Rodrigo Rizo
Assistente: Tuane Ferreira
Produtor mural: Victor Moraes
Técnico de segurança do trabalho: Thomaz Júnior Ferreira

Coordenação de produção: Bebel Orofino e Sandra Meyer Nunes
Consultoria: Gelci José Coelho (Peninha)
Lançamento: Vera Collaço
Produção executiva: Zena Becker
Logística: Roseli Pereira, Roberto Costa, Laudelino Sardá, Sandra Makowiecky, Sandra Ramalho e Oliveira e Sílvia Lenzi
Apoio logístico: Juciléia Borges e Clarissa Flôr

Assessoria de imprensa: Laudelino Sardá, Rogério Mosimann e Luciana de Moraes
Diagramação: Marli Henicka
Contabilidade: Márcia Regina Teschner e Kalina Marinho da Costa
Fotografia: Nilva Damian e Sandra Puente/Dois Clicks Fotografias e Luiza Filippo
Colaboradores (ordem alfabética): Adriana Aparecida de Brito, Alessandra Gutierrez, Andrea Rihl, Cassiano Reinaldin, Clarissa Flôr, Denise de Castro, Fernando Guedert, Flora Bazzo, Irga Shas, Jackson Cardoso, Jone César de Araújo, José Rodolfo Kowalski, Kalina Marinho da Costa, Leonardo Garofallis, Juciléia Borges, Lúcia Prazeres, Luiza Filippo, Márcia Regina Teschner, Rodrigo Rosa, Valdemir Klamt e Valdir Agostinho.

Fotos Marco Cezar

NO CENTRO O ARTISTA RODRIGO RIZO COM A EQUIPE DE APOIO À REALIZAÇÃO DA PINTURA MURAL *O BAILE MÍSTICO DE MEYER FILHO*. ABAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA KALINA MACEDO E MARINA TAVARES. AO FUNDO TAMBÉM DA ESQUERDA PARA A DIREITA ARTURO VALLE JUNIOR, TUANE FERREIRA, RODRIGO RIZO, VICTOR MORAES, SANDRA MEYER NUNES E BEBEL OROFINO. E NA FOTO PEQUENA, ZENA BECKER, PRODUTORA EXECUTIVA DO PROJETO.

Realização
Museu da Escola Catarinense – MESC/UDESC
Associação Floripamanhã
Instituto Meyer Filho

Patrocínio
Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo
à Cultura – Edição 2020
Fundação Catarinense de Cultura – FCC

Doação
ENGIE

Apoio cidadão
Sr. Sérgio dos Reis (síndico Ed. Florêncio Costa
– Galeria Comasa)
Sr. Irineu Berardi Meireles
Sr. Édio Nunes
Dr. Luiz Alberto Silveira

Apoio institucional
Centro de Artes – CEART/UDESC
Comissão de Arte Pública de Florianópolis – COMAP
Colormar Tintas
Tintas Coral – Tudo de Cor
Street Art Tour
30 Por Segundo
Ondina Editora
Lojas Koerich – Gente Boa. Gente Nossa.

PARTE 2

A EXPOSIÇÃO *BORDADOS PARA MEYER FILHO*

FOTOS DE LUIZA FILIPPO

BORDAR E TECER EM TEMPOS MODERNOS

SANDRA MEYER NUNES[7]

A mais remota lembrança que tenho do ato de bordar é a dos vestidos com gola e punho adornados com flores e miçangas que minha mãe, Ruth, costumava bordar para mim e para minha irmã, Helenita, quando crianças. Morávamos numa casa estilo bangalô na rua Altamiro Guimarães, em Florianópolis, que mais tarde foi demolida, dando lugar, em 1966, a uma ampla residência de dois andares. A casa se travestia de galeria com obras de arte de meu pai, Ernesto, expostas na varanda, na garagem e no quintal, além da sala de visitas. O tipo de arquitetura modernista da casa acompanhava uma tendência que surgia naquela época na cidade, da qual meu pai se orgulhava. A casa era fruto de seu trabalho como bancário e artista. Enquanto ele, artista, cumpria oito horas de trabalho como bancário, ela, dona de casa, dava aulas de bordado e cuidava da casa e dos três filhos.

Até o fim dos anos 1960, as roupas que vestíamos eram confeccionadas exclusivamente por costureiras, sendo que muitas delas foram feitas pela minha própria mãe numa máquina Elgin manual. Contudo, a moda do *prêt-à-porter* chegava à Ilha de Santa Catarina naquela mesma década, trazendo a ideia de consumo da moda pronta para vestir, adquiridas em boutiques e em lojas como a pioneira A Modelar, modificando sobremaneira os hábitos da pacata cidade.

O bordado era imprescindível para o acabamento dos trajes, e minha mãe costumava testar novos desenhos em nossas roupas. Ela era professora de bordado, junto com sua irmã Marília, sendo que ambas seguiam o método presente na apostila do "Curso de Bordado Moderno Varicôr". Um carimbo em cada folha revelava o endereço da matriz do Curso Varicôr: Rua dos Andradas, no 1155, 12º andar, sala 1205, muito provavelmente na cidade de Porto Alegre.

As linhas para bordados da conhecida marca Varicôr não estão mais disponíveis no mercado. Em rápida pesquisa na internet, há informações sobre a raridade e qualidade dessas linhas, produzidas em uma grande variedade de fios e cores em algodão e *rayon* com efeito acetinado, acompanhadas de explicações sobre pontos de bordados indicados para cada fio, perceptível na amostragem de bordados diversos guardados por minha mãe. Chamo a atenção para os nomes das linhas: Bossa Nova, Aleluia, Filosél, Ilha da Madeira e Sissi.

---

7 Artista da dança, professora e pesquisadora. Filha da dona de casa, bordadeira e tapeceira Ruth Silveira de Souza Meyer (Santos, 1929 - Florianópolis, 1994) e do artista plástico Ernesto Meyer Filho (Itajaí, 1919 - Florianópolis, 1991). Preside o Instituto Meyer Filho.

RUTH E SANDRA, BAILE DE DEBUTANTES
DO CLUBE 12 DE AGOSTO.

SANDRA E O PAI, MEYER FILHO,
BAILE NO CLUBE 12 DE AGOSTO.

FLOR MEYERIANA.

Fotografias do acervo de Sandra Meyer Nunes

Em uma pasta encapada com plástico de flores azuis, separada por plásticos, e com uma dedicatória de 1965 de sua prima Liene, Ruth guardava a apostila impressa em papel mimeografado das aulas a serem ministradas, com amostragens de bordados diversos em pequenos pedaços de tecido envoltos em plástico e alfinetados no arquivo. Na contracapa da pasta há um versinho escrito a lápis por minha mãe: "Alguém quis desenhar o céu aqui na terra e idealizou as linhas Varicôr". E uma quadra: "As roupinhas do meu bebê / Ficaram um primor / Porque foram bordadas / Com as linhas Varicôr".

Ao descolar cuidadosamente o plástico que encapa o arquivo, percebo na capa os dizeres impressos "Créditos do Exterior", bem como a sua procedência — o Banco do Brasil — com desenhos do corpo humano esboçados por meu pai. Essa recente descoberta faz eco às centenas dos estudos "rápidos e rapidíssimos" por ele elaborados no período de trinta anos em que trabalhou no Banco do Brasil. Ele costumava repetir inúmeras vezes como se deu a sua vida de bancário: "sem nenhuma falta ao serviço, nenhuma úlcera no estômago e nenhuma promoção por merecimento". Mas isso já é outra história.

Essa pasta, de cerca de 70 anos, guardada por minha mãe e agora por mim, evoca rastros de vida que tento rememorar. Folheando o material, fica evidente que a temática preferida eram as flores, algumas delas semelhantes às desenhadas por meu pai, com hastes e pistilos, e pequenos insetos, destinados a virarem bordados em vestimentas de crianças, mas também em formas mais sofisticadas, como vestidos de baile, comuns à época. Meu vestido branco de debutante, confeccionado para o baile do Clube Doze de Agosto, em 1972, ano de centenário do clube, tinha um corpete e mangas bordadas com aplicação de flores e canutilhos, de onde saía uma longa saia plissada. O vestido azul longo de minha mãe, feito para a ocasião, tinha uma tira bordada no decote, assim como o de minha irmã. Muitas das minhas colegas desfilaram nos salões do clube vestidas e bordadas pelo célebre costureiro Galdino Lenzi, enquanto eu era "apresentada" à sociedade florianopolitana ostentando o bordado feito por minha mãe.

A pasta de bordados revela outra frase curiosa: "Varicôr é a linha que encanta os bordados modernos". Não é possível saber precisamente quem criou os versos, se minha mãe ou se eram espécies de slogans da fábrica. Mas, de toda forma, o que seriam os bordados modernos? O que essas linhas e bordados inovavam em relação aos bordados vigentes na época? É curioso que essa atividade de bordar no tempo de minha mãe, ainda que restrita ao universo feminino, estava inserida num momento em que a cidade de Florianópolis recém se "modernizava" na arte, na literatura, no cinema e na arquitetura. Guardo, ainda, uma

toalha de mesa vermelha com flores brancas que bordei no início dos anos 1970 como aluna do Colégio Coração de Jesus, atividade manual esta que fazia parte da educação das moças da cidade.

Outro verso, anotado em lápis na apostila do "Curso de Bordado Moderno Varicôr", referente à sexta aula, aponta para uma certa relação entre bordado e arte: "Assim como nos contos de fadas se imprimem nos corações infantis as ilusões fantasiosas, as linhas Varicôr, aplicadas com arte [grifo meu], evocam, no espírito dos adultos, a mais elevada expressão de beleza".

Minha mãe nem poderia imaginar que bordar e costurar, práticas artesanais domésticas que por muito tempo estiveram restritas às mulheres e às crianças, quase extintas por conta dos processos de industrialização, seriam incorporadas ao ambiente da arte contemporânea, a partir do trabalho com agulha e linha de artistas brasileiros/as das décadas de 1980-90, sendo criadas inclusive por homens, como Leonilson[8].

No entanto, bem antes de Leonilson, no final dos anos 1950, aqui na Ilha, Pedro Paulo Vecchietti (1933-1993), contemporâneo de Meyer Filho — ambos integrantes do histórico Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF) — se firmava como tapeceiro, contribuindo para que essa forma de expressão fosse reconhecida na cidade como arte, tal qual os suportes mais comuns, como a pintura e a escultura. Tendo o bordado como iniciação, minha mãe passou a participar do mundo de meu pai de uma outra forma: pela tessitura de seus célebres galos.

DO BODADO À TAPEÇARIA

Não lembro o exato momento em que a bordadeira Ruth virou tapeceira, mas sua primeira tapeçaria, sempre tendo como motivo a obra de meu pai, data de 1969. Um galo bordado em cores, na técnica de meio ponto, foi inserido no espaço de fundo bege, sem uma linha que delimite o seu chão. A assinatura R.M.F [Ruth Meyer Filho] revela a sua participação na autoria da obra. Outra figura de galo, de 1970, foi tecida em linha de lã branca sobre um fundo preto, com detalhe de amarelo na crista. Já a tapeçaria de 1973, um galo ladeado por flores, foi confeccionada em lã com agulha e ponto Esmirna.

---

8 O texto *Bordaduras na Arte Contemporânea Brasileira: de Edith Derdyk, Lia Menna Barreto e Leonilson*, de Ana Beatriz Bahia, traz reflexões sobre arte, bordado e costura: http://www.casthalia.com.br/periscope/anabahia/bordadurasnaartecontemporanea.htm

Ao falar de sua trajetória artística, Meyer Filho incluía, além da atividade de desenhista, pintor, chargista e cronista, a de tapeceiro, sendo que o desenho elaborado por ele era tecido por ela. Os tapetes não foram comercializados e fazem parte dos *Arquivos Implacáveis Meyer Filho*, nome por ele atribuído ao vasto acervo guardado em vida, hoje pertencente à família e aos cuidados do Instituto Meyer Filho.

Ao ser solicitada em uma entrevista para falar sobre sua convivência com o marido, nos anos 1970, Ruth declarou em um escrito:

> Conviver artisticamente com o pintor Meyer Filho, entender seus momentos de excitação artística; seus impulsos, suas revoltas principalmente durante sua permanência como funcionário do Banco do Brasil, não foi fácil não; sua mãe [Rachel Liberato Meyer] já dizia que já me estaria reservado numa das Igrejas de Florianópolis, um lugar para mim quando morresse. Pois são 31 anos de convivência, acompanhando as exposições no Rio, São Paulo, Curitiba, Brasília, é que vi seu talento como artista, pois em qualquer destes lugares onde expôs, não deixava de dar seus depoimentos falando sobre arte em televisões, jornais etc., mostrando seu profundo conhecimento.

Ela, filha de desembargador e criada de um modo tradicional, passou por dificuldades em muitos momentos para lidar com a intensidade do marido artista, suas revoltas e impulsos, como bem salienta na entrevista. No entanto, foi ao lado do marido artista que Ruth conheceu outras realidades possíveis para além da encontrada na provinciana Ilha de Santa Catarina. Até mesmo outro planeta, na posição de esposa do Embaixador do Planeta Marte na Terra. Mas isso também é outra história a ser contada.

A imagem acima mostra minha mãe posando elegantemente para o retrato feito na entrevista concedida ao colunista Celso Pamplona[9], sentada na sala de estar da casa na rua Altamiro Guimarães com uma das tapeçarias ao colo. Ao tecer os traços meyerianos, minha mãe experimentava-se por um tempo no lugar da arte e do artista; não mais como a esposa, mas como a tapeceira R.M.F. No fim dos anos 1980, Ruth passou a tecer obstinadamente mantas em crochê de lã para aquecer os dias e noites. Costurar, bordar e tecer são modos de produzir histórias, linhas de vida, relações de afetos, até mesmo de caráter curativo. Terminar uma manta e logo começar outra fazia avançar os dias, sem ao menos ela saber para onde iam.

---

9 Publicada com o título *Celso Pamplona retrata Senhora Ruth Silveira de Souza Meyer*, no Suplemento Dominical do Jornal *A Gazeta*. Florianópolis, 20 de setembro de 1970, p.3.

MEYER FILHO E TAPETE.

RUTH BORDANDO TAPEÇARIA.

PRESENÇAS DE MEYER FILHO EM CRIAÇÕES DE BORDADEIRAS

SANDRA RAMALHO E OLIVEIRA[10]

NÃO SABEMOS QUE SABEMOS O QUE É MORFEMA

Por quê quando nos deparamos com uma certa obra de arte desconhecida conseguimos identificar sua autoria? Evidente que isto não acontece com todos os trabalhos artísticos nem com todos os artistas. Mas podemos fazer algumas considerações que nos possibilitarão, quem sabe, adentrar a imagens, mergulhando nelas como se nossos olhos pudessem atravessar a bidimensionalidade da superfície plana que a hospeda, por ser seu suporte.

É sabido que se pode proceder a diversos modos de leitura de uma imagem, pois dependendo da base teórica da qual se parte, uma ou mais metodologias lhe serão correspondentes. Desde a leitura meramente intuitiva, por meio da qual se buscará identificar formas análogas às do mundo que nos cerca; e se perguntará — muitas vezes mentalmente — "o quê o artista quis dizer com isto?", até teorias densas e métodos complexos, o fato é que a escrita mais remota e perene da humanidade que se tem comprovação é a de formas e cores, que viemos chamando de linguagem visual.

A esta linguagem, como a qualquer outra, correspondem leituras distintas, e como há diversas concepções de escrita, também as há de leitura. Se tomarmos como exemplo a música erudita, que o senso comum elegeu chamar de clássica, não que ela não o seja, seremos capazes de admitir que mesmo apreciando em níveis semelhantes de prazer, um melômano e um leigo farão leituras diferentes.

Aqui vamos tratar dos modos de uso da linguagem visual criada por diferentes bordadeiras de Florianópolis tendo como referência a obra visual de Ernesto Meyer Filho. E vamos usar como uma espécie de chave para a leitura dessas obras os morfemas visuais, ou os elementos de forma, encontrados em tais bordados, coincidentes com aqueles presentes nos trabalhos de Meyer Filho.

Morfemas são unidades mínimas às quais se pode atribuir significado, mas, convenhamos, na linguagem verbal esta atribuição será sempre mais hermética do que na linguagem visual, como quase tudo o que se tenta equivaler entre estas duas linguagens, a verbal, e outra, a visual. Dito de outro modo, se em linguagem verbal se pode delimitar, definindo o fenômeno, na linguagem visual as possibilidades são inimagináveis, até porque a gramática do visual constitui-se mais de exceções do que de regras.

---

10 Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/CEART/UDESC).

O assunto é complexo, mas se tomarmos como exemplo o vocábulo mar, ele é um morfema em linguagem verbal que se conduz como tal dando origem a outras palavras com distintos significados, como maré (fluxos e refluxos do mar), marujo (ou marinheiro, aquele que desempenha seu trabalho em um barco), maresia (o odor ou a bruma que se desprende da maré, geralmente a vazante).

Outro exemplo, caro a este estudo, é o morfema borda (extremidade de uma superfície), que origina diferentes vocábulos, bordado (ornamento de uma extremidade), bordar (ornamentar), bordadeira (aquela que executa um ornamento sobre uma superfície).

Isto nos mostra que, ao contrário do que possa parecer, uma palavra não é a menor unidade de significação, mas o morfema, e nisto as duas linguagens se equivalem, pois uma parte de uma imagem, uma cor, uma textura ou até mesmo um traço pode ser gerador de sentidos.

O que se pode depreender é que na busca de morfemas poderemos identificar unidades mínimas de significação, ou seja, um modo de leitura, que na linguagem verbal se dá em letras, ou em arranjos de letras, mas na linguagem visual se dá em linhas, formas, cores, texturas, principalmente. Os morfemas visuais não são estritamente definidos ou claramente delineados, pois há a devida "licença poética" para os artistas, que não é apenas prerrogativa da poesia, mas de todas as linguagens estéticas, ou seja, a dispensa da gramática correspondente em favor da composição estética do texto (visual, sonoro, verbal, cênico ou outro). Resumindo, para criar é permitido transgredir normas linguísticas, seja de que linguagem forem elas.

O quê encontramos nas imagens criadas pelas autodenominadas bordadeiras que possam ser identificados como morfemas da obra de Meyer Filho e que permitam a esses trabalhos fazer parte daquele universo visual, tanto no campo formal, ou seja, no plano de expressão, quanto, consequentemente, no campo semântico, isto é, no plano de conteúdo? Quais os morfemas identificáveis? Nessa busca de figuras e morfemas possivelmente se dará um aprofundamento da leitura da visualidade. Antes, são necessárias algumas considerações.

O PODER QUE OS TÍTULOS DÃO ÀS IMAGENS

Inicialmente, ainda não entrando no objeto desta análise, qual seja, identificar morfemas visuais em bordados alusivos à obra de Meyer Filho, há outra questão a abordar, por nos ter ressaltado quando do contato inicial com as imagens: seus títulos. Os títulos de obras modificam a leitura da imagem, assim como

um adjetivo modifica um substantivo. Isto porque, muitas vezes o próprio autor não se dá conta e não dá conta da extensão de conteúdo do plano de expressão que produziu.

Tal situação pode ser observada quando um artista concede uma entrevista na abertura de uma exposição sua. É comum diminuir a potência do seu trabalho. É de domínio público, pois a sabedoria popular já consagrou a máxima de que "uma imagem vale mais do que mil palavras", mas a base curatorial, a ideia-força, a semente a partir da qual brotou o conjunto dos trabalhos, o eixo condutor da narrativa nem sempre permanece ao alcance de um artista, já que ele fixou suas preocupações em torno de produzir, a dar vazão a o quê sente e pensa. E não a traduzi-las em palavras. Nem mesmo para intitular trabalhos.

Em experiências em sala de aula verificou-se que a revelação do título da obra apenas ao final da exploração visual da imagem proporcionava mais concentração na busca do potencial que a imagem oferecia. Um exemplo pode melhor clarear o fenômeno:

Abstraindo o título de uma determinada obra de Portinari e, até mesmo, no contato inicial, omitindo dados sobre o seu autor, parte o leitor da obra para apreender seus sentidos, sendo que não necessariamente se dedicaria a apreciar detalhes se o título já lhe fosse ofertado a priori. Isto porque, entre outras questões abaixo arroladas, a forma do conteúdo dentro do pano mostrado na imagem apresentada como exemplo

> [...] não parece a de um ser humano, mas um volume qualquer; o costume característico de uma região específica, o de levar os mortos a enterrar em uma rede e não em um caixão; o fato de a rede parecer mais um lençol, e não uma rede; e mesmo o fato de que a cena retratada não é o enterro, em si, mas a caminhada até o local do enterro, poderia não se perceber de pronto o significado global do quadro [...] (Ramalho e Oliveira, 1998, p.165).

Assim, o título Enterro na Rede (fig. 1), anteciparia para o destinatário potencial da obra um amplo espectro de efeitos de sentido, frustrando a experiência estética pessoal de cada leitor, que não se confunde com a decodificação da imagem, mas com uma espécie de troca de sentidos e significados entre a própria obra e o seu leitor.

Essa liberdade interpretativa é concretamente oferecida ao leitor de imagens quando, ao invés de atribuir um título verbal nominal para cada trabalho artístico, seu autor os identifica por uma escala numérica. É o caso, entre outros, de algumas composições de Mondrian, mas os exemplos abundam mesmo na música erudita, como nas sinfonias, sonatas e concertos de Mozart, Chopin e Beethoven.

FIG. 1. CÂNDIDO PORTINARI, ENTERRO NA REDE, 1944.

Deste modo, ao primeiro contato com os trabalhos das bordadeiras, com o intuito de desenvolver o estudo dos morfemas que fazem referência à caligrafia de Meyer Filho, surge uma dificuldade: considerar ou não os títulos das imagens bordadas, atribuídos por elas? Por coerência, a opção foi não leva-los em conta. Até porque, se nosso objeto motivador do estudo são os morfemas, unidades mínimas de significação, e ainda que apresentados em linguagem verbal, os títulos extrapolam, excedem e podem desviar o foco aqui pretendido.

Como se isto não bastasse, houve uma diversidade grande na apresentação dos títulos, alguns longos, descritivos, outros óbvios, outros incompatíveis e até vários que ficaram sem título.

GALOS COMO "REIS DO TERREIRO"

Ainda a título de preâmbulo, necessário se faz, sinteticamente, diferenciar morfema de figura. Figura é uma unidade de análise superior em complexidade e pode ser composta por vários morfemas. Mal comparando, um morfema na linguagem verbal pode ser uma subunidade de uma palavra, assim como um morfema visual pode ser uma subunidade de uma figura.

O galo, figura tão presente na obra de Meyer Filho, a ponto de ele ser conhecido por alguns, informalmente, como "o pintor de galos", embora aborde diversas outras temáticas, no imaginário brasileiro esta ave é uma personagem que acumula em torno de si muitas expressões que acabam convergindo, no campo semântico, para o conceito de poder. "Cantar de galo" é se vangloriar; o ditado "onde canta o galo galinha não canta", é uma expressão machista aludindo a que quem manda na casa é o homem; o título de "rei do terreiro", alcunha dada ao galináceo, deixa claro que ele é aceito como, hierarquicamente, o maior entre iguais, assim consideradas as aves que habitam o terreiro, quintal ou galinheiro. E reiterando a noção de poder, a ele é atribuído um título monárquico, posto que não é o chefe nem o líder do terreiro, mas o rei. Em síntese, o galo é a representatividade do poder e, mais do que isso — ou paralelo a isso — um símbolo do poder masculino.

Entre os bordados criados em homenagem ao artista Meyer Filho, 24 foram analisados e 19 apresentam ou a figura do galo ou algum morfema que remeta àquela personagem. Inicialmente, vejamos os galos como dominante da cena, o "rei do terreiro", no caso, o rei da imagem, pois a figura domina todo o texto visual, que em dois casos são verbo-visuais.

FIG. 2. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO.
ELABORADO POR TINA E NORMA, RESPECTIVAMENTE

São galos de autoria, respectivamente, das bordadeiras Tina e Norma (fig. 2); Vera e Olga (fig. 3); Flávia e Myrian Maciel (fig. 4), os quais eu apelidei, respectivamente, de Galo Preto; Galo com lágrima; Galo olhando pro rabo; Galo miscigenado; Galo *ipsis literis* e Galo *patchwork*, títulos meramente descritivos, apenas para localização no conjunto das imagens, para efeitos de análise, procurando ser o mais literal possível, isto é, tentando não interferir naquilo que a imagem mostra.

Mas há outro morfema comum a cinco destas seis imagens, identificável pela cor e pela forma: o planeta Marte, que está igualmente presente em outros trabalhos. Trata-se de outra referência no imaginário do artista, o planeta Marte, de onde teriam vindo suas criaturas fantásticas, segundo ele.

Além do planeta Marte, que ora é uma figura, ora figura e morfema, bem como, além da figura dos galos, o que há na construção dessas aves, individualmente e em comum?

Basicamente, em comum, os morfemas crista, bico, penas e pés, estes ausentes em um deles. Mas perceba-se que não se trata de cristas, bicos, penas e pés quaisquer. São cristas, bicos, penas e pés da lavra de Meyer Filho. Aqui não apenas identificamos os morfemas presentes na figura dos galos, mas a sua identidade como artista, bem como a intertextualidade das criações das bordadeiras com as do artista que tinham como referência.

Mas além da temática de Meyer Filho, há a caligrafia individual de cada bordadeira, que se sobrepõem às marcas do artista. Aí vamos encontrar a identidade das bordadeiras, que se manifestam nas escolhas dos materiais, das cores, das poses, da articulação da figura com o todo da imagem.

O galo de Tina é um galo, poderíamos dizer, invernal (fig. 2); isto porque apresenta total coerência entre figura e fundo, na textura que se destaca, e na economia de cores. Ele não parece um galo de penas, mas um galo de lã. Em termos de cores, também invernais, além do preto e cinza, apenas a crista é vermelha, dialogando com o planeta Marte. Ocupando quase todo o espaço, mesmo em escorço, que é uma estraté-

FIG. 3. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO.
ELABORADO POR VERA E OLGA, RESPECTIVAMENTE

gia visual para apresentar figuras de um ângulo que ocupe menos espaço, distorcendo-a para lhe conferir aspecto tridimensional, ele é um galo poderoso, passa essa noção, lembrando também um peru, dado o fato de que as penas caudais estão abertas em leque, como faz o peru no rito do acasalamento.

Norma fez de seu galo um militante em defesa da cidade, e para tanto, solicitou a ajuda da linguagem verbal (fig. 2). Ele tem uma discreta lágrima, que alude às causas perdidas, referentes à identidade e à história da cidade de Florianópolis. Ladeado pelo Sol e por Marte, o galo colorido, também em escorço, ou seja, de frente, indaga onde está o mar que estava aqui, traz a imagem do Miramar e suas datas de "nascimento e morte", faz alusão à ameaça aos paralelepípedos do centro da cidade e apresenta ainda a ponte Hercílio Luz como patrimônio preservado.

No trabalho de Vera há toda uma delicadeza que só é completamente percebida de perto (fig. 3). Às penas foram dedicados pontos simples, mas que associados à cor branca da linha, passam a ilusão de penas mesmo; o corpo é composto, na maior parte, por fuxicos, flores feitas de tecido, gentilmente pregadas ao tecido de fundo por miçangas que lhe dão brilho e servem de miolo. Até o terreiro que este galo pisa é um espaço cheio de sensibilidade, sobre o qual se entretecem fios muito finos, mas que oferecem uma textura sutil e brilhante. Ele está em um terreiro ascendente e "olha" para trás; seria para "caber" na tela? Ou para compor a imagem, tão integrada em todas as suas partes ou, vale dizer, morfemas?

O galo de Olga (fig. 3) desponta com duas características: uma, de ser um galo híbrido ou miscigenado: há morfemas de galo, mas há também morfemas de outro(s) animal(is), não facilmente identificável(is). A outra característica é a da adoção de um princípio ancestral na história da arte, a da "lei da frontalidade", presente na arte egípcia (fig. 5). Inicialmente interpretado como uma incapacidade de retratar melhor as figuras, mais tarde foi entendida como um princípio para caracterizar melhor cada parte da figura repre-

FIG. 4. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO.
ELABORADO POR FLÁVIA E MYRIAN MACIEL, RESPECTIVAMENTE

sentada. Isto confere uma certa estaticidade às figuras. Outra característica desta lei estética é o desenho do olho como ele parece de frente colocado em um rosto ou cara de perfil. Isto é outro morfema que identifica as figuras de Meyer Filho. Se apreciarmos os dois galos que se apresentam aqui lado a lado, perceberemos a diferença entre o efeito de movimento que a estrutura do galo da Vera sugere e a estaticidade do galo da Olga (fig. 3). Nada a criticar em nenhum dos dois, apenas destacar que são ótimos exemplos para nos ensinar a ver o que vemos. Mas em ambos, como em todos os seres de Meyer Filho e em todos da lavra das bordadeiras, os olhos são frontais.

O galo de Flávia pouco se distancia, visualmente, de uma obra de Meyer Filho (fig. 4). Além do galo, os demais elementos, como o planeta Marte, as flores e as cores, parece uma reprodução de um trabalho do artista. E no seu bordado ela se apropriou inclusive de um texto verbal escrito com a caligrafia do artista em um balão-HQ e ainda mais, da sua assinatura. Uma mera cópia? Flávia poderia ser acusada de plágio? Não, entre a obra do artista e o trabalho da Flávia há tantas diferenças que aqui não haveria espaço para discutir. Mas vamos levar em conta apenas que as técnicas são diferentes. Flávia executou um bordado.

O que nos diz o galo de Myrian Maciel? (fig. 4). Ele se apresenta com identidade própria, a começar pela cor, uma variação de tons de rosa sobre um fundo cinza. Foge da palheta de cores de Meyer Filho e traz a sua marca nessa harmonia de cores. Ademais, há a própria postura do galo, voltado para seu rabo, mas com uma postura inquiridora. Imponente. Daí observamos as penas, que não são penas individuais, mas blocos de penas, ora reunidas pela aplicação de um tecido, ora preenchidas com um ponto de bordado diferentes dos demais. O também róseo planeta Marte é circundado por raios negros idênticos com os das flores aos pés do galo. Estas flores, Marte e uma parte do corpo do galo contém mandalas semelhantes, que conferem unidade ao conjunto.

FIG. 5. MORFEMAS TÍPICOS DA ARTE EGÍPCIA DESTACANDO A LEI DA FRONTALIDADE.

Além desses detalhes, que visam a estabelecer semelhanças e diferenças entre a obra de Meyer Filho e os trabalhos artísticos das bordadeiras, percebe-se que tanto a figura do galo e seus morfemas se repetiram neste bloco de imagens, como a figura-morfema do planeta Marte, exceto em uma delas.

GALOS COADJUVANTES

Nos bordados do grupo, outros galos aparecem como coadjuvantes e não como figura central, como nos trabalhos de autoria de Sofia, Eliâne, Andrea, Márcia, Carol, Gabriela, Dolores e Rozi. Do mesmo modo, apenas para efeitos de identificação em uma amostra tão grande para este tipo de análise, apelidei-os, procurando ser descritiva para não tirar o foco do que vemos: respectivamente, Galo-peixe 1; Galo escondido; Galo-peixe 2; Galo sobre a sereia; Galo assinatura; Galo no telhado; Galo em escorço; Gal-ivota, que é uma miscigenação de galo com gaivota.

São propostas bem diferentes entre elas e, à primeira vista, pode parecer que nada há em comum entre estes bordados. Isto serve para nos mostrar que para uma devida apreensão dos conteúdos e até mesmo para a percepção de tudo o que se vê em uma imagem é necessário um olhar atento.

O fundo negro do bordado de Sofia (fig. 6) ressalta o contraste com o colorido diversificado de suas figuras; além de uma flor, os outros são animais marinhos: um siri, um polvo, um peixe e um galo-peixe — e não peixe-galo, pois este pertence a uma espécie existente, ao passo que o galo-peixe pertence aos híbridos nascidos das bordadeiras por influência de Meyer Filho. Diversos olhos, corações e pequenos pontos, todos morfemas da obra *meyeriana*, além da cabeça e das asas de um galo em forma de peixe presentificam o artista neste trabalho.

As escolhas cromáticas e as formas aplicadas às figuras conferem movimento e vibração ao conjunto, passando a sensação de alegria, malgrado o fundo negro. Cada figura tem uma dimensão semelhante, elas

FIG. 6. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO. ELABORADO POR SOFIA, ELIÂNE E ANDRÉA, RESPECTIVAMENTE

não disputam espaço. E todas se dão a ver com clareza, dentro de um mesmo estilo de representação.

Eliâne parece fugir um pouco do universo de formas das figuras ou de morfemas de figuras do universo visual de Meyer Filho (fig. 6). Além do fundo, destacam-se como figuras uma árvore e o portal de entrada da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim (1744), situada em ilha homônima, entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, palco de sangrentas execuções durante a Revolução Federalista (1894). Uma escadaria em diagonal se estende até a borda do bordado e a estratégia de ultrapassar seu limite com o colorido barrento ou sangrento das escadas, além de quebrar a estaticidade linear da borda inferior, passa a sensação de que o barro e/ou o sangue se espalha para fora dos limites da imagem. É então que, abstraindo-se as figuras dominantes, percebe-se um pequeno ponto negro à direita da escada. Um olhar apressado pode não perceber. Mas trata-se de um pequeno galo que, de tão pequeno, está mais para um morfema do que para uma figura.

Andréa, também fazendo um casamento de um ser do mar com um do terreiro nos traz outra versão de galo-peixe (fig. 6). A cabeça é de galo, olho frontal numa cabeça de perfil, morfema característico de Meyer, corpo com forma de peixe, mas barbatanas que podem ser entendidas também como asas, na viagem marciana das ideias do artista onde os seres se mesclam, como veio a ser explorado, bem mais tarde, por Walmor Correa, mas em outra perspectiva, como no trabalho adiante, intitulado Ondina (fig. 9). Ondina é uma sereia, ser híbrido que aparecerá em outros bordados, como aparece com certa frequência na obra de Meyer Filho, entre seus muitos seres miscigenados, fantásticos.

FIG. 7. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO.
ELABORADO POR MÁRCIA E CAROL, RESPECTIVAMENTE

Este galo-peixe nada em águas tranquilas de uma cena típica da ilha capital de Santa Catarina: mar, montanhas e céu, um recorrente estereótipo adotado por adultos e crianças. Além dessa figura híbrida, quatro corpos celestes habitam a cena: além de Marte, Lua, Sol e outro planeta não identificado não conseguem iluminar a noite escura.

O galo de Márcia pousou na cabeça de uma figura que traz de volta a mítica sereia (fig. 7). Ele não é coadjuvante tampouco, pois a sereia, e mais ainda a sua cauda, assumem o protagonismo da cena, competindo apenas com um polvo gigante. Além da dimensão, a sereia também se destaca pela textura de uma variedade de pontos de bordado que ornamentam sua parte peixe e sua densa cabeleira azul, cor predominante na imagem, que nos remete ao mar. Pequenas flores são morfemas da obra de Meyer Filho, além da figura do galo.

Mais presente do que a reprodução de uma foto do próprio artista é impossível, como registro de sua presença. Além disso, Carol trouxe para sua composição (fig. 7) um documento do Banco do Brasil, o histórico emprego burocrático do artista, nessa espécie de inventário *nonsense* de morfemas onde se destacam olhos frontais alfinetados, círculos vermelhos que aludem a Marte, insistentes números sete, uma caveira, um osso, uma torneira que sai da cabeça do artista e pinga uma gota vermelha (sangue?), um pé humano fazendo as vezes de vaso para duas flores, em um dos muitos arroubos surrealistas, uma vasilha com três puxadores tendo uma bola e uma minúscula sombrinha sobre ou atrás da cabeça de Meyer Filho e seu olhar, com os óculos que sofreram a interferência de listras, parece mirar para o canto do retângulo onde geralmente o artista coloca a sua assinatura, e ali está uma cabeça de galo.

Os arranjos de grupos de letras cujo significado não fica explícito e são impronunciáveis remontam ao título sobre o artista, cujo subtítulo é "Arquivos implacáveis de Meyer Filho", organizado por Kamilla Nunes e Pedro Franz, coordenado por Sandra Meyer, de acordo com quem essas letras formam '"palavras códigas' que Meyer Filho decifrou durante três décadas trabalhando no Banco do Brasil" (Nunes e Franz, s/d.).

FIG. 8. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO. ELABORADO POR GABRIELA, DOLORES E ROZI, RESPECTIVAMENTE

Neste inventário onde predominam os morfemas, ainda se encontra uma cabeça de galo com uma grande crista estampada por bolinhas pretas; sobre a sua barbela (ou papilha), um coração vermelho. Anote-se a economia de cores, do cinza ao preto, exceção feita ao vermelho, como em outros trabalhos, aludindo a Marte ou em forma de coração. Pode-se afirmar, sim, que uma cor, o vermelho, é um dos morfemas de Meyer Filho.

Muita coisa a se analisar, já que apenas o número 7 poderia ser objeto de um trabalho acadêmico, pois desde os gregos até o candomblé, assume uma gama imensa de significados, uma vez que foi considerado número mágico por Hipócrates e número perfeito por Pitágoras e em numerologia tem como significados o sagrado, a consciência, o intelecto, a sabedoria, a totalidade, a perfeição, entre outros sentidos.

As casas de arquitetura colonial portuguesa que iniciaram o povoamento da cidade, lamentavelmente desaparecidas em sua maior parte, ainda podem ser encontradas, com certa obstinação na busca, em alguns lugares do interior da Ilha. E cada casa dessas, possivelmente, um reino de um galo: o terreiro ou quintal. Daí que Meyer Filho retratou essas casas e seus quintais em diversas obras. Foi este o cenário que Gabriela nos trouxe em seu bordado (fig. 8): a casa açoriana em meio a árvores e flores multicoloridas, montanhas, céu, o indefectível planeta Marte em vermelho. A casa é a figura principal, mas o galo, embora coadjuvante, está presente em toda a sua autoridade: de cima do telhado da casa, ele se posiciona com as asas abertas e parece cantar. E sua dimensão gigante reitera seu poder, pois na escala usada pela bordadeira, o galo é maior do que uma janela ou uma porta.

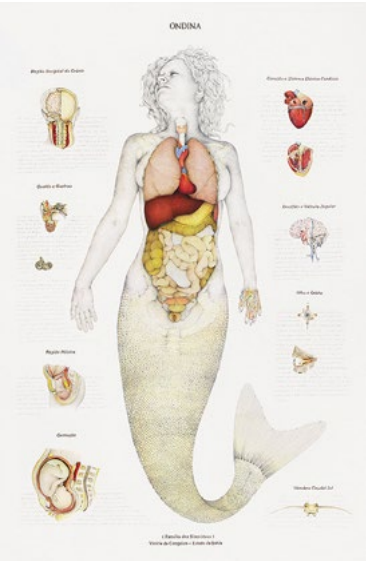


FIG. 9. WALMOR CORREA, ONDINA, 2005, ACRÍLICA E GRAFITE SOBRE TELA, 195 X 130 CM.

No colorido do bordado de Dolores (fig. 8), destacam-se o verde e o vermelho intensos, a título de fundo que, a princípio, passam um efeito de sentido bastante eloquente e impositivo. Porém, ao se observar a diversidade de elementos, figuras e morfemas minúsculos, cuidadosamente construídos, a delicadeza e a sutileza dos personagens dominarão os efeitos se sentido.

Os círculos estão em flores, árvore, borboleta, em um peixe voador com cabeça de ave, em um pássaro; e em um galo em escorço com peito em forma de coração — outro morfema — coração que parece se sobrepor a outros com formato semelhante e dimensões maiores e que se não fossem seus pés, este galo poderia ficar incógnito, tanto quanto um outro ser na borda inferior do bordado: ele tem uma crista de galo aumentada e colorida, cabeça de ave, um corpo ambíguo e pernas também ambíguas, pois se parecem com as do galo acima, mas deste não se vê os pés, escondidos entre flores.

Se se considerar todos os círculos vermelhos presentes nos bordados como o planeta Marte, tão aludido e representado por Meyer Filho, é curioso se observar que, em muitos bordados aparece mais de um planeta Marte. É o caso do trabalho de Rozi no qual, além deste morfema *meyeriano* figuram também as pequenas flores (fig. 8). Mas o que domina a imagem é o encontro do caráter mitológico da obra de Meyer Filho com o cenário mitológico da praia de Itaguaçu onde, segundo diversas declarações do museólogo Gelci José Coelho, o Peninha, bruxas teriam se transformado em pedras; e estas foram modelo para muitas obras de um dos artistas contemporâneos de Meyer Filho: Hassis. Rozi fez esta miscigenação de temáticas, assim como criou as aves que ora voam, ora pousam nas pedras, pois parecem um cruzamento dos galináceos de Meyer Filho com as gaivotas que abundam em Itaguaçu, bem como na obra de Hassis, chegando a ser o símbolo da Fundação que leva seu nome. E assim surgiram as gal-ivotas de Rosi, um híbrido de galo com gaivotas.

Este é encerramento do estudo, sempre provisório, do bloco de bordados nos quais a figura do galo está presente, mas não como personagem principal e sim como uma espécie de coadjuvante.

FIG. 10. HASSIS PINTANDO AO AR LIVRE NA PRAIA DE ITAGUAÇU, FLORIANÓPOLIS.

GALOS APENAS EM MORFEMAS

Em alguns dos bordados vamos poder perceber mais claramente os morfemas, sua importância para a leitura ou a apreciação de um trabalho artístico e, talvez até mesmo o motivo de nossa insistência no assunto e da classificação desses trabalhos em conjuntos diferentes.

Onde está Meyer Filho no trabalho de Myriam Bohrer (fig. 12)? Na casinha açoriana, apenas delineada, no planeta Marte, acima dela, nas pequenas flores distribuídas como que para compor uma estampa, e nos seres fantásticos, híbridos, surreais, uns alados e outros terrestres.

E, em um deles que se destaca, embora tenha a pretensão de quadrúpede, mesmo mostrando só dois pés (humanos), apresenta uma asa de galo, conferindo-lhe uma similitude ao Pégaso, símbolo de imortalidade na simbologia grega, mas aqui, um Pégaso mané, com dois rabos, um que é um braço que termina com uma mão e também apresenta corações, outro morfema de Meyer, nos humanos pés surreais. A composição se estrutura contrabalançando o peso da casa, que está na parte superior, com fundo amarelo, com a Pégaso, que se traçarmos em uma diagonal imaginária entre os dois, veremos que eles se relacionam e se equilibram.

O bordado de Olinda (fig. 12), por sua vez, traz um jardim em diferentes níveis, povoado por vegetais e

FIG. 11. ALFINETES OU ESTAMES: MEYER FILHO, UM ANJO NO COSMOS, 1966. CANETA HIDROCOR E CRAYON SOBRE PAPEL, 16,2 X 20 CM.

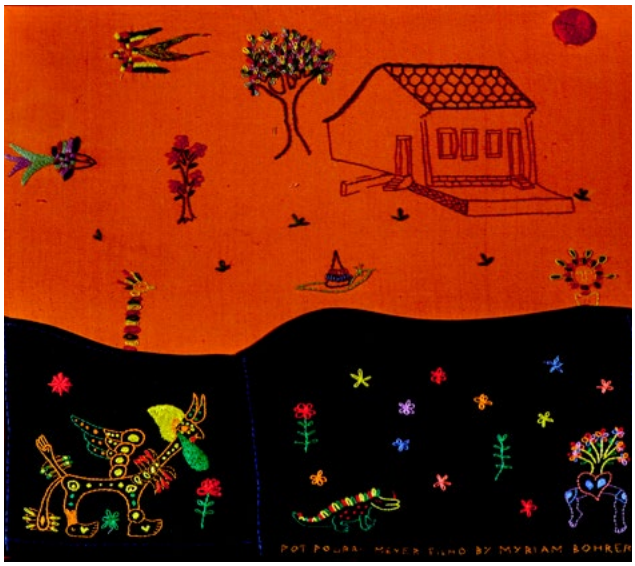


FIG. 12. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO.
ELABORADO POR MYRIAN BOHRER E OLINDA, RESPECTIVAMENTE.

animais imaginários. Observando-se que são poucas as cores coincidentes com aquelas da palheta tradicional de Meyer Filho e fazendo-se uma remissão, olhando para o conjunto dos bordados analisados, pode-se concluir que a presença do artista está mais frequentemente nas formas do que nas cores dos bordados, ou seja, mais nas figuras e morfemas do que nas cores; estas são referentes às escolhas, ou seja, à identidade da bordadeira.

Há um tratamento muito delicado neste bordado. São cerca de quinze pequenos animais, ou talvez um número até maior, pois há ambiguidade entre animal e vegetal em algumas figuras. Para tantos animais caberem na superfície do bordado, eles teriam que ser muito pequenos, alguns deles denotando até uma certa fragilidade. Também frágeis são os dois planetas redondos, pela cor de ambos, amarelo, e não o tradicional vermelho de Marte; e mesmo sua forma, que é apenas delineada, contornada. Outro morfema em destaque neste bordado é um elemento presente também nos bordados de Flávia (fig. 4) e de Carol (fig. 7), bem como, posteriormente, nos de Roberta (fig. 13) e em torno dos olhos do cavalo de Priscila (fig. 14): pequenas formas, geralmente concêntricas, em flores ou em torno de olhos. Assemelham-se a alfinetes com cabeça ou ao estame ou androceu de uma flor, ou seja, seu órgão masculino (fig. 11).

Eliziana (fig. 13) fez um inventário de morfemas: vemos o planeta vermelho, Marte, flores, coração, a pena de uma ave, impressões digitais, conceito e etimologia de "relicário" alinhavados. Uma folha de um livro de registros típicos de banco — antigamente — não têm anotações de valores, mas flores bordadas.

No centro de tudo, a imagem dele, do artista, do próprio Meyer Filho como o fez Carol (fig. 7), mas neste bordado de Eliziana, Meyer Filho está alado. Imagem reproduzida de um autorretrato do artista, cheio de corações no peito, traz também uma confissão, talvez a revelação da identidade do galo, como o recorrente touro na obra de Picasso: parodiando Louis XIV, a figura composta pelos morfemas que são as

FIG. 13. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO. ELABORADO POR ELIZIANA, ROBERTA E SUSAN, RESPECTIVAMENTE.

asas acrescidas à imagem de Meyer parece dizer "o galo sou eu!", não nos esquecendo de toda a carga semântica da figura do galo.

Mas não só a identidade é revelada, mas ela se dá a ver também como uma imagem híbrida, também miscigenada, do criador, assim como o fez com tantas criaturas, numa comunhão assumida com todo o seu universo visual.

Roberta (fig. 13), num fundo negro, compõe não um inventário como Eliziana e Carol, mas um cenário, como a maioria das bordadeiras. Planetas despontam no suposto céu, um branco ao centro e dois outros, um vermelho à esquerda e um amarelo à direita (Marte e Sol? E o branco seria a Lua cheia?). Considerando-os Sol e Marte, observemos que ambos são bordados com aqueles morfemas anteriormente referidos, alfinete/estame (fig. 11), que circundam ambos os círculos e também se encontram em um grupo de flores na base da imagem, em um espaço que alude a que seria o espaço da Terra.

Mas nesse céu fantástico ainda nadam peixinhos com olhos em forma de coração, juntamente com estrelinhas. E há também borboletas. No que alude à noção de planeta Terra, demarcada por um semicírculo, há um tronco à direita e outro à esquerda. Ao lado do da esquerda, uma pequena árvore; à direita do tronco da direita, há uma flor. Em cima do tronco da direita há um peixe e em cima do tronco da esquerda há um diminuto galo, que quase se confunde com uma flor. Ambos têm suas bocas/bico voltados para o centro e, no meio deles, há um coração. Há uma evidente preocupação com a simetria e o equilíbrio nesta composição.

Onde está Meyer Filho no bordado de Susan? (fig. 13). Que figuras e que morfemas poderíamos identificar? No texto verbal não há um local por onde começar a leitura, como no texto verbal, que se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo. Assim, cada um começa pelo local que captura sua atenção de pronto; o importante é explorar todos os detalhes, deixando o olhar passear prazerosamente por todos os espaços e por todos os morfemas, figura e fundo, associando-os de diferentes modos, para construir diversos sentidos.

Comecemos então a leitura do bordado de Susan pela trama frouxa da base da imagem, que lhe confere leveza e onde aparecem pequenos peixes também apenas delineados (fig. 13). Esta porção de mar contrasta com o ponto fechado da parte de cima onde um animal parcialmente submerso se mostra ambíguo, um híbrido com rabo de peixe, asa de ave e cabeça de jacaré, supostamente. Mais acima, ladeando um planeta luminoso no centro, dois triângulos, um à esquerda, com flores sobre o fundo laranja; à direita, outro triângulo verde, com ponto mais fechado, com a aplicação de pequenos elementos, alguns perolados, outros prateados, aludem a uma rede com peixes.

Além do animal fantástico que domina a parte inferior da cena, outra referência a Meyer Filho se apresenta nesse planeta, tanto pelo bordado em leque do semicírculo deste Marte-Sol, quanto por seus raios amarelos que lembram os alfinetes ou estames encontrados em vários trabalhos do artista como em alguns das bordadeiras, anteriormente mencionados. Esta figura domina o cenário e remete a imagem para além dos próprios limites da imagem.

CRIATURAS FANTÁSTICAS

De acordo com Cherem e Borges (2019, p. 763),

> Meyer Filho desenha e pinta com a minúcia de um ourives uma coleção de vidas rastejantes, voadoras e andantes, resultante de combinações como sereias anfíbias, anjas, centauros, dragões, unicórnios, rochas antropomórficas, tatus-lagartos, veados-bois, pássaros-borboletas.

O quê encontramos nessas imagens de bordados que não se referenciam nos galos, mas que guardam similitudes com o repertório do imaginário poético de Meyer Filho? Nelas, imagens aleatórias e não escolhidas, poderemos verificar talvez com mais clareza o que sejam os morfemas e, mais do que isto, como se constituem as relações intertextuais entre distintos textos visuais.

Vamos então observar as criações de Priscila e Paula Schlindwin (fig. 14); Paula Marimon, Silvia e Eneida (fig. 15), com foco nos seus morfemas. Nas três últimas imagens ressaltam as coincidentes referências ao planeta Marte: os círculos vermelhos, às vezes reiterados.

Priscila (fig. 14) traz a figura de uma mulher nua sobre um cavalo, imagem esta verossímil, mas um tanto inusitada, que é análoga a algumas produções de Meyer Filho. A mulher tem um coração vermelho tatuado no quadril, cabelos longos brancos ou prateados, seios empinados, o braço esquerdo levantado, empunhando um ramo de flores como se fosse um troféu. O cavalo é outro ser *sui generis*: o pelo é coberto de flores, que parecem margaridas ou girassóis; a crina recebeu as cores do arco-íris, o olho visível, concebido conforme a lei da frontalidade e é circundado pelos alfinetes-estames.

As patas parecem calçar sapatilhas e como se usasse meias três quartos até os joelhos, as pernas apresentam uma fieira vertical de bolinhas. Embora nem a mulher nem o cavalo sejam seres híbridos, o caráter onírico que juntos, dentro de uma sutil espiral, trazem para o leitor sentidos que permitem que este bordado seja incluído no grupo das criaturas fantásticas.

Paula Schlindwin (fig. 14) apresenta como personagem dominante uma representação de sereia, talvez a mais conhecida das figuras míticas, pois encontramos a presença de uma criatura híbrida mulher-peixe que encanta marinheiros na mitologia e nas lendas de muitos países. *Fata Morgana* no mar entre a Calábria e a Sicilia, Itália; *Loreley* no Rio Reno, Alemanha; ou *Den lille havfrue* (*A Pequena Sereia*), em Copenhagen, na Dinamarca povoam o imaginário de vários povos ao longo dos tempos (fig. 16). Trata-se de uma figura que já foi apresentada no bordado de Márcia (fig. 7) e também aparecerá no de Paula Marimon (fig. 15).

Antes, de bordar a sua sereia, Paula preparou o suporte, pintado de azul e com efeitos de ondas em linhas sinuosas em torno da figura (fig. 14). Nesse azul diáfano uma linha muito fina, por dentro das ondas, também circunda a sereia. Tudo é muito delicado e sutil nesta imagem: as cores, apenas tons de rosa, azul e branco; as formas e linhas curvas e sinuosas do rabo da sereia, que lhe conferem movimento; o ornamento composto por uma planta aquática e conchas, a pose da sereia e, principalmente, o efeito de bolhinhas d'água distribuídas em torno da figura principal, em especial as que saem da sua boca, dando a impressão que ela emite seus trinados enfeitiçadores. Mesmo havendo uma diversidade muito grande na representação deste mito, a sereia de Paula Schlindwin tem personalidade própria.

E o mesmo acontece com o bordado de Paula Marimon (fig. 15), que também traz uma sereia, mas a

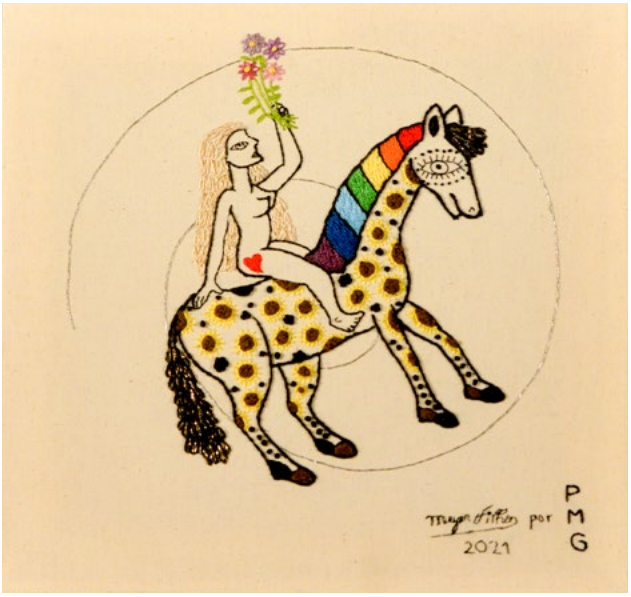


FIG. 14. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO. ELABORADO POR PRISCILA E PAULA SCHLINDWIN, RESPECTIVAMENTE.

personalidade própria deste bordado se dá em termos cromáticos, pois foge ao azul tradicional desta temática. Sua palheta é *sui generis,* corajosa, mas harmoniosa e equilibrada, e a única concessão ao azul é o azulado do cinza do mar.

Parte desse mar é coberto por uma tela, um tule, confere ambiguidade, pois alude a uma rede de pesca, mas como as laterais receberam acabamento como o de tapete, fica-se com dúvidas, que não desqualificam, muito ao contrário, enriquecem a experiência estética ao oferecer várias possibilidades de interpretação. No mar sob a tela quase invisível, veem-se plantas aquáticas, pequenos peixes, uma estrela do mar, flores e muitos pontinhos monocromáticos. À esquerda um peixe mergulha deixando apenas o rabo de fora, novamente provocando a atribuição de sentidos pelo leitor: seria uma sereia também, já que o rabo deste peixe recebe o mesmo tratamento em cores e pontos do que a vizinha sereia encostada em uma pedra florida sobre a água? À esquerda, o planeta vermelho, ou rosado, com raios negros como os cabelos da sereia; e como em outros bordados, este planeta é um novo desafio à leitura: Sol ou Marte? À direita da imagem, uma montanha ou um costão de pedra, igualmente bordado, nos dois sentidos, de flores.

Então, nosso olhar pousa sobre o céu, um céu cinzento, mas que não assusta prenunciando um temporal. Também as nuvens são cinza; e linhas interrompidas formam curvas e até espirais, que poderiam prenunciar ou retratar uma tempestade, em um céu onde voam pássaros estranhos e enormes, considerando a escala adotada, uma vez que, mesmo distantes, os pássaros parecem grandes levando-se em conta a dimensão do corpo da sereia. Mas todo o anúncio de tempestade se dilui no discurso da paz reinante na parte abaixo do bordado e nos remete para a realidade, a de que aquela imagem, aquele bordado é fruto da imaginação e que está aberto a diferentes interpretações.

Embora sem qualquer galo ou referência a ele, o bordado de Silvia (fig. 15) nos remete diretamente à

FIG. 15. BORDADOS A PARTIR DA OBRA DE MEYER FILHO. ELABORADO POR PAULA MARIMON, SILVIA E ENEIDA, RESPECTIVAMENTE.

obra de Meyer Filho, pela presença dos diversos planetas vermelhos e pelos quatro seres fantásticos. O fundo amarelo, cor quente, reitera o calor do planeta vermelho, de suas reiterações ou de versão onírica de uma desarrumação na posição dos astros, causando um cataclisma, situação presente igualmente em outros bordados, com vários planetas de grandes dimensões, simultaneamente no céu.

Acomodados em montes cuidadosamente bordados aparentando grama e flores, lá estão os seres surreais, as criaturas fantásticas oriundas de Marte, segundo declarações reiteradas de Meyer Filho. Seus gêneros, impossível definir. Pergunto: isto seria importante? Independentemente de qual seja, são seres eróticos, embora sem qualquer referência explícita.

Acompanhemos, da esquerda para a direita, para não dispensar completamente o rumo da leitura do verbal: com olhos frontais, pernas paralelas, vestido minúsculo e cabelos coloridos que se confundem com asas, a figura parece falar, usando o braço visível como forma complementar de expressão. Atrás, em um monte, um ser fantástico está sobre uma espécie de barril ornamentado. Ele oferece várias ambiguidades: ou é um rosto sobre pernas, sem tronco (e neste caso, os peitos são olhos e o umbigo, em forma de coração, é a boca) ou é um tronco sobre pernas e sem cabeça (onde os olhos são os peitos e a boca é o umbigo). Do que seria a cabeça ou o tronco surgem quatro ramos de flores, trazendo mais uma camada de sentidos para a figura: seria apenas um vaso?

A figura seguinte também oferece ambiguidade semelhante, mas como tem cabeça, torna ainda mais instigante a compreensão: duas cabeças? Até porque há um bordado colorido que pode tanto ser um xale

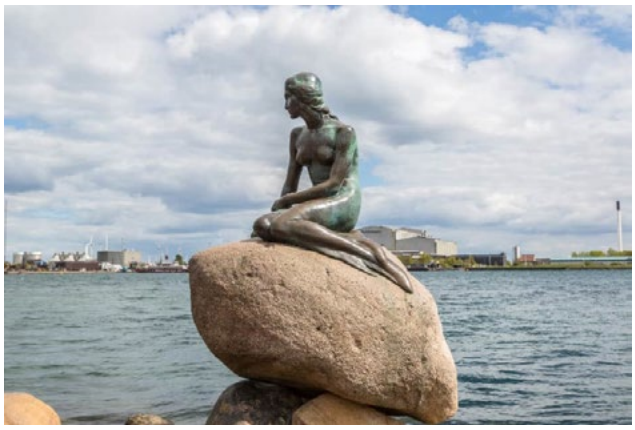


FIG. 16. A PEQUENA SEREIA, PERSONAGEM DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN, É A ESTÁTUA DE BRONZE DE EDVARD ERIKSEN QUE É SÍMBOLO DA CIDADE DE COPENHAGUE E ADORNA SEU PORTO.

FIG. 17. MEYER FILHO, A SEREIA ANFÍBIA, 1974. NANQUIM SOBRE PAPEL, 37 X 32.3 CM. ENTRE OS SERES FANTÁSTICOS DE MEYER FILHO, SUA SEREIA É FIEL AOS SEUS MORFEMAS: CORAÇÕES, FLORES, ALFINETES-ESTAMES, OLHOS FRONTAIS, PONTINHOS PRETOS, HIBRIDISMO DE SERES, PENAS E ESCAMAS.

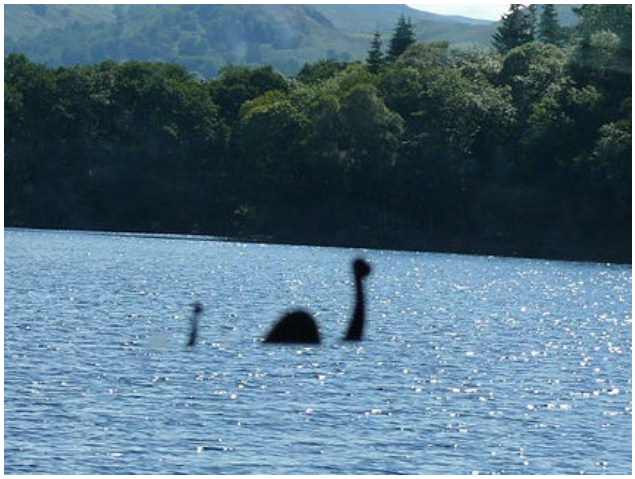


FIG.18. MONSTRO DO LAGO NESS, ESCÓCIA: UM MITO SECULAR QUE AINDA DESAFIA CIENTISTAS.

FIG. 19. MEYER FILHO, POESIA E FORÇA NO COSMOS, 1966. GUACHE SOBRE PAPEL, 27,5 X 21 CM.

quanto uma cabeleira. Mas a cabeça de cima tem ornamentos e um bico de ave. Sua cabeça e pescoço são verdes; e o resto do corpo, roxo. A perna direita tem uma meia lua branca tatuada; a perna esquerda tem uma liga e logo abaixo, um coração preto. Esta figura fantástica, como a anterior tem o púbis em preto, triangular, quase aludindo à forma de coração. Estaria aí o erotismo do conjunto da imagem?

A última figura da imagem é um ser híbrido, corpo humano e cabeça de veado, com um par de guampas bem posicionado. Como todos os demais seres fantásticos deste bordado, seu olho visível tem o formato frontal. Parece vestir um maiô onde a parte superior é composta por corações e da cintura para baixo, por um estampado de bolinhas. A perna visível tem corações vermelhos e bolas verdes e esta figura onírica, surreal e fantástica parece calçar tamancos.

Eneida (fig. 15) encerra o grupo dos trabalhos que fugiram dos galos para presentificar — trazer para o presente — a obra de Meyer Filho. Ela traz para nós outro ser fantástico, uma espécie de monstro do Lago Ness (fig. 18), que neste caso é muito maior, pois sai do mar e, passando por baixo da Ilha, emerge na Lagoa do Peri, depois de uma longa volta no ar submerge na Lagoa da Conceição e volta a emergir na Praia Brava, ostentando sua natureza bicéfala, com uma cabeça voltada ao norte, como que querendo prosseguir, e outra ao sul, como que querendo ficar. Isto porque um mapa da ilha serve de suporte à cobra gigante. Dada a escala da ilha no bordado, comparando o monstro das duas lagoas com a própria Ilha, depreende-se que ele é maior do que a Ilha de Santa Catarina, onde ele se entremeia, no bordado.

Tal monstro parece, inicialmente, extrapolar o universo visual de Meyer Filho, pois se trata de uma cobra marítima gigante, sendo que o réptil mais presente na sua obra é o jacaré. Ou lagarto? Ou dragão? Mas Eneida conferiu à cobra características — ou morfemas — que ligam sua imagem dominante ao universo *meyeriano*. É a textura gerada pelas escamas, ou penas, outro morfema que distingue um trabalho de Meyer Filho, assim como o Sol-Marte, que aparece em três momentos diferentes em uma mesma imagem (ou seriam três planetas?), assim como os olhos da cobra, em posição frontal.

E estas características podem servir para responder à pergunta inicial: por quê, quando nos deparamos com uma certa obra de arte desconhecida, conseguimos identificar sua autoria?

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O fato de que o conjunto de bordados produzidos para as comemorações do centenário de Meyer Filho terem como referência — alguns diriam "inspiração" - a obra daquele artista, já caracteriza as imagens aqui objeto de estudo como fenômenos linguísticos intertextuais, o que merece uma atenção especial.

Por outro lado, como considero que um livro, um artigo científico ou mesmo uma publicação mais despretensiosa só cumpre sua finalidade quando consegue acrescentar alguma coisa a quem dispende seu tempo para lê-los, tentei trazer outras imagens e referências artísticas que dialogam com o acervo deixado por Ernesto Meyer Filho para ampliar o potencial de leitura de imagem, seja ele de interessados diletantes, profissionais ou estudantes.

A riqueza dos trabalhos apresentados não se encerra nestas breves análises. E eu me penitencio junto a cada uma das bordadeiras, pois cada vez que volto à alguma dessas imagens vejo mais coisas e principalmente me desgosto por ter deixado tanta coisa de fora. Também devo me desculpar junto aos semioticistas pois, embora já no início tenha afirmado que existem diversas possibilidades de leitura, atinente a cada teoria que, respectivamente as embasa, o fato é que pouco de semiótica - área a que dedico meus estudos teóricos — se encontra nas análises. Cada imagem mereceria um estudo específico, não para dar conta dela, pois isto nunca acontece, até o final dos tempos, mas que atendesse a tantos dos seus chamados semânticos.

Mas a busca e o encontro de morfemas comuns entre dois ou mais textos visuais, que são as imagens, podem ser uma possibilidade para instigar a leitura e a consequente familiaridade com obras de arte e imagens de diversas naturezas, como mesmo as do design e da publicidade. Esse exercício pode até ganhar caráter lúdico, ao se buscar o encontro de morfemas ou figuras de uma imagem em outra ou outras.

Embora lúdico, não se trata, de forma alguma em algo banal, ao contrário: ao fazê-lo, estamos buscando as relações intertextuais, isto é, analogias entre textos visuais, pois para a semiótica discursiva, os termos discurso e texto podem ser usados, segundo Greimas e Courtés (1989, p. 460), "para designar o eixo sintagmático das semióticas não linguísticas: um ritual, um balé podem ser considerados como textos", assim como cada bordado também pode ser considerado um texto e portanto, essa busca por coincidências, além de aguçar e aprofundar nosso olhar leitor do visual, é também um apoio metodológico para a leitura da visualidade: a identificação de "intertextualidades visuais".

Título de um trabalho anterior, em coautoria com Airton Jordani Jardim Filho, nele as intertextualidades visuais são aprofundadas e aqui, no trabalho que resultou em um conjunto de bordados, estão presentes, em cada um deles, intertextualidades visuais em relação à obra de Meyer Filho, por meio de morfemas, figuras, para início de uma leitura ou análise, mas que pode crescer em apreensão da expressão e ampliação do conteúdo, pois, aludindo a dois conceituados linguistas, o primeiro russo e a segunda búlgaro-francesa, alargando o termo dialogia cunhado por Mikail Bakhtin, Kristeva:

> caracterizou intertextualidade não apenas como coincidência entre textos, mas propôs o entendimento de texto como processo e não como um reservatório de sentidos fixos, a saber, como um espaço de interação complexa entre diversos textos, da qual nascem sentidos instáveis, variáveis de acordo com as interações que privilegiam o intérprete, ou seja, o interlocutor ou o leitor (Ramalho e Oliveira; Jardim Filho, 2021, p. 56).

Essa noção adquire relevância ao afastar a ideia preconceituosa de um trabalho decorrente de outro como mera cópia ou até de plágio, uma vez que "a assimilação do conceito de intertextualidade [...] possibilitou [...] aceitar como possíveis e lícitas manifestações fundadas em trabalhos precedentes, ou seja, em imagens ou ideias preexistentes" (Ramalho e Oliveira; Jardim Filho, 2021, p. 63). Por outro lado, a compreensão mais ampla do fenômeno intertextual também colabora para o questionamento do conceito de originalidade. Isto porque, ainda segundo os autores citados, foi no século passado, apenas, que a originalidade deixa de ser incompatível com a apropriação de textos produzidos por outrem, dados os estudos acerca de intertextualidade, entendida como o uso de partes ou mesmo o todo de uma obra anterior, retomada ou alterada, e que mesmo guardando coincidências identificáveis, caracteriza-se como um novo texto, dadas as diferenças e, consequentemente, pode ter reconhecida uma nova autoria e põe em xeque ideia romântica de autor (Ramalho e Oliveira; Jardim Filho, 2021, p. 62). No caso dos bordados, como dito inicialmente, há a presença da caligrafia individual de cada bordadeira, que se sobrepõem às marcas do artista.

Estas considerações são trazidas para questionar e dar um sentido atualizado aos bordados femininos baseados em Meyer Filho. Até porque a arte contemporânea, com frequência, apresenta trabalhos como apropriação, reinterpretação, citação ou outro nome dado às relações analógicas entre textos visuais, para de-sacralizar a arte, para promover uma crítica social, como no caso do bordado de Norma ou para ser objeto de autocrítica da arte, entre outras possibilidades.

Que estas palavras estimulem as bordadeiras na produção de mais trabalhos e que, igualmente, os apreciadores valorizem ainda mais os seus esforços e imaginação criativos. E que saibamos todos nós, como demarcou Ernesto Meyer Filho, registrando em imagem algo imprescindível na vida: "poesia e força".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEREM, Rosângela M.; BORGES, Janaina F. *Três artistas e seu fabulário animal*. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 28, 2019, Cidade de Goiás. Anais eletrônicos... Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 763-780. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro_____CHEREM_Rosângela_Miranda_e_BORGES_Janaina_Fornaziero_763-780.pdf. Acesso em: 5 jan. 2022.

GREIMAS, Algirdas J.;COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.

NUNES, Kamilla; FRANZ, Pedro. *Arquivos implacáveis Meyer Filho*. In: INSTITUTO MEYER FILHO. Disponível em: http://www.meyerfilho.org.br//pagina/112/arquivos-implacaveis. Acesso em: 3 jan. 2022.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R. *Leitura de Imagem para a Educação*. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R. *Imagem também se lê*. 2. Ed. São Paulo: Edições Rosari, 2005.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R.; JARDIM FILHO, Airton J. *Intertextualidades Visuais*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

FONTES DAS IMAGENS

Fig. 1. Ramalho e Oliveira (2005, p.16).
Fig. 5. http://arqueologiaegipcia.com.br/2017/01/22/a-lei-da-frontalidade-entendendo-as-pinturas-egipcias. Acesso em: 27 jan. 2022.-
Fig. 9. https://interartive.org/2010/12/notas-walmor-correa. Acesso em: 27 jan. 2022.
Fig. 10. http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2017/03/24/acervo49. Em 10 de fevereiro de 2022 estre link não está mais acessível.
Fig. 11. http://www.meyerfilho.org.br//pagina-meyer-filho/23/obras. Acesso em: 08 fev. 2022.
Fig. 16. https://www.tudosobrecopenhague.com/pequena-sereia. Acesso em: 08 fev. 2022.
Fig. 17. http://www.meyerfilho.org.br//pagina-meyer-filho/23/obras. Acesso em: 08 fev. 2022.
Fig.18. https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-monstro-do-lago-ness. Acesso em: 08 fev. 2022.
Fig. 19. http://www.meyerfilho.org.br//pagina-meyer-filho/23/obras . Acesso em: 9 jan. 2022.

NÓS, BORDADEIRAS

SUSAN APARECIDA MARIOT E PRISCILA MENDES GOBBI[11]

O CONVITE

Nós, do *Linhas do Corpo – Projetos Bordados*, amamos bordar! E como conseguimos praticar aquilo que amamos, nosso caminhar pelo bordado é presenteado por ideias criativas que só confirmam estarmos no caminho certo. O analista Carl Gustav Jung chama esse fenômeno de *sincronicidade*! Para ele, se estamos no caminho de nossa autorrealização, a vida traz várias experiências enriquecedoras, dizendo *prossiga, você está no caminho certo*. E esse projeto é um desses presentes.

Foi em 2019 que a semente deste projeto chegou pelas mãos de Sílvia Ribeiro Lenzi, em uma oficina de bordado organizada por nós. Ela nos convidou para conhecer o Outubro Místico, que acontecia na época, e que nos impressionou fortemente com o conhecimento de vários fatos históricos sobre a Revolução Federalista, 125 anos atrás, que resultaram no massacre de Anhatomirim, na mudança do nome da cidade de Nossa Senhora do Desterro para Florianópolis, além da alteração dos nomes das ruas da cidade naquela época.

Também acompanhamos o cortejo do Baile Místico, festa que reuniu música, dança, figuras míticas e místicas da Ilha, numa agitação intensa pelas ruas da cidade. Parecendo um feitiço, seres foram resgatados, escondidos em cada pedra de paralelepípedo, viela ou casario por onde o cortejo passava.

A intensidade daquilo que conhecemos, o impacto com o místico e mítico da Ilha, foi como um portal para o convite que recebemos: bordar Meyer Filho para o Baile Místico em 2020!

A PROPOSTA PARA AS BORDADEIRAS

Veio a pandemia e o projeto ficou como essas sementes que permanecem adormecidas no solo, aguardando a época para brotar, quando recebem o Sol e a chuva na medida certa.

Em 2021, o projeto foi aprovado e então convidamos algumas bordadeiras já conhecidas e outras que gostaríamos de conhecer.

11 Coordenadoras do Linhas do Corpo – Projetos Bordados.

Enviamos uma proposta, em meados de agosto, para que elas bordassem até final de outubro, um tempo audacioso para reunir telas para uma exposição. Que artista é esse, Meyer Filho, que traz um tempo instantâneo, um tempo urgente, mas um tempo que dá tempo ao tempo e que consegue reunir, magicamente, 29 bordadeiras? Que fascínio é esse que faz con*fiar* em uma proposta tão desafiadora, parecendo até um delírio?

AS BORDADEIRAS

Somos 29 mulheres, 29 formas únicas de bordar. Algumas mulheres do grupo têm o bordado como lazer/hobby, outras também como trabalho, mas todas, sem dúvida, ultrapassaram os limites do bordado apenas como utilidade doméstica. Praticamos o *bordado livre,* um bordado com várias possibilidades, que, como o próprio nome diz, deixa a bordadeira bastante livre para criar e bordar da forma que quiser. Por isso pode-se ver bordados com avessos não perfeitos, pontos de diversos tamanhos, linhas misturadas, tecidos tingidos, tecidos superpostos, materiais diversos, e até pontos não tão bem feitos e não desmanchados.

Essas mulheres e sua arte bordada mostram ao mundo enrijecido por moldes estreitos na forma de viver que fazemos arte, a arte têxtil. Representamos as mulheres que outrora eram desvalorizadas em sua manualidade e mostramos ao mundo que, com linha, tecido e agulha, podemos criar um tecido coletivo forte. Cada vez mais o bordado está em galerias de arte, universidades, na moda, na alta costura, em projetos para a comunidade e até como expressão política.

Assim, honramos as mulheres que ao bordar as toalhas de mesa, os panos de pia, os enxovais, embelezaram seus lares, todas artistas da alma sem saber que eram.

BORDANDO MEYER FILHO

Para a proposta, as bordadeiras teriam como limite apenas o tamanho da tela, até 40 x 40 cm. No mais, como *Penélope, em Odisséia*, que escolhe seu destino ao bordar de dia e desmanchar à noite para não se casar, esperando o retorno do marido, as bordadeiras escolheriam livremente seus tecidos, linhas e o que mais quisessem para expressar o artista Meyer Filho.

À medida que os bordados começaram a ser desenvolvidos ouvíamos expressões como *desconstrução*, *aven-*

tura, desejo de mais e *alegria*. Então, como se Meyer Filho, como no *fio de Ariadne*, segurasse a linha, nós, bordadeiras, seguramos o fio — o *fio da meada* — e iniciamos nossos bordados nesse grande labirinto cósmico delirante.

Com seu mundo fantástico, planeta Marte, erotismo, luas, sóis, o mundo vegetal, mineral e animal, figuras híbridas e jogo de cores, transportou as bordadeiras para um mundo onde o real e o imaginário se encontram e se complementam. Afinal, como suportar o real sem esse mundo imaginário?

Como um "anjo cósmico", subvertendo a forma das coisas e seres conhecidos, Meyer Filho convida a bordadeira a recuperar algo que é marginalizado há tempos: a capacidade de imaginar. Subvertendo o racional excessivo, que limita a consciência da vida, traz o sensível que amplia o existir.

Ao bordarmos para essa exposição, talvez tenhamos sido um pouco Bispo do Rosário com seus bordados. Reintegramos nosso mundo imaginário, trazendo relevo à arte de Meyer Filho, com linha, agulha e tecido, suturando a relação entre o concreto e o imaginado.

Independentes, vê-se a riqueza individual. Embebidas de uma experiência marciana, cada bordadeira desvelou-se em cores e formas atípicas, abraçando a mitologia *Meyeriana* para si.

Coletivamente, telas postas lado a lado, surpreendem por tanta vida pulsante. O que se vê é um grande tecido vivo colorido, onde a urdidura e a trama que o sustenta se chama Meyer Filho, e os vários sentidos, agora em relevo bordado, cada bordadeira trouxe em pontos, cores e imagens diversas.

Aqui cabe o agradecimento ao lindo trabalho da equipe da Achei Molduras, que também ajudou a sustentar o projeto, aceitando a colocação de todas as 29 telas em chassi a tempo para as fotografias para o livro. E um agradecimento também à Luiza Filippo, pelo lindo ensaio fotográfico.

UMA BORDADEIRA DO PLANETA MARTE – UMA HISTÓRIA DE AMOR

Que surpresa foi saber da existência do bordado também na vida de Meyer Filho. Sua esposa, Ruth Silveira de Souza Meyer, deu aulas de bordado com a irmã, Marília Silveira de Souza Britto nos anos 1960-1970. Foram professoras do curso de bordado Varicôr.

A delicadeza de seus pontos e os manuais tão bem organizados mostram uma professora dedicada e uma bordadeira de mão cheia. Bordar com essa linha requer tanto a delicadeza como o domínio da arte de bordar.

Ruth bordava as golas e peitos das roupas dos filhos Uma das roupas bordadas foi o vestido de debutante de sua filha, Sandra Meyer. Sandra conta que o vestido tinha "bordados de flores com miçangas aplicadas ao corpete e nas mangas do vestido longo."

Depois de um tempo, Ruth começou a dedicar-se ao bordado das obras de Meyer Filho. Bordou galos em tapeçarias, em meio-ponto e smirna. Hoje, o acervo da família conta com três tapeçarias de obras de Meyer Filho bordadas por Ruth.

Na sequência estão as obras produzidas por estas 29 bordadeiras em suas traduções da arte do nosso genial Ernesto Meyer Filho.

GALERIA

EXPOSIÇÃO *BORDADOS PARA MEYER FILHO*
FOTOS DE LUIZA FILIPPO

BANCO DO BRASIL
MABU
SJEAG
SIZEZ
MAGAC
ABACV

Andrea V. Zanella

PEIXE-GALO EM NOITE DE SOL E LUA NA LAGOA DA CONCEIÇÃO, 2021.
BORDADO COM LINHAS, MIÇANGAS E CANUTILHOS, 30 X 36 CM.

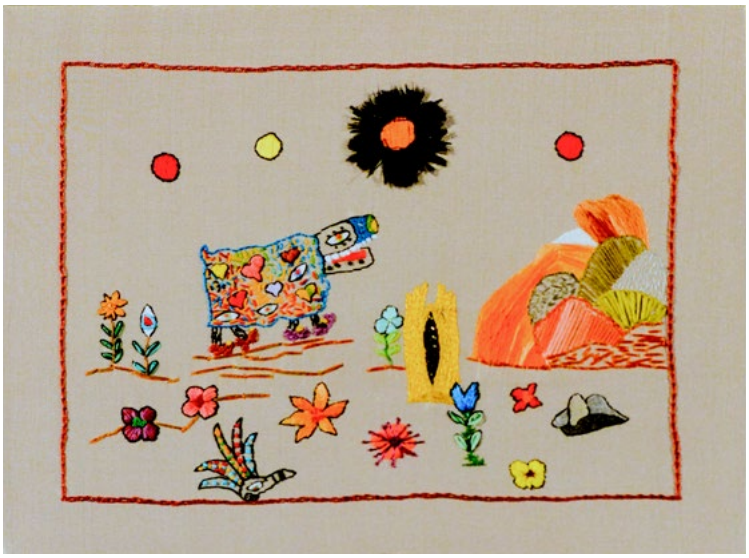
A estética de Meyer Filho alicerça a composição deste bordado. O peixe-galo, recolhido da *Figura 22, s/ título* (1985), ganha escamas brilhantes e nada nas águas delirantemente azuis da Lagoa da Conceição. A vista icônica dessa pequena porção da Ilha da Magia é ladeada pela topografia do lugar e algumas pedras, referência à *Visão cósmica da paisagem de Coqueiros* (1973). Sóis e luas e os contornos em preto complementam o trabalho-homenagem ao artista catarinense, espalhando suas cores e formas por um outro rincão.

@andreavzanella | avzanella@gmail.com

Carin Iara Loeffler

Bordei a tela com a Bernunça em uma festa cósmica. Inspirei-me, especialmente, na tela de 1980 para recriá-la, mas busquei detalhes em outras obras, como *Feiticeiros Cósmicos* (1972), *Personagens Cósmicos* (1981), entre outras. O que posso dizer da aventura de bordar esse tema?

Aqui está:



BERNUNÇA VISITA O COSMO, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE TELA DE SEDA, 36 X 28 CM.

Esperava no silêncio
Fechava os olhos e a mente liberta
encontrava portais para furtivos mundos
O espírito, ávido de aventuras, já
escapulira no fechar dos olhos
Mundo interplanetário, cosmos sem fim
Galos multicores, seres mimetizados, de aspecto fálico.
Assexuados ostentam poder!
Seria uma bucólica paisagem, não fossem cores e formas, por vezes bizarras, rasgarem o véu de uma inusitada e onírica realidade.
Bordar Meyer Filho foi um mergulho neste portal que me levou ao encontro de cores e personagens!
Escolhi a *Bernunça* (tela de 1980)!
Camuflar-me sob suas vestes e assim, de penetra, mergulhar numa festa cósmica!
Atravessar um portal, linha tênue que separa a vida real do sonho.
E abandonar-me, ébria de cores e formas, nesse mundo surreal.
Gratidão pela oportunidade!
Foi um renascer de possibilidades
Um encontro com a magia de ser e pertencer ao mundo que se equilibra,
fragilmente, entre o real e o onírico!
Bendito cosmos que nos sustenta!

@carin_iara

Carol Grilo

SETE, 2021.
TRANSFER DE FOTOGRAFIA, BORDADO E CARIMBO, 32 X 27 CM.

Quando o livro *Arquivos Implacáveis de Meyer Filho* chegou em minhas mãos, além de achar a publicação muito bonita e bem cuidada, conheci mais sobre o universo do artista.

O livro foi meu guia nos primeiros esboços da criação do bordado. A partir dos elementos principais de sua vida e obra, e a força da imagem do rosto do artista, fiz o desenho final usando foto impressa em tecido.

Na obra, estão as sete "palavras-códigas" carimbadas com tinta, o galo-assinatura bordado, a foto do cheque – referência de seu trabalho no Banco do Brasil –, entre outros elementos "vindos de Marte", como ele afirmava.

Para as cores principais do bordado, optei pela fase das pinturas em preto e vermelho, pelo impacto que elas têm. Assim surgiu minha obra *Sete*, número recorrente na vida de Meyer Filho.

@fofysfactory | FofysFactory

Eliâne Carin Hadlich

DO VERMELHO SANGUE QUE TINGE ANHATOMIRIM, 2021.
PINTURA AQUARELADA E BORDADO LIVRE SOBRE TECIDO DE ALGODÃO. TINTA DE TECIDO, LINHAS DE ALGODÃO (LINHA SINTÉTICA NO GALO), 22 X 33 CM.

O convite para bordar Meyer Filho foi aceito sem piscar. Já vieram à mente os galos, os quintais açorianos e o fantástico mundo de Marte, e de início decidi que a inspiração para este trabalho com certeza seria um quintal, com suas árvores de folhas muito coloridas.

Uma semana depois do convite, aguardando em um consultório, ouvi distraída trechos do diálogo entre outros dois pacientes, que falavam sobre a história e a origem do nome de Florianópolis, e a injusta homenagem a Floriano Peixoto depois da Revolução Federalista, até que uma parte chamou minha atenção: a mulher conta que o bisavô manteve um diário durante toda a vida, e sua última anotação foi algo como: Parto para Anhatomirim e sei que não retorno. "Ele sabia", ela diz, "era abril de 1894, ele foi um dos fuzilados". Não consigo acompanhar o restante da conversa, que gira em torno do momento da prisão, pois sou chamada, mas não deixo de pensar no diário e na força dessa história. Relembro as visitas que fiz à fortaleza e percebo que elas não fizeram jus à história do lugar nem tiveram o impacto dessa conversa aleatória sobre mim.

Alguns dias depois, ocorreu a primeira reunião das bordadeiras com as organizadoras do evento Baile Místico, entre elas Sandra Meyer, Sílvia Lenzi e Bebel Orofino, que discorreram sobre a obra e vida de Meyer Filho e como o 1º Baile Místico homenageou os mortos de Anhatomirim, que não puderam ter seus corpos enterrados pelas famílias. Eis que a inspiração inicial no universo lúdico e colorido do artista perde toda a força e desponta o Meyer Filho crítico do cotidiano – a história do diário vem de imediato, não pode ser coincidência: já me ocorre bordar a escadaria da fortaleza em vermelho-sangue, de onde escorre o horror daquele lugar. Então as cores vibrantes, tão conhecidas, dão lugar aos tons de cinza, azuis e avermelhados do guache de 1958, *Paisagem Coqueiros*, para o bordado que intitulei como *Do vermelho sangue que tinge Anhatomirim*.

@hadlicheliane | eliane.hadlih@gmail.com

Eliziana Vieira e Araújo

RELICÁRIO, 2021.
BORDADO LIVRE COM LINHAS E LÃ SOBRE TECIDO, PAPEL E PENA; COLAGEM DE PAPEL E TECIDO; IMPRESSÃO DE DIGITAIS, 42 X 35 CM.

Bordar Meyer Filho foi um mergulho nas profundezas da criatividade e no sem fim de possibilidades de expressão. Sua arte nos toca naquele lugar que a racionalidade cartesiana não alcança, onde o místico se encontra com o profano, onde a magia dá as mãos para o real, onde se transpassam limites e barreiras convencionais, tornando possível ser qualquer ser, estar em qualquer lugar – inclusive em Marte – e sentir de todas as formas, como tão bem nos fala o poeta lusitano que tanto gosto e que traduz o que percebo da obra de Meyer Filho:

> Sentir tudo de todas as maneiras,
> Viver tudo de todos os lados,
> Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
> Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
> Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo. (Fernando Pessoa)

Ao vasculhar as pinturas e desenhos desse artista, deparei-me com tantas coisas interessantes que me deu vontade de fazer um relicário para guardar algumas de suas preciosidades tão originais.

A primeira coisa que bordei foi um coração, aninhado entre linhas e lãs... Muito presente em seus desenhos, esse símbolo do amor e da vida me remete à potência afetiva da criação desse artista.

Depois, pensei em guardar com delicadeza uma pena, que lembrasse os belos e plurais galos e os passarinhos que emolduram a foto icônica de Meyer Filho em sua casa... Também porque cresci vendo os manezinhos passeando com gaiolas a pé ou de bicicleta... Esse hábito inusitado que mostra a singularidade desta nossa ilha.

Outra preciosidade que trouxe para este relicário foram suas flores tão coloridas e diversas... E como me impressionei com a história de que, durante os 30 anos em que trabalhou no Banco do Brasil, Meyer Filho fez milhares de desenhos em documentos bancários, bordei essas flores numa folha da caderneta de poupança de meu pai, dos idos de 1950... Quem sabe eles não se encontraram em algum momento...

Outra preciosidade que coloquei no relicário foi Marte, o planeta vermelho, do qual o artista se autointitulava embaixador. Essa conexão espacial mostra o quão livre Meyer Filho era, pois podia ser ele mesmo onde quer que estivesse: em Marte, no banco, no quintal de casa, aqui e acolá.

E, para finalizar, bordei o seu autoretrato, envolvendo-o em traços coloridos, como ele tão bem o fez em sua obra. Deixei digitais para recordar como ele frequentemente assinava suas pinturas e desenhos.

elizianava@gmail.com

Eneida Soares de Macedo

A ILHA, 2021.
PINTURA E BORDADO SOBRE LINHO RÚSTICO, 32 X 19 CM.

Uma cobra-dragão habita/visita a Ilha de Santa Catarina, entra desde o mar pela Lagoa do Peri e volta ao mar, saindo pela Lagoa da Conceição. Os contornos bem definidos, as cores fortes e a lateralidade do personagem estão presentes em diferentes trabalhos do artista Meyer Filho, assim como a figura múltipla do Sol. Sua representação neste bordado interpreta o Sol na obra *Os Amigos*, de 1958.

eneidasoaresdemacedo@gmail.com.br

Flávia Vieira Guimarães Orofino

MEYER TÁ CERTO, 2021.
BORDADO SOBRE TECIDO, 26 X 31 CM.

Sempre gostei do Meyer Filho! A primeira vez que vi uma obra sua foi ainda adolescente, logo que vim morar em Florianópolis, no Colégio Catarinense. Vi num dos corredores do colégio um quadro de um galo colorido, diferente, me encantei! Pesquisei sobre o autor daquela obra e descobri que era um artista da Ilha, chamado Meyer Filho… Um tempo depois, quando comecei a namorar meu marido, numa das conversas na casa da sua família, fiquei sabendo que eram vizinhos e sempre ouvia muitas histórias a respeito do Meyer Filho: das exposições no quintal, das viagens à Marte e muitas outras curiosidades! Fiquei mais encantada!

Sempre sonhei em ter um quadro de um galo galáctico ou de uma casinha açoriana! Mas me contentei em comprar ímãs de geladeira ao visitar uma exposição lindíssima da obra dele que ocorreu no CIC, em 2000. Os ímãs eram de quadros com casas açorianas em terrenos lindos, cheio de árvores, flores, bromélias! Em 2010, quando passei a participar de um grupo de bordado com mulheres maravilhosas, sob a coordenação da Olinda Evangelista, meu primeiro bordado foi justamente inspirado num daqueles ímãs de geladeira. Esse bordado, por um bom tempo, morou na minha casa (finalmente, meu quadro do Meyer Filho!!) e hoje mora na casa da minha cunhada, a querida Bebel Orofino.

Definir o tema do trabalho para esta exposição de bordados para Meyer Filho foi difícil! Amo tudo! As cores, os ambientes da Ilha, a cultura popular, os galos, os sóis, as flores e bromélias, as árvores e as minifolhas, as casinhas açorianas com seus terrenos floridos e galos correndo, os corações... Ao pesquisar nos livros sobre Meyer Filho, encontrei, entre muitos bilhetes, anotações e cartas, a mensagem que me tocou e por isso resolvi bordá-la com sua letra e assinatura: "A arte é de origem 'extra-terrena'. Por isto, nenhuma força humana poderá impedir a realização de uma 'verdadeira vocação'. Poderá, no máximo, dificultá-la ou adiá-la". E para dar o "recado" escolhi o galo galáctico (*VLSTEMF n. 46*, 1990). Para compor o bordado, usei e abusei das cores e flores encontradas em várias de suas obras, mas não quis colocar meu traço, só meu bordado e distribuição de elementos "roubados" das suas pinturas.

fvgorofino@gmail.com.br

Gabriela Cavalheiro

RESGATE DO AMOR À ILHA, 2021
(INSPIRADO NA OBRA SEM TÍTULO, DE 1984).
TECIDOS SOBREPOSTOS E LINHAS, 26 X 35 CM.

Para contar uma história, é necessário contar uma outra história da qual ela se origina, e uma outra, que se remete a outra, assim como as bonecas matryoshkas: uma dentro da outra. É assim que Clarissa P. Estés, escritora, contadora de histórias e psicóloga junguiana se refere no livro *O jardineiro que tinha fé*.

A primeira história que gostaria de contar é de como o bordado chegou em minha vida. Não faz muito tempo. É tão novo para mim que me sinto criança, tanto ao fazê-lo como ao deixar que seja visto. É algo especial se sentir criança quando já se tem 50 anos. Bom, comecei a bordar a partir da reaproximação e influência de uma amiga querida, Susan Mariot. Nossos laços são antigos e profundos e essa é uma longa história, que não cabe aqui contar. Por meio de um trabalho lindo com ela e o livro *A Moça Tecelã,* aprendi alguns pontos e fiz minha própria moça tecelã, pouco antes da pandemia. A partir de então, venho me aventurando com as linhas, e os encontros com Susan passaram a ser rotina semanal, mesmo on-line.

Embora não me sinta muito habilidosa, gosto de quase tudo relacionado à arte. Aprendi com minha mãe, bisa, avó e tias a cozinhar, amar as flores e as árvores, fazer crochê, contar e ouvir histórias, além do gosto pessoal pelo desenho e a pintura. Sou natural da Ilha, mais especificamente do Ribeirão da Ilha, onde cresci em meio ao folclore das rendas de bilro, bruxas, lobisomens, procissão dos mortos e monstros do mar. Minha bisa foi parteira e benzedeira, e todas as mulheres antigas de minha linhagem cuidavam da igreja e serviam à comunidade.

Diante de tantas influências, estar envolvida em um projeto como a homenagem ao artista Meyer Filho me encanta e me emociona. Sua obra nos traz a alegria, a inocência, a irreverência e a vitalidade presente na história e nas pessoas da Ilha de Santa Catarina. Em minha busca por inspiração, ao ver uma das obras com casario açoriano, imediatamente me transportei ao Ribeirão e fiz minha escolha.

A sobreposição de tecidos, a centralização da casa, a escolha da composição das cores e linhas e o cuidado com os detalhes das árvores contemplam meus primeiros olhares na execução da tela. A casa, tal qual a casa de meus avós e bisavós, por onde vivi alguns anos de minha infância e adolescência, homenageia esse lugar, tempo, memória e pessoas queridas que contribuíram para a mulher que sou hoje. As árvores, em especial a maior, simboliza o amor e a dedicação de minha querida mãe, tanto na representação de seu feminino forte como no amor à natureza e à Ilha. Por fim, o galo no alto da casa é uma homenagem pessoal ao autor e eterna gratidão pela vida vivida e a oportunidade a mim concedida nesse momento.

@gabrielacavalheiropsico | gabrielaccavalheiro@gmail.com

Jany Vilas Bôas

MUNDOS DE MEYER FILHO, 2021.
BORDADO LIVRE, TECIDO LINHO, LINHAS DIVERSAS E PASSAMANARIA, 27 X 27 CM.

Mundos de Meyer Filho

*A Donzela**
Por onde andaste
Que trouxeste tão lindas linhas?
Linhas que criam formas,
Que seguram a cor.
Linhas que criaram
*São Francisco de Assis Cósmico***
*Cavaleiro Cósmico.****
Imaginação que cria mundos
Universo onírico
Metamorfose.
Partes construídas
Costuradas
Unidas.
Mundos separados
Que se repetem
Que se completam.
Sonho?
Realidade?
Liberdade de ter
De ser
Uma vida nova.

* *A Donzela*, 1959, nanquim s/ papel, 36 x 46 cm.
** *São Francisco de Assis Cósmico*, 1985, acrílica s/ eucatex, 50 x 50 cm.
*** *Cavaleiro Cósmico*, 1972, acrílica s/ tela, 60,5 x 67,1 cm.

Márcia Mendonça

CABELOS DE NINHO, ONDINA NO DESTERRO FOLCLÓRICO DE ERNESTO MEYER. CORES, FLORES, PÉROLAS, PONTOS E PESPONTOS NO MAR A BANHAR A ILHA DA MAGIA. O GALO SOBERANO REINA ENTRE A TERRA E O MAR, NÃO EXISTE LIMITE PARA CONTROLAR O SEU IMPÉRIO, 2021.
BORDADO LIVRE, COM DIVERSOS PONTOS PARA BORDADO. AQUARELA EM TECIDO. MATERIAIS USADOS: LINHAS PARA BORDADO; LANTEJOULAS; PÉROLAS; AQUARELAS, 31 X 22 CM.

Ouvir sobre o autor e pesquisar sobre a sua vida e a sua arte inspirou a realização do bordado. Contudo, ver o *outdoor* com as palavras "Meyer só sabe desenhar galos" foi impactante, visto que, ao ser criticado, o artista respondeu com arte para quem não compreendeu o olhar do pintor sobre a paleta de cores. Dessa maneira, o bordado além de apropriar-se da arte de Meyer com suas cores, traços fortes, olhos ovais, misticismo, a bordadeira procurou trazer o galo poeticamente inserido em um mundo marítimo, dessa maneira demonstrando que "a arte é filha da liberdade", como aponta Friedrich Schiller.

O bordado contou com os elementos místicos advindos do imaginário da Ilha da Magia, com o galo representando a soberania do artista e sua liberdade em fazer do seu ofício a representação da perfeita sinfonia. Meyer compôs a música ideal entre o imaginário do povo que transitava pelas ruas, pulsando na porta de sua casa, ela sempre receptiva aos pincéis, tintas, papéis e uma multidão em polvorosa de galos e alegrias em cores. Uma arte gotejada de traços fortes, realizada por uma mão ousada em delinear a paixão de ser habitante da Ilha do Desterro.

Meyer, um artista que olhou além das aparências e fez do seu imaginário um espaço pictórico repleto de *pathos* e de uma dança vertiginosa e dionisíaca. A potência de vida expressa pelo artista foi o lugar em que a bordadeira se apegou para executar a sua arte. Potência, vida, cor, paixão e liberdade são expressões que reverberam da obra de Meyer, e a artista têxtil procurou demonstrar esses traços em seu bordado. Dessa forma, a liberdade em ondas a refletir nos cabelos e na cauda da Ondina, cheios de alma e cor, refletem a paixão pela vida e pela arte. O galo soberano celebra e dança!

@escrita_e_linhas e @poetammendonca | Márcia Mendonça | marciamav@hotmail.com

Maria Cristina Fernandes Faria (Tina)

GALO 1958/2021, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE TECIDO DE CÂNHAMO COM FIOS MOULINÉ E PERLÊ, 25 × 30 CM.

Ao ser convidada para fazer um bordado inspirada na obra de Meyer Filho, fui imediatamente "seduzida".

Difícil foi, entre o vasto universo mítico, escolher qual obra representar. Todas as ilustrações levam ao encantamento!

O quadro "sem título", datado de 1958, foi relevante para minha escolha. Por ser o ano de meu nascimento, o galo me trouxe a vida. Nele, encontrei também o meu signo do zodíaco, Leão, com sua majestosa pelugem e imponente representação.

Iniciei minhas vindas para a Ilha de Santa Catarina no final da década de 1970, tendo a honra de conhecer o artista pessoalmente.

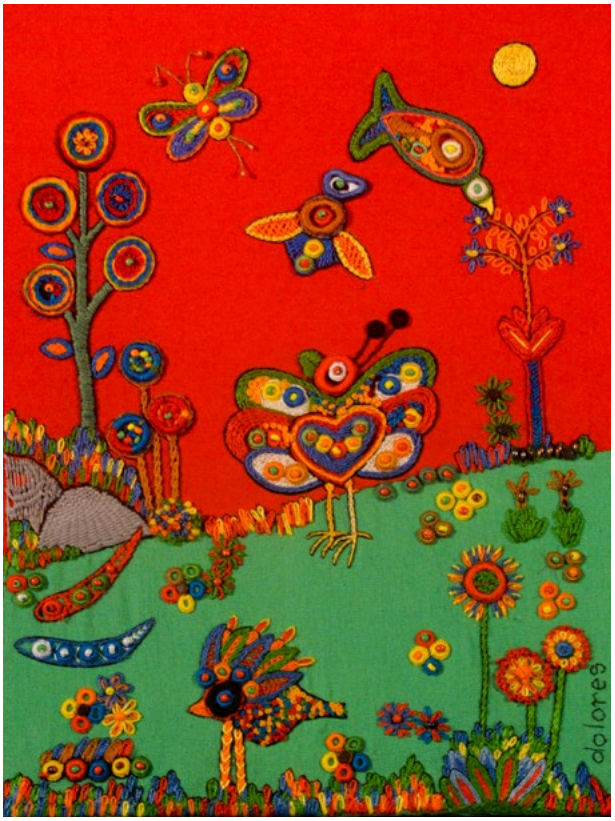
Em 1980, recém-formada na Faculdade de Belas Artes, mudei-me de São Paulo para Ratones, uma área rural e isolada, onde desenhava e coloria vacas, galos, galinhas, gatos, pássaros e outros bichos silvestres, assim como o artista.

Imediatamente, separei um tecido para bordar o galo, em branco e preto, contrastando com pitadas de vermelho. Desenhei livremente, sem a preocupação de ser uma cópia fiel, e semelhante foi ficando.

Bordar este majestoso galo foi a mesma sensação de estar bordando uma mandala, um exercício de cura física e espiritual. Um transporte para a renovação. E com grande satisfação concluí essa homenagem ao artista Ernesto Meyer Filho.

Maria Cristina F. Faria | @mariacristinaf.faria | crisfernandesf@gmail.com

Maria Dolores Ripoll Tavares Leite



JARDIM EM MARTE, 2021.
BORDADO LIVRE, APLICAÇÃO DE MIÇANGAS, 30 X 40 CM.

A inspiração do meu trabalho veio das obras do *Reinado Galáctico*, do Meyer Filho, tais como *O galo Galáxico n. 5* (1990), obra s/título (1978 a 1979) e o *Galo cósmico com Lua branca* (1972).

Fui envolvida pelas cores vibrantes, os contornos acentuados, as luas, as flores e os galos, exuberantes e cósmicos. Ludicamente falando: Viajei para Marte e, ao desconstruir os galos, outros seres se formaram e pediram para aparecer no meu jardim. Assim os bordei. Acho que vou seguir brincando com eles.

@mariadolorestleite | Dolores Leite | dolorestavaresleite@gmail.com

Maria Jaqueline Maffazioli

IMPONÊNCIA, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE ALGODÃO CRU, 22 X 18 CM.

O desenho que, sem pestanejar, escolhi para bordar não teve título dado pelo autor. É um desenho em nanquim sobre papel, de 1959.

Antes de participar deste projeto, eu conhecia muito superficialmente a obra de Meyer Filho. A experiência de ter esse contato e transformar uma obra desse importante artista em um bordado meu foi muito forte.

Um cavalo transmutado em um galo (ou o contrário), forma um ser que, inspirando tanta nobreza, parece até que já existia antes mesmo de ser desenhado e transmite uma força que revoluciona algo dentro de mim também. Junto com isso, a sua recriação, vagarosamente, escolhendo os pontos um a um, foi reafirmando a beleza e a magia que podem existir na soma de grandes diferenças.

@mjmaffazioli | mariajaquelinemaffazioli@gmail.com

Marilde Juçara da Fonseca

GALINOSSAURO, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE TECIDO, 29 X 21 CM.

A inspiração para o bordado foi um quadro sem título, de 1973, com fundo claro, em que o artista retrata um cenário de flores e pequenas árvores exóticas, e que o principal personagem aparece como um pavão iluminado por três sóis vermelhos no céu.

Bordar Meyer Filho foi uma viagem para um mundo colorido, brincante, alucinante, fantasioso e muito, muito intenso.

Meu bordado retrata uma ave com cabeça de pavão, rabo de galo, costas de dinossauro e patas de galinha. Encontrei a inspiração para a criação desse "ser híbrido", resultando em uma ave que chamei de Galinossauro. Um ser surreal em um cenário de flores e árvores multicoloridas. Os três sóis vermelhos, que fiz questão de reproduzir no bordado, nos indicam ali a possibilidade do retrato de um outro mundo, que poderia ser numa outra galáxia ou simplesmente num outro tempo. Em tempos remotos, em que animais como os dinossauros ainda habitavam a terra e poderiam estar iluminados pela luz quente de três planetas vermelhos, como o planeta Marte.

Bordar Meyer Filho, conhecer mais profundamente sua obra e absorver suas cores e formas num reino mágico de possíveis criações foi experimentar a liberdade de inventar e fantasiar, tal qual uma criança.

Marilde.jf@gmail.com

Myriam Liége Guaraldi Bohrer

POT-POURRI MEYER FILHO BY MYRIAM BOHRER, 2021.
BORDADO COM LINHA EM TECIDO, 40 X 36 CM.

Me inspirei em várias obras para fazer o bordado. A ideia foi fazer uma miscelânea de formas e cores, e por meio de uma inspiração aqui, outra ali, fui compondo o bordado.

As obras usadas como inspiração foram: *Personagem Cósmico, Liberdade para os pássaros cósmicos, Anjo Cósmico, Velho Guerreiro, Peixe maior "come" o menor, Idílio no Cosmos, Amizade no Cosmos, Visão onírica de Ponta das Canas, Ilha de Santa Catarina*.

As cores usadas me foram sugeridas pelo próprio autor, que transmite vida e alegria na sua obra, e essa foi minha intenção na escolha tanto dos tecidos quanto das linhas.

@mbohrer2 | Myriam Bohrer | ml.joaquina@gmail.com

Myrian Maciel de Carvalho

GARNIZEN, 2021.
BORDADO LIVRE, 29 X 29 CM.

Encontrar almas que transcendem é sempre um fôlego novo!

Assim foi conhecer a obra de Meyer Filho.

Tendo sido também bancária, e do Banco do Brasil, sei o que é sair do prédio para os quintais da arte. Descobrir os quintais e os galos de Meyer Filho foi uma coisa meio louca, mas muito concreta em sua amplitude. Tudo está possível, tudo se mescla e tudo brota do mesmo núcleo. Assim, tentei reproduzir minha versão de um dos seus galos místicos. O núcleo é o mesmo no animal, nas flores, no Sol. Há muitas espirais, entrelaces, cruzamentos para que essa arte híbrida brote dentro de si mesma e se componha na figura sensual e imponente de um galo majestoso!

A repetição e a contenção das cores procuraram acompanhar a obra escolhida, reverenciando, mais uma vez, o artista nesta comemoração aos 100 anos de seu nascimento.

myrian_maciel@yahoo.com.br

Norma Bruno

GALO DE BRIGA, 2021.
USEI ALGODÃO NATURAL RECICLADO, BORDADO COM LINHAS DE MEADA. OS PONTOS: AQUI USEI O PONTO ATRÁS, ALI O PONTO CHEIO E, ACOLÁ, O PONTO CORRENTE, MEU PONTO FAVORITO DESDE SEMPRE. TAMBÉM APLIQUEI PEQUENOS E VELHOS RETALHOS DE RENDA DE BILRO PONTUALMENTE. O RESTO FOI ME ENTREGAR, CONFIANTE, "AO QUE O BORDADO EXIGE". COMO SEMPRE. CONTADORA DE "ESTÓRIAS" QUE SOU, BORDEI PALAVRAS PARA CONSTRUIR MINHA NARRATIVA, 40 X 40 CM.

Ave, Meyer Filho! A alegria de ser convidada a participar desta homenagem nem havia sido assimilada e, ainda enquanto as instruções eram repassadas pelas coordenadoras do Grupo de Bordadeiras, eu já estava longe, bordando mentalmente o "meu quadro", ponto a ponto. A imagem escolhida seria a do meu galo favorito desde sempre.

Nestes dias obscuros em que, perplexos, descobrimos que há um projeto de substituição do calçamento do centro fundador da Velha Desterro, ali assentado desde 1886, portanto, ainda no Período do Império, decidi que o meu bordado seria veículo não apenas de uma justíssima homenagem a esse original artista, mas, sobretudo, um registro de protesto e luta contra o desamor e a falta de cuidado com a nossa cidade.

Revoltado com a abissal indulgência intelectual que se associa "à força da grana que ergue e destrói coisas belas", como bem alertou o Caetano, o "Meu Galo do Meyer Filho" verte uma lágrima, mas não fica nisso, pois é um autêntico galo de briga. Meu galo chora, mas também arrepia as cristas, as penas e cacareja bem alto, retesando as esporas para comunicar sua total descrença nos descarados argumentos que tentam justificar o injustificável e declara que sabemos aonde essas "boas intenções" podem nos levar, pois já vimos esse filme e não gostamos do desenredo: a gente morre, de desgosto, no final.

Ademais, é bom não esquecer que foi assim que perdemos o Miramar, afastamos as águas da Baía Sul para além do alcance dos pés e do olhar e quase perdemos a Ponte Velha; eles bem que tentaram. Agora nos chega essa notícia da ameaça ao calçamento centenário que, apesar da falta de manutenção, continua senhor e cumpridor das suas funções. Miramar, Ponte Velha ou calçamento centenário, o discurso é o mesmo, a argumentação é a mesma, a estratégia é a mesma. Mas o desfecho precisa ser diferente.

Fosse vivo, e combativo que era, Meyer Filho certamente estaria a bradar, com sua inconfundível voz, contra toda essa insanidade. Não podemos deixar o artista sozinho. Cacarejemos, pois!

@ norma_bruno_ | novoescriba@gmail.com

Olga Celestina da Silva Durand

Bordar Meyer Filho é entrar, sem vontade de sair, no mundo fantástico desse talentoso artista plástico, que nos transporta, instiga e alucina, revelando o equilíbrio possível que as artes nos oferecem.

O reencontro com a obra de Meyer Filho também me traz lembranças do tempo de professora de escola pública, quando levava os estudantes, crianças e jovens, a frequentarem teatros, exposições e museus, convicta de que a educação não pode prescindir da arte e da cultura.

A FAUNA MÍSTICA, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE TECIDO, 30 X 30 CM.

Os estudantes, ao se depararem com o artista Meyer Filho, ficavam seduzidos pelo delírio, o devaneio em suas obras, e se deslumbravam com as possibilidades desse imaginário que mistura, sem pudor, o real, o irreal e o inusitado. Ficavam dias a rabiscar galos do "homem dos galos", totalmente fascinados!

Assim, a escolha do bordado inspirado em Meyer Filho se deve ao meu encantamento de sempre pela obra de 1952, sem título, que eu audaciosamente apelidei *A fauna mística*, na qual um mundo híbrido entre fauna, flora e mineral se revela, fazendo acontecer a magia.

Hoje, envolta em linhas, pontos e cores, fico aqui desejando que aqueles jovens estudantes, hoje adultos, tenham tido a oportunidade de continuar a se inspirar na beleza, no potencial imaginativo, delirante e revolucionário de Meyer Filho. Suas viagens exóticas, que vão da Ilha à Marte, continuam dando um pouco de equilíbrio a esta nossa muitas vezes dura realidade.

Que venha mais Meyer Filho para nos ajudar no melhor viver, de forma mais consciente e justa.

@Olga Celestina da Silva | Olga Celestina da Silva Durand | olgadumu12@gmail.com

Olinda Evangelista

MIUDEZAS DE MEYER FILHO, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE LINHO COM LINHAS DE ALGODÃO, 30 X 34 CM.

"Em Marte não há guerra" é a frase de Meyer Filho que dá sentido ao meu bordado. Pensei nas razões que o levaram a essa afirmação e o que, em seu universo pictórico e poético, expressaria tal convicção. Vi nas suas miudezas, na flora, nas cores e na ausência de humanos a beleza do que seria um mundo desprovido de violência. Chegando a Marte, os humanos talvez façam dele o que fizeram da Terra: cenário de dores, sofrimento, destruição, crueldade. Entretanto, ao vislumbrar o mundo marciano, dá-nos de presente a hipótese da luta pela extinção desse modo estranho de vida dos terráqueos.

olindaevangelista | olindaevangelista35@hotmail.com

Paula Marimon

ONDINAS: SOB O SOL DE MEYER FILHO, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE TECIDOS DIVERSOS,
33 X 36 CM.

Como aprendi com Meyer Filho. Sintonizar com um artista como Meyer Filho, que é um ícone do fantástico em Santa Catarina, não é tarefa fácil. O que me encantou e realmente me desafiou foi o chamado para entrar e olhar o mundo por outros prismas. Aceito o convite, esse foi o primeiro estágio da obra bordada.

Logo a seguir, ocorreu uma *live* com as organizadoras do projeto o Grande Baile Místico, Susan Mariot, Priscilla Gobbi, Sílvia Lenzi, Sandra Meyer e Bebel Orofino. Essa etapa foi fundamental para a sintonia com a obra do artista. A fala da Sandra, destacando as fases da obra de Meyer Filho, os delineamentos em nanquim, o Sol, os seres mitológicos, a abundância das cores facilitaram muito, para mim, o ajuste das coisas que eu gosto com algumas das telas apresentadas.

Em especial, inspiraram-me as telas: *Liberdade para os pássaros cósmicos, Sem título (com muitos peixes)*, *Praia em Florianópolis*. A opção pelas sereias mitológicas veio da fala da Bebel, que apontou a fase aquática nos trabalhos de Meyer, retratando as ondinas. Para mim estavam presentes todos os elementos que me emocionam — adoro água. Durante a *live,* já fiz os primeiros rabiscos das ideias. Os ajustes foram rápidos, pois já tinha claro onde cada elemento da composição ficaria. Logo tive que ir a Florianópolis e pedi para minha irmã artista, Cristina Casagrande, uns ajustes nas ondinas, que estavam muito deformadas. Nesse mesmo dia passei na Susan para pegar os livros de Meyer que a Sandrinha gentilmente nos enviou e estava completa a etapa da inspiração.

Tudo pronto para começar a bordar — a etapa final, a concretização das ideias. O bordado iniciou na escolha dos tecidos, os tons de azuis de céu e mar, fornecidos por diferentes retalhos. O tule para marcar profundidade e suavidade. Os primeiros pontos foram com o Sol para ajudar a iluminar os demais passos. As caudas das ondinas foram logo completadas (namorava essa linha há tempos!!!). Os pássaros no céu e os peixes no mar ajudaram a alegrar a tela bordada. Tililimmm!!! Bordado pronto e o encantamento pelo ponto a ponto estava concluído. Agulha e linhas estavam extasiadas com o resultado!

Agradeço por participar desse evento que me pôs em movimento de aproximação com a obra do artista. Usei da liberdade do projeto para criar algo com a identidade desse mundo Meyer de ser. Considero que esse movimento trouxe algo de Meyer para mim, para a minha vida. Gratidão, Meyer!

paula.marimon@gmail.com.br

Paula Schlindwein

ONDINA, DA METAMORFOSE AO MISTICISMO, UMA POÉTICA BASEADA NAS OBRAS DE MEYER, 2021.
AQUARELA E BORDADO COM FIOS DE ALGODÃO E PÉROLAS SOBRE TECIDO, 38 X 40 CM.

Após a análise e investigação das diversas obras de Meyer Filho, e sentindo a necessidade de unir sua poética a minha, surgiu meu interesse pelas Ondinas, personagens míticas, femininas, cheias de simbologias, fortemente presentes no imaginário da Ilha de Santa Catarina e que, invariavelmente, foram utilizadas pelo artista.

Levando em consideração as várias facetas interpretativas que o tema suscita, busquei os elementos constitutivos nas obras de Meyer Filho, como as asas, os rabos e barbatanas de peixes, o erotismo, o hibridismo, entre outros, ao exemplo das obras *Personagem Cósmico* (acrílica s/ eucatex, 1977), *Idílio Cósmico* acrílica s/ eucatex, 1975), *O sereio anfíbio* (nanquim s/ papel, 1974) e *Liberdade para os pássaros cósmicos* (acrílica s/ eucatex, 1972), desenvolvendo, assim, campos relacionais que pudessem contribuir para sua significação.

Nesse sentido, procurei entender suas obras, onde a temática se insere em confluências míticas, o que também contribuiu para a formação de uma identidade regional.

A personificação da imagem desse ser (Ondina) não somente evoca o mito, mas tem sua própria poética. Assim, percebe-se que a personagem traz à tona um espectro de referências culturais e históricas, as quais possibilitam um diálogo entre formas de tempos distintos, criando uma relação que evidencia o processo de incorporação e metamorfose entre as formas e a fantasia.

Por esse motivo, considerei a necessidade de explorar a coexistência desses elementos e como eles contribuiriam para incorporar sentido a minha obra.

Além disso, procurei materializar nesse trabalho, ao bordar os fios e adorná-lo com pérolas, uma alusão entre luz e sombra, vida e morte, corpo físico e espiritual, real e imaginário.

Ao bordar as pérolas, que na verdade são produtos da dor, resultado da entrada de uma substância estranha no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia, portanto, as pérolas são feridas curadas. Busquei dessa forma, além das fronteiras corporais, novos planos possíveis.

@paula_schlindwein | PaulaSchlindwein | paulaschlindwein@hotmail.com.br

Priscila Mendes Gobbi

EU CÓSMICO, 2021.
BORDADO LIVRE SOBRE ALGODÃO CRU, 27 X 27 CM.

Ao adentrar o universo Meyer Filho, me surpreendi com tamanha arte e conexão espiritual. Uma arte profunda, que retrata o cosmos, estrelas, sóis e seres atemporais, entre eles os mais conhecidos: "galos". Um artista que tanto produziu, se permitiu ser e explorar universos inusitados, conduziu-me à maravilhosa experiência de aprofundar um pouco mais meu universo particular. O presente. Viver, estar viva e ser quem sou.

Imersa em uma espiral de transformações, deparo-me com algumas obras "sem título", de 1972 (nanquim sobre papel – vida em preto e branco), que fizeram muito sentido e me serviram de inspiração.

Utilizei-me de uma mescla de elementos com a intenção de trazer a força do poder da mente (imaginação): criativa, fértil, natural e fractal. A inversão do elemento central surgiu como um efeito reflexivo do que posso refletir ao retratar o outro como essência real, transcendental.

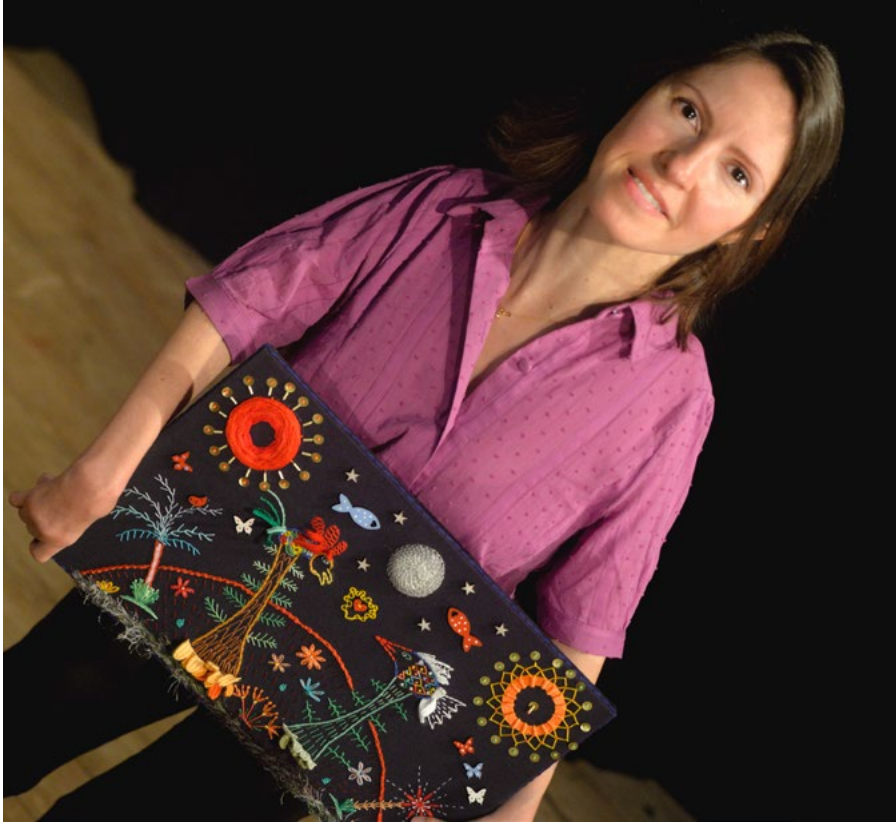
Vida (espiral): movimento puro; o cavalo símbolo de poder, autoconfiança e liberdade, com olhar desperto (intuição) possui o arco-íris em sua crina (ponte para uma cultura de paz); os girassóis em seu corpo representam a vida (luz) pulsante nas células. Complementando a obra: a agente feminina, marcada aqui com a imagem do coração – elemento bastante usado pelo artista – denota a amorosidade essencial para o desenvolvimento e florescimento humano (ramalhete de flores).

Imaginar é sonhar, cocriar! O que existe primeiro na imaginação, numa onda de amor telepático, com o tempo se tornará realidade.

Que a criatividade positiva que há em nós se expresse sempre. Vida é arte, poesia! Saia da lira!

@priscilagobbi, @criatividade_positiva e @aslinhasdocorpo | priscilagobbi@gmail.com

Roberta de Oliveira Pereira



A PAIXÃO DA PLANTA PEIXE PELA PLANTA GALO NOS JARDINS DE MARTE, 2021.
TECIDO DE SARJA BORDADO COM LINHAS DIVERSAS, APLIQUES DE MDF E PEDRARIAS, 26 X 40 CM.

O trabalho foi baseado na temática do artista Ernesto Meyer Filho, assim como nos elementos da narrativa das suas obras: corações, lateralidade das figuras, seres híbridos, planeta Marte e as cores.

O bordado foi feito em 29 dias, após uma pesquisa das principais características dos elementos e estilo do artista. Em cima disso, foi desenvolvida uma narrativa de dois personagens híbridos, a planta-peixe e a planta-galo, que se apaixonam nos jardins do planeta Marte.

Os dois personagens são ricos em detalhes e cores vibrantes, apresentadas com linhas coloridas, miçangas e lantejoulas. Para representar esse romance entre os personagens foi usado o elemento coração, bastante utilizado por Meyer Filho. Um dos corações é um botão de MDF pintado, e o outro foi bordado. Aquecendo essa relação, temos dois sóis trabalhados com linhas, canutilhos, miçangas e paetês, no qual um deles tem, na parte central, um elemento erótico. No céu de Marte também há uma Lua bordada, estrelas e peixes voadores em MDF pintados.

No chão há várias plantas e flores que foram representadas com pontos de bordados, assim como o fundo foi todo preenchido para que não ficassem "vazios".

Na intenção de transmitir essa ideia de se estar além do planeta Terra, foi feito um bordado para além de ser apenas visto. Tem elementos tridimensionais e lúdicos a fim de que o espectador possa interagir com a obra. Os apliques em MDF podem ser tocados, a Lua pode ser apertada (pois tem um enchimento), assim como as folhas na base das plantas, os rabos e as cristas do galo e do peixe têm movimento.

O processo de desenvolvimento desse bordado foi completamente diferente de todos os que eu já tinha feito anteriormente. Iniciei pela planta-peixe e pela planta-galo em vez de trabalhar a base do bordado; foi feito o céu na ânsia de utilizar mais materiais, e que estes fossem diferentes. As ordens foram subvertidas. Assim como elementos que seriam aplicados apenas no final (como lantejoulas e miçangas) foram utilizados já no início do processo. Apesar disso, o desenvolvimento do bordado fluiu sem desconfortos e com muito entusiasmo.

@ro_pinto_e_bordo

Rozi Couto

CORES E ENCANTOS, 2021.
BORDADO LIVRE COM TECIDOS E LINHAS, 35 X 38 CM.

Conheci o artista há 36 anos, quando minha filha, com dois anos de idade na época, insistia em passar em frente à casa do "Gaio" — Galo era como ela se referia à casa de Meyer Filho, na rua Altamiro Guimarães, sempre com seus quadros coloridos pendurados na varanda. Ali a gente se encontrava com as cores e os galos expostos.

Hoje, sinto-me honrada em bordar uma de suas obras. As cores fortes do artista, amarelo e vermelho, predominaram na escolha dos tecidos que compõem o fundo do bordado, que foi inspirado na pintura sem título de 1973, em que Meyer Filho representa uma paisagem da bela praia de Itaguaçu, em Florianópolis, destacando as pedras que se reúnem no mar calmo, sobre o voo de pássaros irreverentes e luas vermelhas. Onde a magia das pedras me deslumbra, gosto de ficar lá por horas para contemplá-las.

SEM TÍTULO, 1973. ACRÍLICA SOBRE EUCATEX, 51 X 44 CM.

coutoclaudiorozi@gmail.com

Silvana Maria Scheuer Becker

BRUXA MÍSTICA, 2021.
BORDADO, 30 X 30 CM.

Foi uma experiência muito legal! Assim que recebi o convite para participar do Projeto Bordar Meyer Filho, aceitei o desafio, mesmo sem conhecer previamente o artista ou suas obras. Fui assistir ao vídeo que foi disponibilizado — 1º Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina 2019, e assim ver os trabalhos feitos por ele.

Logo veio a inspiração de criar uma bruxa com algumas características que Meyer mostra em seus trabalhos. Fui dando forma à bruxa com o rosto alongado, rabo de galo, coração e pés de galo, e com sua vassourinha, para sobrevoar o mundo mitológico de Meyer Filho.

Usei para o bordado um tecido com muitas cores e rebordei com vários pontos, dando textura e brilho ao trabalho. Para a confecção da bruxa, usei tecido, lã, contas coloridas, hashi, ráfia e cílios postiços. Por fim, para o acabamento, utilizei como base de fundo o preto, como referência à utilização da cor presente na grande maioria das obras do artista.

silmsbecker@gmail.com

FEMININOS, 2021.
APLICAÇÃO E BORDADO LIVRE SOBRE TECIDO, 40 X 33 CM.

Meyer Filho "voou" para Marte e descobriu que tudo nessa vida pode ser diferente daquilo que os nossos olhos apreendem. Mente iluminada e repleta de encantamento, trouxe do "além-terra" a diversidade.

Ensaiou, com sua obra "fantasiada" de cores e formas, um mundo livre daquilo que está estabelecido como norma. Denunciou a farsa que, segundo "O Tropicalista", encaixa-se, perfeitamente num dito sintomático aos tempos do nosso viver: "Finge normal"!

Deixou como legado, a todas e todos, algo da mais alta relevância: urge dar voz e vez à inventividade! Portas escancaradas ao novo, aos possíveis!

Viva Meyer Filho!!!

@silviazanattadaros | szdaros@gmail.com

Sofia Blauth

FUNDO DO MAR, 2021.
BORDADO, COM LINHAS E TECIDO LINHO PRETO,
35 X 35 CM.

Tudo me surpreendeu nas obras de Meyer Filho. Apesar de terem grande significado, com uma potência imaginativa que se multiplica incessantemente, produzindo uma fabulosa coleção de vidas entre os reinos animal, vegetal e mineral ou compostos orgânicos e inorgânicos, o que mais me chamou a atenção para focar no meu bordado foram as cores vibrantes, com fundos igualmente coloridos, como o vermelho, laranja ou azul. Eu escolhi o fundo preto para bordar animais do mar, como peixes, polvo, caranguejo e peixe-galo.

Acrescentei uma flor com corações e olhos, que muito me chamaram atenção nas suas obras, resultando uma obra bordada no estilo lúdico (*naif*), parecendo que foi uma criança que bordou, expressando o meu eu com o que senti à primeira vista ao conhecer a obra de Meyer Filho.

Pois, mesmo estudando e analisando mais profundamente a obra desse maravilhoso artista, continuei com a certeza de bordar o que senti e imaginei de início.

Todo o processo foi enriquecedor como conhecimento, e muito gratificante para mim.

As obras que serviram de inspiração para o bordado são: *Peixe maior come o menor*, 1979, nanquim s/ papel 21,3 x 30 cm e *Sem título*, 1985 (figura 22, 2007) acrílica/eucatex, 30 x 32 cm.

@sofiblauth | Sofia Magali Blauth Schmidt | sofiblauth@gmail.com

Susan Mariot

DELÍRIO, 2021.
BORDADO LIVRE EM LINHO, COM LINHAS E LÃS DIVERSAS, 17 X 27 CM.

Saudade de uma conversa não acontecida!

Eu: — Meyer, quero bordar em Marte!

Meyer: — Moça, assim, com esses tons meio amortecidos, você não chega nem à lua.

Eu: — Mas sei muitos pontos.

Meyer: — Moça, para estar em Marte, você tem que subverter. Marte é lugar para os seres que conseguem desenhar em folhas de cheque. Não é lugar de mares conhecidos, tampouco peixes comestíveis. As aves e os galos são livres de gaiolas, diferentemente dos humanos, que precisam de uma plumagem da moda. Para ir à Marte, você terá que tirar esses óculos.

Eu: — Mas só sei ver com eles. Sem os óculos, vejo desfocado e não consigo ver a longas distâncias.

Meyer: — Hahahah! "Arrombastes, Floripa"! Moça, para que então esses óculos?! Então você não pode ir à Marte. Para estar lá, você precisa suportar o que não está evidente nem querer garantias de um único Sol ao alvorecer. Precisa abrir-se para o fantástico.

Eu: — Mas não é melhor cada coisa no seu lugar?

Meyer: — De que lugar tu falas? O lugar de fora ou o lugar de dentro? Veja o meu mar azul intenso em *Paisagem de Coqueiros* (1973), o ser aquático em *Anjo Cósmico* (1972), o Sol voluptuoso em *Liberdade para os pássaros Cósmicos* (1972), o chão pontilhado em *Idílio Cósmico* (1975), as pedras em *Caldas da Imperatriz* (1973). Nem o céu é azul em minhas obras. Tem muito céu vermelho. Por que o mais do mesmo?

Eu: — Mas e a loucura? Posso ficar louca assim.

Meyer: — Hahahah, delire! Essa loucura que tu dizes é loucura que completa, que dá vida, que faz você não ter a visão estreita. Delírios cósmicos!

susanmariot@gmail.com.br | @susan_a_mariot | @aslinhasdocorpo

Vera Faria

ESPERANÇA, 2021.
BORDADO LIVRE COM LINHAS E TEXTURAS DIVERSAS, INCORPORAÇÃO DE UMA TÉCNICA TÊXTIL DENOMINADA CHENILLE E INSERÇÃO DE UMA RENDA DE FIO DE COBRE PRODUZIDA EM CROCHÊ, 39 X 38 CM.

Cocorococóóóóóóó...

A escuridão da noite vai se transformando num espetáculo deslumbrante.

As cores vão cintilando no horizonte anunciando um novo dia.

E nesse anunciar, um canto sonoro e envolvente ressoa pela madrugada no cantar de um imponente galo.

Sim, um galo! Esse comunicador solar de penas coloridas e vibrantes, que renova as esperanças ao proclamar ao universo que o dia está nascendo.

Diante desse cenário, penso na imensa sensibilidade que há em um artista que buscou suas maiores inspirações nas cores do arco-íris, na imponência dos galos e nas figuras mitológicas da nossa Ilha. Somente uma criatura muito especial conseguiria materializar a esperança com tanta vida e simbolismo.

Ao iniciar minha pesquisa para definição do meu bordado, uma certeza ecoou: o galo.

O galo com toda sua pose e exuberância foi o selecionado.

O nome escolhido? Esperança!

Esperança, pois acredito que Meyer Filho tinha em seu coração esse primordial sentimento e o apreço pela renovação, por novos dias, novos amanheceres, novas vidas.

A trama de fio de cobre dourada inserida no bordado é uma maneira simbólica de proteger e perpetuar a magnitude dos Arquivos Implacáveis, forma como Meyer Filho costumava se referir ao conjunto de suas obras.

Por fim, resgato o famoso relato em que certa vez o artista causou um rebuliço na cidade ao publicar um outdoor com a frase "Arrombastes, Floripa", em resposta àqueles que ainda criticavam a qualidade de suas obras.

Tomo a liberdade de parafrasear o artista e finalizar dizendo: 'Arrombastes, Meyer Filho. E obrigada por continuares inspirando tantos novos artistas.'

@veracfaria | vera.l.faria

FICHA TÉCNICA

BORDADOS PARA MEYER FILHO - EXPOSIÇÃO COLETIVA

Curadoria e organização: Susan Aparecida Mariot e Priscila Mendes Gobbi,
Linhas do Corpo – Projetos Bordados

Artistas: Andrea V. Zanella, Carin Iara Loeffler, Carol Grilo, Eliâne Carin Hadlich,
Eliziana Vieira e Araújo, Eneida Soares de Macedo, Flávia Vieira Guimarães Orofino, Gabriela Cavalheiro,
Jany Vilas Bôas, Márcia Mendonça, Maria Cristina Fernandes Faria (Tina),
Maria Dolores Ripoll Tavares Leite, Maria Jaqueline Maffazioli, Marilde Juçara da Fonseca,
Myriam Liége Guaraldi Bohrer, Myrian Maciel de Carvalho, Norma Bruno, Olga Celestina da Silva Durand,
Olinda Evangelista, Paula Marimon, Paula Schlindwein, Priscila Mendes Gobbi,
Roberta de Oliveira Pereira, Rozi Couto, Silvana Maria Scheuer Becker, Silvia Zanatta Da Ros,
Sofia Blauth, Susan Mariot, Vera Faria.

Concepção: Sílvia Lenzi
Coordenação: Vera Collaço e Sandra Meyer Nunes
Produção: Bebel Orofino
Gestão: Márcia Regina Teschner
Fotografia: Luiza Filippo
Diagramação: Marli Henicka
Assessoria de imprensa: Rogerio Mosimann
Molduras: Achei Molduras

Realização
Movimento Baile Místico
Conselho Curador: Sandra Makowiecky, Gelci José Coelho (Peninha), Sílvia Lenzi, Vera Collaço, Sandra Ramalho e Oliveira, Sandra Meyer Nunes, Zena Becker, Maria Isabel Orofino (Bebel), Roseli Pereira, Laudelino José Sardá, Roberto Costa.

Instituto Meyer Filho
Museu da Escola Catarinense – MESC/UDESC
Associação FloripAmanhã
Linhas do Corpo – Projetos Bordados

Agradecimento especial a todos que adquiriram as obras por antecipação e viabilizaram esta exposição: Gabriela Cavalheiro, Herman Hensberge, Isabel Orofino (Bebel), Katya Margot Loeffler, Marcella Faria de Andrade, Olinda Evangelista, Paula Schlindwein, Pietro Volponi, Ricardo E. Blauth, Roberto Costa, Sandra Makowiecky, Sandra Ramalho, Silvia Lenzi, Susan Aparecida Mariot, Vera Collaço, Zena Becker.

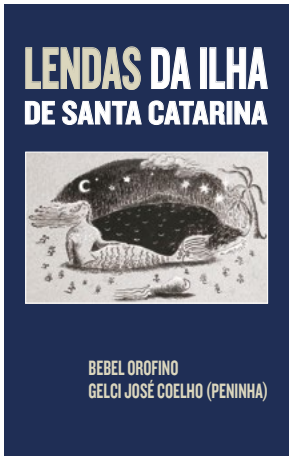
PARTE 3

LENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

LENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA **É UM LIVRO SOBRE TRADIÇÃO ORAL. NELE BEBEL OROFINO E GELCI JOSÉ COELHO (PENINHA) OFERECEM UM ENSAIO SOBRE AS MATRIZES CULTURAIS E A MITOLOGIA DA ILHA A PARTIR DOS ELEMENTAIS DA ÁGUA, TERRA, FOGO E AR. AS ILUSTRAÇÕES A NANQUIN SÃO DE AUTORIA DA ARTISTA LETÍCIA MARTINS.**

O LIVRO DA NOSSA CULTURA

LAUDELINO JOSÉ SARDÁ[1]



O livro *Lendas da Ilha de Santa Catarina*, escrito por Bebel Orofino e Gelci (Peninha) José Coelho, deveria ser adotado como obra didática nas escolas e servir de base a produções na internet, cinema, crônicas e a tantas outras criatividades de que Floripa carece.

Cada capítulo é uma animação literária que precisa ser difundida junto às gerações para estimular ideias e o cultivo do nosso precioso folclore. Além das bruxas e boitatás — figuras de proa das nossas lendas e estórias — a obra reúne prosas de provocar extensas risadas. Imagina, por exemplo, você ser chamada de Jardipa porque a sua mãe adorava jardim; a cadela que amamentou dois tatuzinhos na Ilha do Campeche, de onde uma raiz de mandioca atravessou o mar, versão do loroteiro Nazareno; a lenda do padre que morreu afogado em Rio Tavares e que tornou a Picada da Cruz numa trilha assombrada. Até surfistas dizem ter visto o vigário fantasmagórico.

A Ilha de Anhatomirim faz parte da história de Floripa. Para cá, o então presidente Floriano Peixoto, no final do século XIX, mandou o sanguinário coronel Moreira César para enforcar e fuzilar 185 homens federalistas. E Floriano ainda foi presenteado, com Desterro passando a ser chamada de Florianópolis. Por que a imagem de Nosso Senhor Jesus dos Passos ficou na Ilha e não foi para o Rio Grande do Sul?

As Ondinas da Ilha; estória da vassoura bruxólica, o bode de bruxa, os lampiões à base de óleo de baleia, o lobisomem do Pântano do Sul, o baile das bruxas em Itaguaçu, o monstro da Lagoa, enfim, o livro é a enciclopédia folclórica da Ilha e precisa ser disseminado para que o espírito da magia se insurja com vigor e destemor, e que a vivência e a fruição folclóricas adornem a Ilha de forma gigantesca, para a sua consagração como terra nacional da magia.

Este livro dá esperança para se sentir a alma de uma terra cuja cultura foi desterrada.

---

1 Jornalista, professor e escritor do Desterro.

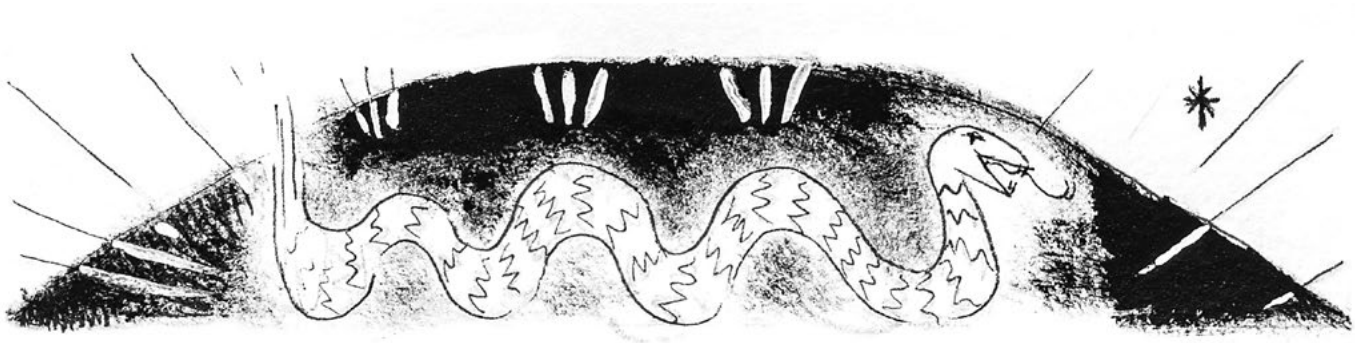
A LUZ DO BOTA

(DO IMAGINÁRIO POPULAR, ADAPTADA POR BEBEL OROFINO)

O mar estava calmo no Norte da Ilha. Nada de vento, e a Lua quase cheia. Noite boa mesmo para quem pesca de linha no costão. Então o Laurindo da Custódia chamou o Mané Bento para lançar linha lá na ponta entre a Lagoinha do Norte e a Praia Brava. Tudo certo. Ali pelas 9 horas da noite, os dois saíram da Ponta das Canas quando todos já tinham apagado as pombocas. A Lua era tanta que a noite era prata. Sem chance de assombração. Seguiram tranquilos até o costão. Mar tão manso como aquele nunca se viu por aquelas bandas. E puxavam conversa junto com a linha. Notícias do Doca lá do Sambaqui?

Foi então, mesmo com a noite clara, eles viram uma luz. Ela era muito forte e surgiu, de repente, detrás do costão, como um refletor enorme, desses de campo de futebol. Acendeu em um átimo de segundo. Só de olhar eles quase ficaram cegos. E paralisados, só respirando. O faixo foi se aproximando deles. De repente, chegou tão perto que eles podiam sentir uma manta de calor, no corpo todo. Tentaram olhar, mas era impossível. Os dois deitaram-se na pedra, escondendo o rosto. E a luz ficou ainda mais forte. E, junto com ela, um som agudo no ar.

Os dois suavam, congelados de medo. Foi quando Mané Bento puxou a reza para o boitatá. "Luzia, traz a corda do sino para amarrar o boitatá! Luzia, traz a corda do sino para amarrar o boitatá!". Mentalizaram o círculo protetor, fizeram o risco no chão com a mão e se meteram dentro, se persignaram, fecharam os olhos, taparam os ouvidos e se curvaram e nada! Não era boitatá. Muito menos luz de feiticeira. Era outra coisa.



A luz então subiu, na altura de um coqueiro, e se afastou um pouco. E os dois criaram coragem para abrir os olhos. E... sebo nas canelas! Saíram correndo, largando linha, isca e balaio, tudo para trás. Quando deram por si, já tinham pulado do costão e estavam na areia da praia. A luz, então, desceu e subiu rápido, quase em cima deles. Eles correram pela picada de volta para a casa. E a luz corria também, se aproximava e se afastava. Chegaram, entraram em casa suando e fecharam a porta. Mas a luz ficou lá, em cima da casa. A família sentia a claridade dentro da casa, os fachos entrando pelas frestas. Os vizinhos também viram. Às vezes, um deles tinha coragem de olhar para fora ou até de dar uns passos no quintal. Mas a vó ralhava e mandava todo mundo entrar, fechar a porta e seguir na ladainha do rosário, bem alto, junto com ela.

Depois de umas duas horas, eles sentiram que a luz aos poucos, enfraqueceu. Então saíram para o quintal e todos viram que, num giro, a luz subiu e fez um traço ondulado no ar. E num tiro, seguiu em direção ao mar, apagando-se na escuridão da distância. E foi embora. Naquela noite, não se viu mais.

O caso foi contado de boca em boca na Ponta das Canas, Lagoinha, Cachoeira, Ingleses e Santinho, e até pra lá da Costa da Lagoa. E em toda a Ilha, até hoje. De tudo, só se sabe que boitatá não era. Nem baile de bruxa, porque o clarão é outro. Foi um fenômeno espacial diferente. Talvez fossem mesmo os seres de outros planetas. Meyer Filho já tinha avisado que muitos deles vêm de Marte. Dizem que a tal da luz já foi vista, em outros tempos e cantos da Ilha, por outras pessoas, algumas vezes...

Dizem que a luz tem esse nome porque a primeira vez que apareceu foi ali, no costão que ficou conhecido como Ponta do Bota na Praia Brava.

NOSSA SENHORA,
O LINGUADO, O SIRI E AS TAINHAS PRATEADAS

(REGISTRADA POR FRANKLIN CASCAES E ADAPTADA POR GELCI JOSÉ COELHO – PENINHA)

Nossa história tem a ver com Nossa Senhora, mãe de Jesus. Ela havia sido coroada rainha do mundo e, como tal, queria conhecer o seu reino e estava ansiosa para conhecer a Ilha, a última obra do Divino Arquiteto do Universo, e que agora tinha nome de santa.

Veio Nossa Senhora, andarilha, percorrendo caminhos pelo mundo e chegou à parte continental, onde chamamos de Estreito e, no outro lado, estava a Ilha. Acredita-se que ali é a boca pequena d'água, a Jurerê-mirim que os guaranis falaram. Nossa Senhora, na praia, olhou para um lado e para o outro e não havia barco algum nem ponte.

Como faria para atravessar o canal e chegar até a maviosa Ilha? Viu, nas proximidades, chegando garboso e muito vaidoso, o mais belo dos peixes de todos os mares, o linguado. Nossa Senhora pergunta para ele se a maré iria encher ou vazar. E diz:

- Linguado, a maré vai encher ou vazar?

O linguado arremedou com escárnio, repetindo de maneira jocosa a pergunta de Nossa Senhora.

- Me nhado, me me nhe nhe nhe, ma na ná??

Um siri, que estava ali na margem e presenciara a cena vergonhosa, interferiu e ofereceu uma carona à Nossa Senhora. Ele falou:

- Oh, Senhora!!! Suba no meu casco que eu lhe dou uma carona até a outra margem!

Nossa Senhora levantou os babados da longa saia, subiu no casco do siri e lá se foram eles, cruzando o trecho mais estreito do canal que separa a Ilha do continente. Já estavam quase no meio do canal quando surgiu uma manta de tainhas, que formou um lindo cortejo prateado que os acompanhou em procissão, trazendo Nossa Senhora até a Ilha de Santa Catarina.

Depois, veio o castigo e o presente: o linguado, por ter sido malcriado, virou um animal rastejante, com a boca torta e com os dois olhos no mesmo lado da cara. É bem esquisito o pobre linguado. Cuidado! Nossa Senhora é brava. Ela pode te castigar forte. É um perigo e não se deve desrespeitá-la. Assim como dizem: bruxa não existe! Mas todo mundo sabe que existe; assim também é com a santa. Enquanto a bruxa tem que se esconder, pois só tem poderes maléficos, a santa pode expor-se. Parece que possui poderes para todas as coisas. Cuidado!

Bom, foi só uma observação, mas vejamos o que aconteceu depois. O siri, agraciado por Nossa Senhora, ganha uma linda imagem da santa coroada, segurando a saia cheia de babados, gravada em relevo no seu casco. A imagem da santa coroada, já que ela é a rainha do mundo.

FLORÊNCIO, O CURIOSO

(NARRADA POR GELCI JOSÉ COELHO – PENINHA)

Tinha um lago na campina que todo mundo dizia ser muito perigoso. "Não se deve ir lá, muito menos sozinho", diziam os antigos. "O Laurindo foi sozinho, nunca mais voltou!". O povo contava que existia uma moça que se banhava na cachoeirinha da Lagoa. E o Florêncio desconfiou daquilo tudo: "Que estranho, uma moça assim tão disponível, lá naquele ermo". E já fazia uns 30 anos que o outro tinha desaparecido. E nunca mais voltou e ninguém tinha notícia dele. Então o Florêncio convidou as pessoas para irem até lá. Mas era um domingo de tarde e quente. Ninguém quis ir. E era uma boa pernada até lá.

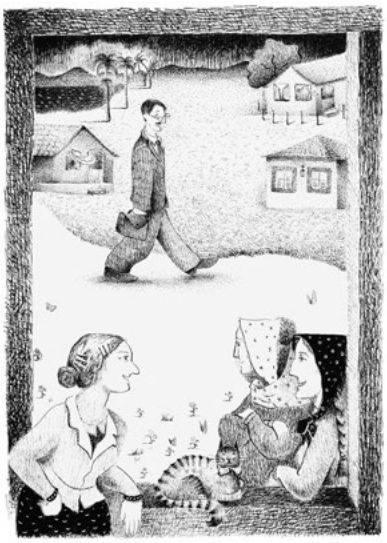
Mas eu resolvi acompanhá-lo, de longe, para ver se ele tinha coragem mesmo de ir sozinho naquela misteriosa lagoa. E quando eu cheguei lá, eu fiquei escondido atrás de uma árvore e vi o Florêncio. Ele tirou a roupa e se meteu dentro da lagoa. Quando ele estava dentro dela, começaram a surgir e a flutuar umas bolas enormes, como bolha de sabão, que saíam de dentro da lagoa. Enormes. Aquele delírio. E dentro de uma delas tinha uma moça de uma beleza espantosa. Ela mergulha a partir da bolha que está no ar! Ela mergulha na lagoa! Oh...

Florêncio, mais que ligeiro, voltou correndo para a casa. Não foi lá tentar salvar a moça, era um mistério, era uma perigosa, provavelmente uma ondina.[1]

1 Separata de: OROFINO, Bebel e COELHO, José Gelci. Lendas da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, Ondina Editora, 2021.

ÍNSULA: TRILHAS E TRAÇOS DA MAGIA

EXPOSIÇÃO E LANÇAMENTO DO LIVRO



ILUSTRAÇÕES DE LETÍCIA MARTINS.

FICHA TÉCNICA

Marco Cezar

PENINHA (GELCI JOSÉ COELHO), NO CENTRO, COM BEBEL OROFINO E LETÍCIA MARTINS, DUAS DE SUAS BRUXAS APRENDIZES.

Artista: Letícia Martins

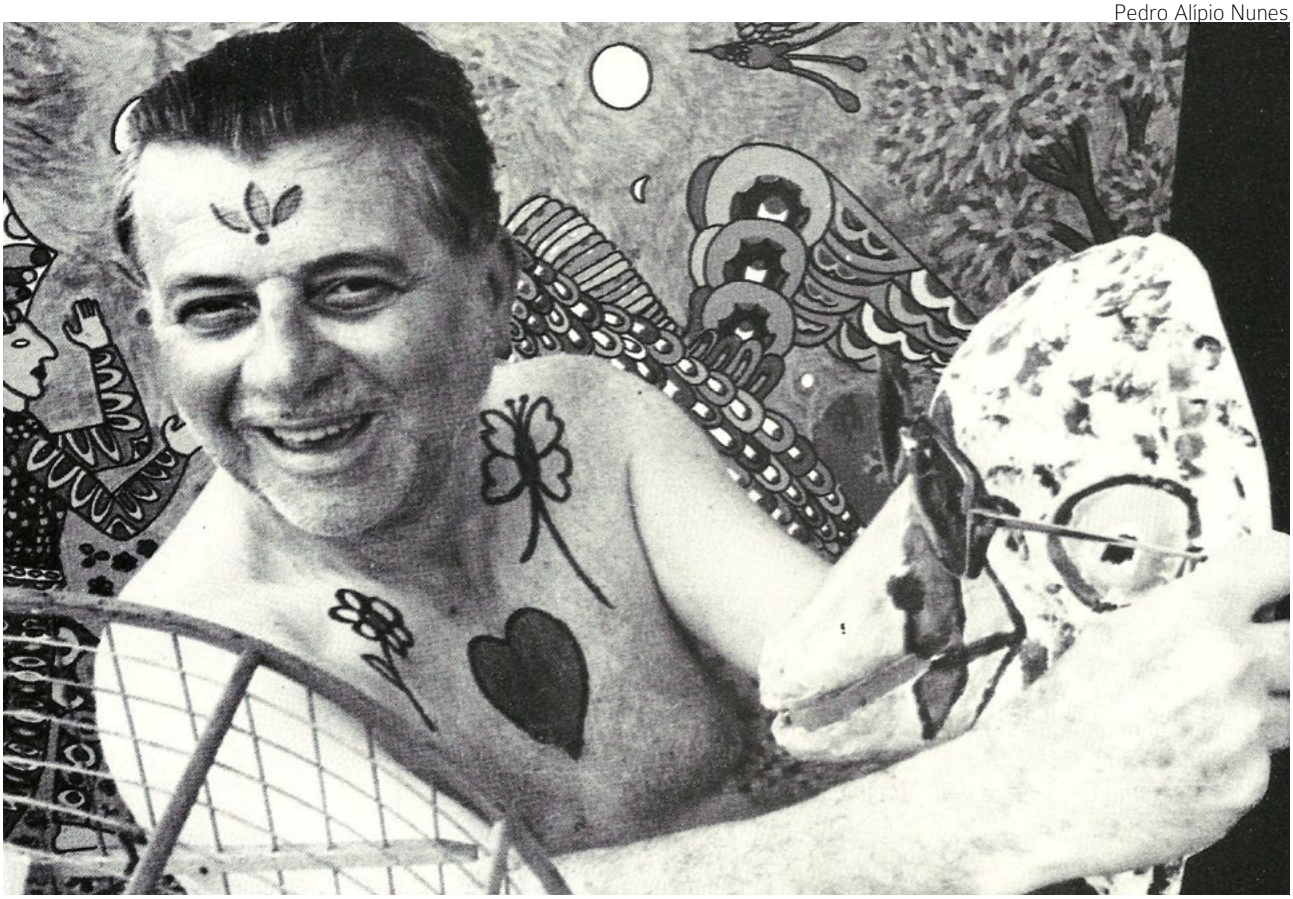
Curadoria e organização: Bebel Orofino
Consultoria: Gelci José Coelho (Peninha)
Apoio: Maria Aparecida Adriana da Matta
Fotografia: Nilva Damian
Diagramação: Marli Henicka
Assessoria de imprensa: Rogerio Mosimann
Molduras: Artca Molduras – Ricardo Ramos

Realização
Movimento Baile Místico. Conselho Curador: Sandra Makowiecky, Gelci José Coelho (Peninha), Sílvia Lenzi, Vera Collaço, Sandra Ramalho e Oliveira, Sandra Meyer Nunes, Zena Becker, Maria Isabel Orofino (Bebel), Roseli Pereira, Laudelino José Sardá, Roberto Costa.

Museu da Escola Catarinense – MESC/UDESC
Associação FloripAmanhã
Ondina Editora

HOMENAGEADO DO ANO 2020/21

Pedro Alípio Nunes



ERNESTO MEYER FILHO, NOSSO EMBAIXADOR PLENIPOTENCIÁRIO EM MARTE. PINTOR E ARTISTA, EXPOENTE DO RICO UNIVERSO FANTÁSTICO E MITOLOGIA DA ILHA. AUTOR DE PERSONAGENS RAROS COMO GALOS SUNTUOSOS, HABITANTES DOS JARDINS DO PLANETA MARTE, SEREIAS, CENTAUROS CÓSMICOS E MUITOS OUTROS SERES SIDERAIS. A ELE, AUTOR DESTA OBRA MONUMENTAL, O NOSSO ETERNO AGRADECIMENTO. SALVE MEYER FILHO!

AGRADECIMENTOS

A FORÇA DA UNIÃO

Ao artista Ernesto Meyer Filho (em memória).

Ao conselho curador do Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina: Sandra Makowiecky, Gelci José Coelho (Peninha), Sílvia Lenzi, Vera Collaço, Sandra Ramalho e Oliveira, Sandra Meyer Nunes, Zena Becker, Roseli Pereira, Laudelino José Sardá, Roberto Costa e Bebel Orofino.

Aos artistas Rodrigo Rizo e Tuane Ferreira.

Ao produtor cultural Victor Moraes.

Ao Grande Grupo do Baile Místico, este coletivo maravilhoso, todos colaboradores! Em especial a: Jackson Cardoso, Denise de Castro, Alessandra Gutierrez, Márcia Regina Teschner, Valdir Agostinho, Fernando Guedert, Cassiano Reinaldin, Kalina Marinho da Costa, Andrea Rihl, Clarissa Flôr, Jone César de Araújo, Juciléia Borges, Lúcia Prazeres, Luiza Filippo, Nilva Damian e Sandra Puente. E aos nossos parceiros: do *Bloco Berbigão do Boca* e seus emblemáticos bonecos Rodolfo Kowalski, Nado Garofallis e Alan Cardoso.

Aos fotógrafos Marco Cezar, Pedro Alípio Nunes e Guilherme Schaefer.

Aos jornalistas Rogério Mosimann, Luciana de Moraes e Cacau Menezes.

Às coordenadoras do Linhas do Corpo – Projetos Bordados: Susan Mariot e Priscila Gobbi e às 29 bordadeiras que honraram Meyer Filho.

À querida Dete Piazza, vulgo Salomé, pelo apoio com o seu profundo conhecimento e amor por nossa Língua Portuguesa.

Este projeto é uma realização de: Museu da Escola Catarinense (MESC/UDESC), Associação FloripAmanhã, Instituto Meyer Filho

Conta com o patrocínio de: Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – Edição 2020, Fundação Catarinense de Cultura (FCC)

A doação de ENGIE

Apoio cidadão de Sr. Sérgio dos Reis (síndico Ed. Florêncio Costa – Galeria Comasa), Sr. Irineu Berardi Meireles, Sr. Édio Nunes, Dr. Luiz Alberto Silveira

Apoio Institucional de: Centro de Artes (CEART/UDESC), Comissão de Arte Pública de Florianópolis (COMAP), Colormar Tintas, Tintas Coral – Tudo de Cor, Street Art Tour, 30 Por Segundo, Ondina Editora e Lojas Koerich – Gente Boa. Gente Nossa.

A MANDALA DO BAILE MÍSTICO COM ALGUNS DE SEUS INTEGRANTES. A PARTIR DO CENTRO E EM SENTIDO HORÁRIO, NOS DOIS CÍRCULOS, EXTERNO E INTERNO ESTÃO: GELCI JOSÉ COELHO (PENINHA), DENISE DE CASTRO, SILVIA LENZI, KALINA MARINHO DA COSTA, CIDA ADRIANA DA MATTA, VICTOR MORAES, LAUDELINO SARDÁ, ROBERTO COSTA, SANDRA RAMALHO, SANDRA MEYER NUNES, VERA COLLAÇO, BEBEL OROFINO, LUIZA FILIPPO, ALESSANDRA GUTIERREZ, LETÍCIA MARTINS, SANDRA MAKOWIECKY, ZENA BECKER E ROSELI PEREIRA.

Marco Cezar

HINO DO BAILE MÍSTICO

Letra e música de Bebel Orofino

Ondina vai chamar
As filhas e os filhos do nosso lugar
Porque hoje tem música, dança e festa, Iemanjá
N'um pedacinho de terra perdido no mar", Ondina (BIS)

O velho bruxo falou
Que nas águas do sul mundo
Onde há o mar de um azul profundo
Onde Caboto aportou

E ali se apaixonou
Pelo encanto e perfume das suas matas
Sentiu saudades da sua amada
E à Santa Catarina implorou

Santa Catarina de Alexandria
Protegei o Baile Místico
A linda festa da Ilha da Magia (BIS)

PATROCÍNIO

DOAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO

ISBN: 978-65-88565-59-9